

APPENSO

AO

BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO XI—N.º 8

- da villa de Santarem—P.^o Luiz Duarte Villela da Silva (Lisboa, 1817).
- 728 Memorias historicas da villa da Povia de Varzim. Escriptas no anno de 1758—Francisco Felix Marques da Veiga Leal («Gazeta da Povia de Varzim», de 1871).
- 729 Memorias para a historia de el-Rei Fidelissimo o Senhor D. Pedro v e de seus Augustos Irmãos—Francisco Antonio Martins Bastos (1863).
- 730 Memorias para a historia de Portugal—José Gomes da Silva.
- 731 Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Evora —Antonio Rosado Bravo (Ms. da Bibl. Nac. de Lisboa, A, 4, 12).
- 732 Memorias para a historia ecclesiastica de Braga—D. Jeronymo Contador de Argote.
- 733 Memorias para a historia ecclesiastica do bispado da Guarda —M. Pereira da Silva Leal (Lisboa, 1729).
- 734 Memorias para a vida da Beata Mafalda—Fr. Fortunato de S. Boaventura.
- 735 Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo —Innocencio Francisco da Silva (Publ. pelo Dr. Theophilo Braga, 1899).
- 736 Memorias historicas, pertencentes aos templos divinos, e quaes são os mais insignes na côrte de Lisboa—Luiz Gonzaga Pereira (1844).
- 737 Memorias historicas, politicas e civis, em que se descrevem os mais importantes successos occorridos em Portugal desde 1774 até 1804, extrahidas fielmente do original do auctor, o Dr. José Pedro Ferraz Gramoza, por Francisco Maria dos Santos.
- 738 Memorias historicas que do logar de Cuba escreve no anno de 1742 Fr. Francisco de Oliveira, da ordem dos prégadores. (Ineditas).
- 739 Memorias relativas ao arcebispado de Braga (Ms. da Bibliotheca Publica do Porto, D, 4, 760).
- 740 Memorias resuscitadas da antiga Guimarães em 1692—P.^o Torquato Peixoto de Azevedo (Porto, 1845).
- 741 Memorias resuscitadas da provincia de Entre Douro e Minho —Francisco Xavier da Serra Crasbeeck.
- 742 Memorias sobre a antiguidade—Dr. Antonio dos Santos Rocha.
- 743 Memorias sobre os processos de vinificação empregados nos

- principaes centros vinhateiros do continente do reino — pela
commissão nomeada em agosto de 1866.
- 744 Mes vacances en Espagne — Edgar Quinet.
- 745 Mestre d'Aviz, rom. — Rocha Martins.
- 746 Mestre Gil, rom. — Alexandre Herculano (Publ. no «Panorama», vol. 2.^o da 1.^a série).
- 747 Milliaris do Conventus Bracaraugustanus em Portugal. Reliquias d'epigraphia romana, trasladadas dos proprios monumentos — P.^e Manuel José Martins Capella.
- 748 Minhas (As) queridas freirinhas de Odivellas — Manuel Bernardes Branco.
- 749 Minho (O) e suas culturas — Visconde de Villarinho de S. Romão (1902).
- 750 Minho (O) Pittoresco — José Augusto Vieira (Ilustrações).
- 751 Miscellanea do sitio de N. S.^a da Luz de Pedrogão Grande, apparecimento da sua sancta imagem, fundação do seu convento, e da see de Lisboa, expugnação della, perda de el-rei Sebastiam. E que seja Nobreza, Senhor, Senhoria, Vassallo d'el-Rei, Rico-homem, Infanção, Corte, Cortezia, Mizura, Reverencia, e Tirar o chapeo, e prodigios. Com muitas curiosidades e poesias diversas — Miguel Leitão de Andrada (Lisboa, 1629. Reimpr. em 1867).
- 752 Miscellanea historico-romantica — A. F. Barata (Barcellos, 1878).
- 753 Misericordia (A) de Lisboa — Victor Ribeiro (Mem. apresentada á 2.^a classe da Acad. R. das Sciencias de Lisboa em Fevereiro de 1901).
- 754 Misericordias (As) — Costa Goodolphim.
- 755 Missão (A) de Portugal e o monumento de Thomar (conferencia realisada no Convento de Christo no dia da excursão scientifica da Sociedade de Geographia de Lisboa á cidade de Thomar) — Vieira Guimarães (Lisboa, 1905).
- 756 Mocidade de D. João v, rom. — Luiz Augusto Rebello da Silva.
- 757 Mocidade de Gil Vicente (o poeta) Quadros da vida portugueza nos seculos xv e xvi — Visconde de Castilho (Julio).
- 758 Monarchia Lusitana — Fr. Bernardo de Brito.
- 759 Monastère (Le) de Notre Dame de la Victoire. A Batalha. Portugal. Excursion — Eduardo Coelho (fundador do «Diario de Noticias»).
- 760 Monastère (Le) de Batalha — Eduardo Coelho, Filho (1898).
- 761 Monge (O) de Cister — A. Herculano.

- 762 Monja (A) de Cister—A. F. Barata.
- 763 Monjas (As) de Semide—Lino d'Assumpção.
- 764 Monographia de Alvor—Dr. Francisco X. de Ataíde Oliveira (Porto, 1907).
- 765 Monographia da Coelhoza, conc. de Macieira de Cambra—Ayres Martins.
- 766 Monographia da igreja de Santa Maria do Castello de Abrantes—Francisco Alves Coutinho («Boletim da R. A. dos Architectos e Archeologos Portuguezes, 1876, pag. 140).
- 767 Monographia de Algós—Dr. Ataíde Oliveira (1905).
- 768 Monographia de Borba (Na «Voz de Extremoz», 1898, n.º 80 e segg.)
- 769 Monographia de Bragança e Bemquerença—Albino dos Santos Pereira Lopo.
- 770 Monographia de Castello Branco—Antonio Roxo.
- 771 Monographia de Guimarães—Abade de Tagilde (1905).
- 772 Monographia de S. Christovão de Nogueira («Archeologo Português», VIII, 58 e segg.)
- 773 Monographia do concelho de Almada—Conde de Sabugosa («Serões», 2.ª série, n.ºs 1 e 2).
- 774 Monographia do concelho de Bouças—Fr. Fernando Godinho de Faria (1899).
- 775 Monographia do concelho de Loulé—Dr. Ataíde Oliveira (1905).
- 776 Monographia do concelho de Moura («Bol. da Direcção geral de agricultura», n.º 2, 1895).
- 777 Monographia do concelho de Olhão da Restauração—Dr. Ataíde Oliveira (1906).
- 778 Monographia do concelho de Portel («Bol. da Direcção geral de agricultura», (n.º 10, 1897).
- 779 Monographia do concelho de S. Thiago do Cacem («Bol. da Dir. geral de agricult.», n.º 9, 1894).
- 780 Monographia do concelho de Villa Real de Santo Antonio—F. X. de Ataíde Oliveira (1908).
- 781 Monographia do concelho do Barreiro—Eugenio de Freitas Bandeira de Mello («Bol. da Dir. geral de agricult.», pag. 1137 a 1179, 1897).
- 782 Monographia e estatistica agricola do concelho de Evora («Bol. da Direcção geral de agricult.», n.º 3, VII anno).
- 783 Monstruosidades do tempo e da fortuna, divulg. por Graça Barreto (João Augusto da).

- 784 Monumento (O) ao general marquez de Sá da Bandeira na praça de D. Luiz I em Lisboa. Noticia historica—Henrique de Barros Gomes.
- 785 Monumento (O) de Arnosa de Pampelido, logar do desembarque de S. M. I. o Sr. D. Pedro á frente do exercito libertador em 8 de julho de 1832. Collocação da sua pedra fundamental (Porto, 1840).
- 786 Monumento (O) de Mafra—Joaquim da Conceição Gomes (1906).
- 787 Monumento de Mafra. Palestra associativa—J. Lino de Carvalho.
- 788 Monumento sacro da fabrica e solemniſsima sagração da Basílica do convento de Mafra—Fr. João de S. José do Prado (Lisboa, 1751).
- 789 Monumentos archeologicos de Chellas existentes no Museu do Carmo—J. J. d'Ascensão Valdez.
- 790 Monumentos, curiosidades e pontos de vista na cidade de Santarem (Pag. avulso, em papel de côr, distribuida em 1897 por occasião da digressão recreativa de varias aggremações áquella cidade).
- 791 Monumentos das ordens militares do Templo e de Christo em Thomar—José Antonio dos Santos (Lisboa, 1879).
- 792 Monumentos de Portugal, historicos, artisticos e archeologicos—Ignacio de Vilhena Barbosa.
- 793 Monumentos e lendas de Santarem—Zephyrino Brandão.
- 794 Monumentos Nacionaes—Mendes Leal.
- 795 Monumentos sacros existentes em Lisboa em 1833 (Ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa).
- 796 Mosaico e sylvá de curiosidades historicas, litterarias e biographicas—Camillo Castello Branco.
- 797 Mosteiro (O) de Alcobaça. Notas historicas—M. Vieira Natividade.
- 798 Mosteiro (O) de Arouca. Lenda historica—A. F. d'Araujo e Silva.
- 799 Mosteiro (O) de Belem—J. P. N. da Silva.
- 800 Mosteiro de Belem. Relação da insigne e Real Casa Pia de Santa Maria de Belem—Jacinto de S. Miguel. Accrescent. de notas e bibliographia—Martinho da Fonseca.
- 801 Mosteiro de N. S.^a do Monfe do Carmo—F. M. A. (Lisboa, 1877).
- 802 Mosteiro (O) de Odivellas—A. C. Borges de Figueiredo.

- 803 Mosteiro (O) de Santa Cruz de Coimbra. Anotações e documentos—Dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo.
- 804 Mosteiro dos Jeronymos. Historia da sua origem e rapida descripção das suas bellezas—Cesar da Silva. Prefacio de—Francisco Simões Margiochi.
- 805 Mosteiro e igreja da Madre de Deus—Liberato Telles (1899).
- 806 Mosteiros (Os) de Lorvão e de Santa Clara e o templo da Sé Velha—Rev. Bispo de Coimbra (com fac-sim. de uma carta de S. M. a Rainha D. Amelia).
- 807 Mosteiros reaes—Mimoso Roiz.
- 808 Motim (Um) ha cem annos, rom.—Arnaldo Gama.
- 809 Municipio de Agueda—João A. Marques Gomes («Hist. do municipalismo em Portugal», pag. 456 e segg.)
- 810 Municipio (O) de Cadaval—(1856).
- 811 Municipio (O) de Lisboa e as casas da sua camara—Agostinho Gonçalves Picotas Falcão.
- 812 Municipio (O) de Obidos (Lisboa, 1856).
- 813 Murtosa (A). A proposito da sua autonomia—J. M. Barbosa (Aveiro, 1899).
- 814 Museu de miscellanea historica—publ. por J. Arsejas (1864).
- 815 Museu (O) do Carmo—Gabriel Pereira.
- 816 Museu (O) municipal da Figueira da Foz. Catalogo geral com indicação dos escriptos e desenhos que se teem publicado sobre muitos dos objectos catalogados—Dr. Antonio dos Santos Rocha (Figueira, 1905).
- 817 Museu (O) municipal do Porto—A. A. da Rocha Peixoto (Porto, 1889).
- 818 Museu nacional de Bellas Artes. Aspecto geral—Gabriel Pereira.
- 819 Museu (O) portuense. Jornal de história, artes e sciencias, industrias e bellas letras. (Porto, 1839; 12 numeros).
- 820 Mystérios do Porto—Gervasio Lobato.
- 821 Neuestes Gemalde von Lissabon (Leipzig, 1799).
- 822 Niza a velha e fundação de Niza a Nova (No livro «Varios opusculos»—José Diniz da Graça Motta e Moura. Lisboa, 1885).
- 823 Nobiliario do Conde D. Pedro.
- 824 Noções elementares de archeologia. Obra illustrada com 324 gravuras e uma introduccão do sr. I. de Vilhena Barbosa—Joaquim Possidonio Narciso da Silva (1888).

- 825 Noções historicas e criticas ácerca dos objectos antigos e apreciaveis da Sé primacial de Braga na exposição archeologica no Palacio de Crystal Portuense—Bernardino José Senna Freitas (Braga, 1867).
- 826 Noites de Cintra—Alberto Pimentel.
- 827 Noites de insomnia—Camillo Castello Branco.
- 828 Nomenclatura geographica. Subsídios para a restauração da toponymia em lingua portugueza—Fortunato de Almeida (No «Instituto», vol. 55.^o, n.^o 14 e segg.)
- 829 No Minho—D. Antonio da Costa.
- 830 No tempo dos francezes—Francisco da Fonseca Benevides.
- 831 Nossa (A) Patria. Revista illustrada da vida portugueza—Director, Alberto Bessa.
- 832 Notas a lapis—D. C. Sanches de Frias.
- 833 Notas d'archeologia. Os castellos ou montes fortificados da Colla e Castro Verde. O dolmen furado da Candieira. Ruinas da Citania de Briteiros.—Gabriel Pereira.
- 834 Notas historicas ácerca de Serpa—Conde de Ficalho (Na revista «A Tradição», de Serpa).
- 835 Note sur le parc de la Liberté à Lisbonne—Ch. Joly (Paris, 1887, 24 pag.)
- 836 Notice sur l'Asylo de D. Pedro v pour l'enfance indigente établi à Campo Grande (1873).
- 837 Notice sur les monuments mégalithiques du Portugal—Possidonio da Silva.
- 838 Notice sur quelques monuments historiques portugais—Manuel Roquette.
- 839 Noticia apresentada na 1.^a sessão do congresso de prehistoria de França realisada em Perigueux em Setembro-Outubro de 1905—F. Tavares de Proença.
- 840 Noticia archeologica das Caldas de Vizella.
- 841 Noticia da fonte das Almas, situada no termo da villa de Santarem—P.^o Luiz Montez Matoso (Lisboa, 1748).
- 842 Noticia da villa de Pederneira. (No folh. «A Senhora da Nazareth» por J. L. da Silva).
- 843 Noticia das thermas de Caldellas—José C. A. Motta Junior (1895).
- 844 Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos—Carlos Ribeiro.
- 845 Noticia de alguns livros illuminados que se guardam no archivo real, ou cartorio de todo o reino, dos illuminadores portu-

- guezes até ao sec. XVIII e do estabelecim. em Portugal da Torre do Tombo—Abb.º A. D. Castro e Sousa (1860).
- 846 Noticia de alguns pintores portuguezes—Dr. F. M. de Sousa Viterbo.
- 847 Noticia de Cintra, seus edificios e arredores—Joaquim da Conceição Gomes.
- 848 Noticia descriptiva da muito nobre e antiga villa de Barcellos—A. M. do Amaral Ribeiro.
- 849 Noticia descriptiva e historica da cidade de Thomar—Dr. João Maria de Sousa (Thomar, 1903).
- 850 Noticia do chafariz de Pedrouços—Francisco Simões Ratolla (1907).
- 851 Noticia do convento de S. Francisco da Cidade e incendio em 30 de Novembro de 1731—M. da Silva Pimentel.
- 852 Noticia do que foi hontem e do que é hoje a villa das Caldas da Rainha. Extracto do compromisso de D. Leonor. Agua das Caldas, sua composição e uso. Noticia sobre a villa de Obidos. Censo do districto administrativo de Leiria.—Silvano Armand Lopes.
- 853 Noticia dos monumentos nacionaes e edificios e logares notaveis do concelho de Setubal—Manuel Maria Portella.
- 854 Noticia geral da villa de Barcellos—Pereira Caldas (Braga, 1871).
- 855 Noticia historica da antiguidade de S. Martinho de Mouros—Joaquim de Carvalho Azevedo Mello e Faro («Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol.», 1874, pag. 62).
- 856 Noticia historica das cidades, villas e casas illustres da provincia do Minho—Rev. Dr. Antonio Lopes de Figueiredo (1873).
- 857 Noticia historica das ordens religiosas (1831).
- 858 Noticia historica do hospital das Caldas da Rainha—Dr. Thomás de Carvalho («Annaes das Sciencias e letras da Academia R. das Sciencias de Lisboa», 1857).
- 859 Noticia historica do mosteiro da Vaccariça doado á Sé de Coimbra em 1094 e da série chronologica dos bispos desta cidade desde 1064 em que foi tomada aos mouros, dividida em duas partes (4 folhetos)—Miguel Ribeiro de Vasconcellos.
- 860 Noticia historica e descriptiva de Pontevel—José Joaquim d'Ascensão Valdez.
- 861 Noticia historica e descriptiva do Real Observatorio Astronomico de Lisboa—José Silvestre Ribeiro (1871).

- 862 Noticia historica e descriptiva da Sé velha de Coimbra—Augusto Mendes Simões de Castro.
- 863 Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem—Francisco Adolpho Varnaghen.
- 864 Noticia historica e estatistica do palacio e real tapada de Villa Viçosa—Agostinho Augusto Cabral (1889).
- 865 Noticia historica e topographica da villa de Goes e seu termo—J. Affonso Baeta Neves (1897).
- 866 Noticia historico-descriptiva do mosteiro e igreja de S. Marcos («Jornal de Cantanhede», n.ºs 115 a 131; 1891).
- 867 Noticia sobre a fundação do mosteiro e igreja da Madre de Deus—Joaquim Ferreira dos Santos Firmo.
- 868 Noticia topographica das Caldas das Taipas no concelho de Guimarães—Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas (Braga, 1854).
- 869 Noticia topographica e physica do Gerez—Dr. José Pinto Rebello de Carvalho (Porto, 1848).
- 870 Noticia veridica dos acontecimentos que tiveram logar no cerco do Porto no anno de 1832-33 (Pernambuco, 1841).
- 871 Noticiador da cidade do Porto para o anno de 1843.
- 872 Noticias archeologicas de Portugal—Dr. E. Hübner; Tradução—Augusto Soromenho.
- 873 Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal com algumas notas e indicações bibliographicas—Eduardo Rocha Dias. (Separata do «Boletim da R. A. dos Architectos e Archeologos Portuguezes»). Referencias a publicações em que se trata da historia de numerosas localidades mencionadas por ordem alphabetica.
- 874 Noticias da villa de Torres Vedras (Ms. da Bibl. Nacional de Lisboa).
- 875 Noticias de Braga—Luiz Alvares de Figueiredo (Ms. da Bibl. Nac. de Lisboa, A 1, 25, 26).
- 876 Noticias de Carnide (continuação de «O lindo sitio de Carnide»—Gabriel Pereira.
- 877 Noticia de Penella. Apontamentos historicos e archeologicos—Delphim José de Oliveira.
- 878 Noticias de Portugal—Manuel Severim de Faria.
- 879 Noticias e descripção de um sarcophago romano descoberto no Alentejo e comprado para o Museu do Porto. Noticia de uma moeda inedita cunhada pelos wisigodos no Porto em fins do seculo VI (Porto, 1862-67).

- 880 Noticias escriptas pelo dr. Pereira Caldas a pag. 133 e segg. da «Viagem dos imperadores do Brasil em Portugal» por José Alberto Corte Real, M. A. da Silva Rocha e A. Mendes Simões de Castro (Coimbra, 1872).
- 881 Noticias historicas de Vizeu—José de Oliveira Berardo («Liberal», 6 de Maio a 24 junho 1857).
- 882 Noticias interessantes da Real villa das Caldas, com alguns mappas curiosos, no anno de 1797 e 1798, com estampas (Ms. da Bibl. Nac. de Lisboa).
- 883 Noticias manuscriptas sobre a comarca de Coimbra—Bartholomeu de Macedo Malheiro.
- 884 Noticias relativas a Guimarães—Manuel Caetano de Sousa.
- 885 Noticias relativas á villa de Chaves—Thomé de Tavora e Abreu.
- 886 Noticias sobre Leiria e seu termo remetidas no anno de 1721 á Academia Real da Historia Portugueza (Ms. da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, x, 503).
- 887 Nouvelle Revue historique de droit français et étranger—1878.
- 888 Nova descripção de Lisboa e dos seus arredores e de Cintra, Pena e Mafra—Carlos Lindemann (Lisboa, 1853).
- 889 Novas inscripções romanas de Braga (ineditas)—Albano Bellino.
- 890 Novo almanach de lembranças luso-brasileiro.
- 891 Novo guia do viajante em Coimbra e seus arredores—Augusto Mendes Simões de Castro.
- 892 Novo hospital D. Luiz I da Santa Casa da Misericordia de Lamego. Rel. da sua fundação... por Antonio Albino de Andrade (Lamego, 1893).
- 893 Obras do poeta Chiado, colligidas, annotadas e prefaciadas por Alberto Pimentel.
- 894 Obras do porto de Lisboa. Conferencias feitas na Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes e na Sociedade de Geographia de Lisboa em 1889, 1892 e 1896—João Verissimo Mendes Guerreiro.
- 895 Obras (As) dos Jeronymos. Parecer apresentado á Commissão dos melhoramentos nacionaes pelo seu Vice-presidente—Luciano Cordeiro.
- 896 Observações á «Citania do Dr. Emilio Hübner»—Dr. F. Martins Sarmiento.
- 897 Observador (jornal de Viseu, 1871).
- 898 O Occidente—revista illustrada de Portugal e do estrangeiro.

- 899 Oito dias no Minho—G. C. (Joaquim Guilherme da Costa Caldas).
- 900 Opúsculo de considerações historicas sobre a edificação da cathedral de Bragança—Conego Manuel A. Pires (Porto, 1882).
- 901 Opusculos—Alexandre Herculano.
- 902 Ordem (A) de Christo—Dr. Vieira Guimarães.
- 903 Origem da guarda real dos alabardeiros, hoje archeiros do paço—Abb.º A. D. de Castro e Sousa (1849).
- 904 Origem do Real Hospital e da Villa das Caldas da Rainha—D. Luiz Vermell y Busquets.
- 905 Paço (O) de Cintra. Desenhos de S. M. a Rainha a Senhora D. Amelia; apontamentos historicos e archeologicos—Conde de Sabugosa; collaboração artistica—E. Casanova e R. Lino (1903).
- 906 Paço (O) de Cintra (Edição de luxo, in-folio, s. n. a., 1886).
- 907 Paços reaes. Palestra associativa—A. J. Mimoso Ruiz.
- 908 Palacio (O) de crystal portuense—Conde de Samodães (Porto, 1890).
- 909 Panorama (O). Jornal litterario e instructivo da Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis.
- 910 Panorama photographico de Portugal—Dr. Augusto Mendes Simões de Castro.
- 911 Papeis (Os) de meu pae—Eduardo Montufar Barreiros (1904).
- 912 Papeis velhos—A. A. Teixeira de Vasconcellos.
- 913 Parecer anatomico, historico, critico e juridico sobre a «Disserção historica e critica de uma inscripção que existe no Campo de Sant'Anna na cidade de Braga, e da figura gravada em uma moeda de Julio Cesar»—Dr. Egidio Albornos de Macedo (pseudon. de Jeronymo Contador de Argote).
- 914 Particularidades e origem do Sanctuario do Bom Jesus do Monte de Braga—M. A. Vieira de Araujo.
- 915 Parvonia (A). Recordações de viagem—Marcos Pinto (pseudon. do dr. Manuel Bento de Sousa).
- 916 Passeios na provincia—Eduardo Coelho (1893).
- 917 Patrie (La) portugaise—M.^{me} Adam (Juliette Lamber).
- 918 Pedrouços—F. Simões Ratolla.
- 919 Pelourinho (O) de Cintra—Antonio Cesar Mena Junior.
- 920 Penafiel hontem e hoje—Coriolano de Freitas Beça (Additamento a esta obra publ. em 1898).

- 921 Peregrinação de Childe Harold, poema de lord Byron—Trad. por Alberto Telles.
- 922 Peregrino ligeiro e estudante perfeito das antiguidades de Lisboa, Santarem, Leiria, Pómbal e Coimbra—Joaquim da Silva Pereira (1786—Ms.).
- 923 Pero Gallego, jornal de Vianna, abril de 1882.
- 924 Photographias de Lisboa—Alberto Pimentel.
- 925 Picture (A) of Lisbon, taken on the spot: being a description moral, civil, political, physical, and religious, of that capital; etc.; by a gentleman many years resident at Lisbon (London, 1809).
- 926 Plan de Lisbonne. Planta de Lisboa. Plan of Lisbon (1880).
- 927 Plano de melhoramentos da cidade do Porto, apresentado á Camara Municipal em sessão de 26 de Setembro de 1881—Dr. J. A. de Barros.
- 928 Plans, elevations, sections and views of the church of Batalha—James Cavanah Murphy (illustrated with 27 plates).
- 929 Planta da villa dos Arcos. Desenhada pelo engenheiro conductor Fortunato Anselmo Damasio em 17 de Dezembro de 1855.
- 930 Planta de Lisboa—J. V. de Freitas (1905).
- 931 Planta e descripção minuciosa do edificio da Penitenciaria situado em Campolide (Lisboa, 1885).
- 932 Planta e roteiro da cidade de Lisboa e seus arredores com os melhoramentos construidos, projectados e em construcção—A. A. Martins (1887).
- 933 Planta geral da cidade de Lisboa—Carlos Pezerat e Francisco e Cesar Goullard (1856).
- 934 Planta topographica de Coimbra—Isidoro Emilio Baptista.
- 935 Poeta (O) Chiado (Novas investigações sobre a sua vida e escriptos)—Alberto Pimentel.
- 936 Pombeiro da Beira. Mem. historica, descriptiva e critica—Visconde de Sanches de Frias (1.^a ed., 1896; 2.^a ed., 1899).
- 937 Porta (A) do Paraiso. Chronica do rein. de D. Pedro v—Alberto Pimentel.
- 938 Porto (O) de Vianna do Castello—Adolpho Loureiro.
- 939 Porto (O) antigo—Gonçalves Coelho («Portugal artistico», 1905).
- 940 Porto (O) ha trinta annos—Alberto Pimentel.
- 941 Porto (O) invadido e libertado. Poema—Antonio Joaquim de Mesquita e Mello (Lisboa, 1815).

- 942 Porto (O) na berlinda—Alberto Pimentel.
- 943 Porto (O) por fóra e por dentro—Alberto Pimentel.
- 944 Portos (Os) marítimos de Portugal e ilhas adjacentes—Adolpho Ferreira Loureiro.
- 945 Portugal. Contingente da Associação dos Engenheiros Civis portugueses.
- 946 Portugal. Dicionário illustrado com photogravuras, historico, biographico, geographico, etc.
- 947 Portugal antigo e moderno. Dicionário geographico, estatístico, corographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias, etc.—Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal.
- 948 Portugal. Recordações do anno de 1842—Príncipe Lichnowsky.
- 949 Portugal e os Estrangeiros—Manuel Bernardes Branco.
- 950 Portugal, von der Guadiana zum Minho—Ricardo Kessler (Stuttgart, 1903).
- 951 Portugal (Le) au point de vue agricole. Ouvrage publié sous la direction de B. C. Cincinnato da Costa et D. Luiz de Castro. Collaborateurs: Comte de Ficalho, Paul Choffat, Filippe E. d'Almeida Figueiredo, Julio A. Henriques, Paula Nogueira, Cincinnato da Costa, Larcher Marçal, S. Monte Pereira, Rodrigues de Moraes, Menezes Pimentel, Telles de Menezes, Pedro Roberto da Cunha e Silva, Anselmo de Andrade, D. Luiz de Castro (Lisbonne, Imp. Nationale, 1900).
- 952 Portugal (Le) à vol d'oiseau—Princeza Rattazzi.
- 953 Portugal artistico. Publicação mensal em portuguez e francez (1853-55).
- 954 Portugal artistico—Director, Eduardo Sequeira (650 illustrações, 1.^a série, 1905).
- 955 Portugal artistico e monumental.
- 956 Portugal contemporaneo—Augusto Forjaz Pereira de Sampaio (726 grav.—Rio de Janeiro, 1905).
- 957 Portugal de cabelleira—Alberto Pimentel
- 958 Portugal de relance—Maria Rattazzi. Trad.—Guiomar Torreção (1881).
- 959 Portugal (Le) géographique, administratif, ethnologique, littéraire, artistique, historique, politique, colonial, etc. (Librairie Larousse).
- 960 Portugal pittoresco ou descripção historica deste reino—Fernando Denis.

- 961 Portugal prehistorico — Leite de Vasconcellos («Bibl. do povo»).
- 962 Portugal sacro profano, ou catalogo alfabetico de todas as freguezias dos reinos de Portugal e Algarve: das egrejas com seus oragos: do titulo dos Parocos, e annual rendimento de cada huma: dos Padroeiros, que apresentam: juntamente com as leguas de distancia da Metropoli do reino e da cidade principal e cabeça do Bispado, com o numero dos fogos, etc.—Paulo Dias de Niza (1757-68).
- 963 Portugalia — Materiaes para o estudo do povo portuguez.
- 964 Portugalia Monumenta Historica (Public. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa).
- 965 Povo (O) portuguez nos seus costumes, crenças e tradições — Dr. Theophilo Braga.
- 966 Povos balsenses, sua situação geographico-physica indicada por dous monumentos romanos — S. P. M. Estacio da Veiga (Lisboa, 1866).
- 967 Praia (A) da Nazareth. O seu passado e descripção da actualidade — Joaquim C. Poças Junior (Alcobaça, 1901).
- 968 Praias (As) de Portugal — Ramalho Ortigão.
- 969 Primeira parte da fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa, e seus varoens illustres em sanctidade, armas e letras. Catalogo de seus prelados e mais cousas ecclesiasticas e politicas até ao anno 1177 em que foi ganhada aos mouros por el-rey D. Afonso Henriques. Dedicada ao illustre e inclito senado della.—Luiz Marinho de Azevedo (Lisboa, Offic. craesbeeckiana, 1652).
- 970 Primeiro (O) de Dezembro. Jornal de Leiria (1900).
- 971 Primeiros (Os) trabalhos litterarios do P.º Francisco da Silva Figueira (Contém uma descripção de Carnaxide).
- 972 Privilegios dos cidadãos da cidade do Porto concedidos novamente por El-Rei D. Filippe 2.º (Porto, 1878-4.º).
- 973 Prophécia (A) ou a edificação do mosteiro de Jesus: chronica setubalense — Henrique Augusto da Cunha Soares Freire (Lisboa, 1864).
- 974 Publicação commemorativa da festividade celebrada pelo antigo cirio de Setubal. 1896. (Escriptos de J. Rasteiro, Manuel M. Portella, Oliveira Parreira, Paulino de Oliveira, D. Anna de Castro Osorio, Arronches Junqueiro, João Fernandes).
- 975 Pulpito (O) da egreja de Santa Cruz de Coimbra ou a joia artistica em pedra mais formosa de Portugal. Allegorias e al-

- lusões que contém, interpretadas e descriptas—D. Luiz Vermell y Busquets (o Peregrino hespanhol). Coimbra, 1880.
- 976 Quadro da Provincia da Beira Baixa. Monumentos archeologicos e biographia de alguns varões illustres da mesma provincia—J. I. C. (José Ignacio Cardoso). 1861.
- 977 Quadros historicos—Antonio Feliciano de Castilho.
- 978 Quatro dias na serra da Estrella—Emygdio Navarro.
- 979 Questões medico-militares. Estudos sobre os quartéis da guarnição de Lisboa—A. M. da Cunha Bellem (1890).
- 980 Question Cetobriga. Recherches archéologiques sur la ville de Troia—Eugenio de Fontainieu (Bordeaux, 1875).
- 981 Rainha (A) Santa (D. Izabel de Aragão) rom. hist.—Armando da Silva e Caldas Cordeiro.
- 982 Rainhas de Portugal—Francisco da Fonseca Benevides.
- 983 Ramalhete, t. vi (1833).
- 984 Rancho (O) da Carqueja—Antonio Francisco Barata (1904).
- 985 Raparigas abandonadas (Asylo de N. S.^a da Conceição para). Sua fundação (Lisboa, 1860).
- 986 Real (O) observatorio astronomico de Lisboa. Not. historica e descriptiva—José Silvestre Ribeiro.
- 987 Real (O) theatro de S. Carlos de Lisboa desde a sua fundação em 1793 até á actualidade. Estudo historico—Francisco da Fonseca Benevides. (2 volumes).
- 988 Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobaca and Batalha—By the author of *Vathek* (William Beckford). London, 1835.
- 989 Recordações de Vizella—Antonio Figueirinhas (Porto, 1901) Gravuras.
- 990 Recordações e vagares—Miguel Eduardo Lobo de Bulhões.
- 991 Recordações e viagens—Anthero de Figueiredo.
- 992 Recreio (O). Revista semanal litteraria.
- 993 Recueil des plus belles ruines de Lisbonne—Jac. Ph. L. Bas (1757).
- 994 Regulação para o estabelecimento da pequena posta, caixas e portadores de cartas em Lisboa (1801).
- 995 Relação da villa de Alfarella—Antonio de Sousa Pinto. («Mem. do arcebispado de Braga, por D. J. Contador de Argote, t. I, introd., pag. xvii).
- 996 Relação da villa d'Eyras—Dr. Fabião Soares de Paredes.
- 997 Relação do bispado de Elvas. Com hum memorial dos srs.

- Bispos que o governarão—Dr. Antonio Gonçalves de Novaes (Lisboa, Lourenço Craesbreeck, 1635).
- 998 Relação do castello e serra de Cintra e do que ha que ver em toda ella—F. de Almeida Jordão (Coimbra, 1748).
- 999 Relação do horroroso estrago e ruina succedido no mosteiro das religiosas de S. Domingos de Santarem. (Lisboa, 1742).
- 1000 Relação historica e juridica da fundação dos congregados de N. S.^a da Assumpção na côrte e cidade de Lisboa—João Antunes Monteiro.
- 1001 Relação nominal de todas as freguezias do concelho de Carrazeda d'Anciães, respectivos oragos, numero approximado de fogos e notabilidades d'algumas—P.^o Antonio da Cunha e Almeida (1887).
- 1002 Relação verdadeira e individual do formidavel incendio que se ateou no Hospital de Todos os Santos da cidade de Lisboa em 10 de agostó de 1750 (1750-4.^o de 8 pag.).
- 1003 Relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo—A. F. Simões (Evora, 1869).
- 1004 Relatorio da assistencia aos tuberculosos (1902-03).
- 1005 Relatorio da Commissão dos monumentos nacionaes em 1884—Possidonio da Silva.
- 1006 Relatorio da Exposição agricola de Lisboa, realisada na Real Tapada da Ajuda em 1884.
- 1007 Relatorio da exposição alcobacense realisada de 1 a 13 de maio de 1906 (pag. 45 a 66 da «Alcobaça de outro tempo» —Manuel Vieira Natividade.
- 1008 Relatorio da Exposição industrial de Guimarães em 1884 (Porto, 1884).
- 1009 Relatorio e mappas ácerca dos edificios que devem ser classificados monumentos nacionaes—apresentado ao governo pela Real Associação dos Architectos Civiis e Archeologos Portuguezes, em conformidade da portaria do Ministerio das Obras Publicas de 24 de Outubro de 1880—Relator, Ignacio de Vilhena Barbosa.
- 1010 Relatorio sobre as ruinas romanas descobertas em Castro d'Avellãs em 1887—José H. Pinheiro.
- 1011 Relatorio sobre o cemiterio romano descoberto proximo da cidade de Tavira—Dr. A. C. Teixeira de Aragão (Lisboa, 1868).
- 1012 Religiões da Lusitania—J. Leite de Vasconcellos.

- 1013 Reliquias da arte nacional—Joaquim de Vasconcellos e Marques Gomes.
- 1014 Reliquias de architectura romano-bysantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra—Dr. Augusto Filipe Simões.
- 1015 Remolares (Os): o que fossem, onde e quando começaram a ser denominação de um sitio de Lisboa. Estudo documentado—Gomes de Brito.
- 1016 Renascença (A), jornal—Director, Joaquim de Araujo.
- 1017 Representação dirigida a S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz I pela junta de parochia da freguezia de Santa Cruz de Coimbra expondo a sua defeza contra a Camara municipal desta Cidade que pretende expropriar uma casa que faz parte do historico e magestoso templo de Santa Cruz, monumento nacional (Coimbra, 1877).
- 1018 Resenha diplomatica do Porto... ao tempo da visita de S. M. F. a Rainha Senhora D. Maria II—João Nogueira Gandra (1852).
- 1019 Resenha historica e archeologica do mosteiro de Lessa do Bailio—José Augusto Carneiro (1899).
- 1020 Restauração (A) de Portugal. Opusculo historico publicado sob os auspicios da commissão central 1.º de Dezembro de 1640.
- 1021 Resumo da fundação do real mosteiro da Batalha e dos Tumulos reaes e particulares que ali existem.
- 1022 Resumo historico da origem da ermida de S. Roque e da sua irmandade na cidade de Lisboa (1869).
- 1023 Resumo historico da Santa Casa e Irmandade da Misericordia da cidade de Coimbra—J. A. Pereira (1842).
- 1024 Revista archeologica—Borges de Figueiredo.
- 1025 Revista de engenharia militar.
- 1026 Revista de ethnologia e glottologia (1880).
- 1027 Revista de Guimarães. Boletim da Sociedade *Martins Sarmento*.
- 1028 Revista de Obras Publicas e Minas (1897, n.ºs 327 e 328).
- 1029 Revista de Setubal (1893).
- 1030 Revista de sciencias naturaes e sociaes. (Porto).
- 1031 Revista historica. (1880).
- 1032 Revista illustrada. (1890, 1891).
- 1033 Revista litteraria do Porto. (1838).
- 1034 Revista lusitana.

- 1035 Revista pittoresca e descriptiva de Portugal, com vistas photographicas—J. P. N. da Silva.
- 1036 Revista Universal Lisbonense (1857).
- 1037 Ribeira (A) de Lisboa—Visconde de Castilho (Julio).
- 1038 Roberto Valença, rom.—Teixeira de Vasconcellos.
- 1039 Roteiro archeologico dos coutos de Alcobaça—M. Vieira Natividade (Alcobaça, 1890).
- 1040 Roteiro da cidade de Evora e breve noticia dos seus principaes monumentos—Antonio Francisco Barata (Evora, 1871).
- 1041 Roteiro da cidade de Setubal—J. M. da R. Albino (Elvas, 1892).
- 1042 Roteiro das ruas de Lisboa e concelho de Loures. (Edição illustr. côm a descripção de diversos edificios e monumentos).
- 1043 Roteiro das ruas de Lisboa—Eduardo O. Pereira Queiroz Velloso (1886).
- 1044 Roteiro de Lisboa historico, hydrographico, chorographico, archeologico e artistico, com minuciosas instrucções ao viajante—Joaquim Gil Pinheiro (S. Paulo, Brazil, 1905).
- 1045 Roteiro do viajante no continente e nos caminhos de ferro de Portugal—João Antonio Peres Abreu (Coimbra, 1865).
- 1046 Roteiro terrestre de Portugal em que se expõem e ensinam por jornadas summarias, não só as viagens e as distancias que ha de Lisboa para as principaes terras das provincias deste reino, mas as derrotas por travessia de umas a outras povoações delle—P.º João Baptista de Castro.
- 1047 Rua (A) do Ouro, rom.—Alfredo de Mesquita (1906).
- 1048 Ruinas da Citania. Mem. historica—Simão Rodrigues Ferreira.
- 1049 Ruinas (As) do Carmo (Breves considerações)—Sá Villela, pseudon. de José Maria da Silva Leal (1876).
- 1050 Ruinas (As) romanas de Sant'Anna do Campo—Gabriel Pereira («Estudos eborenses»)
- 1051 Ruines d'antiques établissements à salaisons sur le littoral sud du Portugal—Dr. A. Mesquita de Figueiredo.
- 1052 Santo Thyrso de Riba d'Ave (Historia do concelho)—Alberto Pimentel.
- 1053 S. João (O) em Braga. Uma curiosidade bibliographica precedida de alguns apontamentos historicos—José Gomes da S. e M. Sousa Cardoso (Braga, 1904).
- 1054 S. Pedro de Rates. Com uma introdução ácerca da Archi-

- ...itectura romanica em Portugal. 1 planta e 15 illustrações no texto—Manuel Monteiro (Porto, 1908).
- 1055 Sargento mór de Villar, rom.—Arnaldo Gama.
- 1056 Sceñas contemporaneas da vida academica, rom.—Dr. A. M. da Cunha Bellem.
- 1057 Sceñas da minha terra—Julio Cesar Machado.
- 1058 Scenas de Lisboa. Romance de costumes.—D. Thomás de Mello.
- 1059 Scholia Jacobi Menetii Vasconcelli in quatuor libros Resendii («De antiquitatibus Lusitaniæ», Conimbricæ, 1790).
- 1060 Sciencia e philosophia—Francisco José Teixeira Bastos.
- 1061 Seca e Meca—Lino d'Assumpção.
- 1062 Segunda memoria apresentada ao Ministério das Obras Publicas sobre os processos de vinificação empregados nos principaes centros vinhateiros do continente do reino (1868).
- 1063 Sem passar a fronteira—Alberto Pimentel.
- 1064 Seminario (O) episcopal de Coimbra. Noticia descriptiva e historica. (Coimbra, 1877).
- 1065 Senhora (A) da Nazareth—José Lucas da Silva (Mafra, 1892).
- 1066 Série chronologica dos prelaços conhecidos da igreja de Braga, desde a fundação da mesma igreja até o presente tempo. Precedida de huma Breve Noticia de Braga antiga e seguida de um catalogo dos bispos titulares, coadjutores do arcebispado—P.º José Corrêa.
- 1067 Sernache do Bomjardim. Traços monographicos—P.º Candido da Silva Teixeira (1905).
- 1068 Serões. Revista mensal illustrada.
- 1069 Serões de historia—A. X. Rodrigues Cordeiro.
- 1070 Serra (A) da Estrella—Adelino de Abreu (1895).
- 1071 Serra da Estrella. Guia do *touriste*.—Adelino de Abreu (2.ª edição, com gravuras e um mappa das altitudes).
- 1072 Serra (A) de Alvaizere, suas antiguidades, tradições mineralogicas e euriosidades naturaes—Ignacio de Vilhena Barbosa («Commercio do Porto» n.º 295; 1871).
- 1073 Sitio (Do) de Lisboa, sua grandeza, povoação e commercio, etc. Dialogos—Luiz Mendes de Vasconcellos (1608).
- 1074 Sociedade (A) Archeologica Lusitana. As antigualhas extrahidas das ruinas de Troia e onde é que se acham depositadas—João Carlos de Almeida Carvalho.

- 1075 Société (La) royale des Architectes Civils et Archéologues Portugais et cinq plans des principales églises du Portugal (Alcobaça, Batalha, Braga, Porto, Lisboa)—J. da Silva.
- 1076 Stories of Torres Vedras—Dr. Millingen.
- 1077 Subsídios para a historia de Aveiro—J. A. Marques Gomes.
- 1078 Subsídios para a monographia da Covilhã—Arthur de Moura Quintella.
- 1079 Summária recapitulação da antiguidade da Sé de Lamego, bispos, etc., Christandade della, etc., da sua nobreza (Impressa em Lisboa por Manuel de Lyra, 1596).
- 1080 Summario de varia historia—José Ribeiro Guimarães.
- 1081 Summario em que brevemente se conteem algumas cousas assim ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa—Christovão Rodrigues de Oliveira.
- 1082 Supplemento á Flora Latina. Inscriptionum Urbis Portucalesis—P.º Francisco José Patricio.
- 1083 Sur l'assainissement de la ville de Lisbonne—J. da Silva. («Mem. apresentada ao congresso de Bordeaux em 1872»).
- 1084 Table (La) de bronze de Aljustrel. Étude sur l'administration des mines au 1^{er} siècle de notre ère—Jacques Flach (Paris, 1879).
- 1085 Table de bronze de Aljustrel. Rapport adressé à Monsieur le Ministre de l'Intérieur—Augusto Soromenho.
- 1086 Tabula (A) de bronze de Aljustrel, lida, deduzida e commentada em 1876. Mem. apresentada á Acad. Real das Sciencias de Lisboa—Estacio da Veiga.
- 1087 Tagilde—Abb.º Oliveira Guimarães (Porto, 1894).
- 1088 Taille (La) du silex au XIX^e siècle—M. Vieira Natividade («Grutas prehistoricas do Carvalhal»).
- 1089 Tarde (A), jornal (Setembro, 1898).
- 1090 Tardes divertidas e conversações curiosa—P.º Francisco do Nascimento Silveira.
- 1091 Terra (A). Apontamentos de geologia agricola—Filippe Eduardo de Almeida Figueiredo (1908).
- 1092 Terra (A)—Anselmo de Andrade (1898).
- 1093 Terra (A) portugueza—Rocha Peixoto.
- 1094 Terras (As) de Val de Vez. Memorias historicas e descriptivas do concelho dos Arcos de Val de Vez—José Candido Gomes.
- 1095 The cosmopolitan. Revista americana, Outubro de 1894.

- 1096 Theatros (Os) de Lisboa—Julio Cesar Machado. Illustrações de Bordallo Pinheiro.
- 1097 Thermas de Lisboa—Francisco Martins de Andrade.
- 1098 Thermas dos Cucos. Torres Vedras, etc. Relatorio de 1897—Justino Xavier da Silva Freire (1891).
- 1099 Thomar à vol d'oiseau—Ed. Coelho (1898).
- 1100 Tombo da cidade de Lisboa. Bairro do Castello e Ribeira.
- 1101 Topographia das Caldas de S. Miguel de Vizella (Ms. da Bibl. Publica do Porto).
- 1102 Topographia da esclarecida e nobre freguezia do Salvador de Arvore, ou antiguidades da milagrosa imagem de N. S.^a das Neves, da villa de Azurara—Francisco Pereira da Cruz.
- 1103 Topographia medica da villa de Constancia—Francisco Ignacio dos Santos Cruz (t. iv dos « Annaes do Conselho de Saude Publica do Reino », 1859).
- 1104 Topographia medica das Cinco Villas e Arega, ou dos concelhos de Chão de Couce e Maças de D. Maria em 1848: com o respectivo mappa topographico e carta geologica—Dr. Antonio Augusto da Costa Simões.
- 1105 Torre (A) dos namorados. Tradição antiquissima no concelho do Fundão com um « Preambuo historico sobre a invasão dos arabes nas Hespanhas e varias noticias do districto de Castello Branco »—José Germano da Cunha.
- 1106 Torres Vedras. Notas de arte e archeologia—Gabriel Pereira.
- 1107 Tradição (A). Revista mensal de ethnographia portugueza, com illustrações, publicada em Serpa.
- 1108 Tratado da cidade de Portalegre e de suas antiguidades—P.^o Diogo Pereira (Ms.).
- 1109 Tratado panegyrico em louvor da villa de Barcellos, por rezam do apparecimento de cruces que nella apparecem—Fr. Pedro de Poyares (1672).
- 1110 Travaux les plus récents executés dans les principaux ports littoraux ou maritimes du Portugal. (8.^o congrès international de navigation)—J. Verissimo Mendes Guerreiro (Paris, 1900).
- 1111 Travels in Portugal—James Murphy.
- 1112 Travels in Portugal—John Latouche (John Crawford).
- 1113 Travels through Spain and Portugal in 1774—Major N. Dalrymple.
- 1114 Tres aldeias (Sarnadas, Aldeia Nova do Cabo, Aldeia de Joannes).—Costa Goodolphim (1904).

- 1115 Tres mezes no Limoeiro—Faustino da Fonseca (1897).
- 1116 Tripeiro (O). Repositorio de noticias portucalenses—Director e proprietario, Alfredo Ferreira de Faria (Porto, 1908).
- 1117 Tripeiros (Os). Romance chronica do seculo xiv—A. C. Louzada (Porto, 1857).
- 1118 Triste (A) canção do Sul—Alberto Pimentel.
- 1119 Tumulo (O) do Bispo na Vista Alegre—Mello Freitas (1891).
- 1120 Tumulos (Os) de D. Affonso Henriques e de D. Sancho I (Coimbra, 1885).
- 1121 Ultima dona de S. Nicolau, rom.—Arnaldo Gama.
- 1122 Ultimas (As) freiras. Com uma carta de Antonio Ennes ácerca das ordens e instituições religiosas. Contém: O real mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde; As dominicanas de Corpus Christi (Villa Nova de Gaya); Moura e os seus mosteiros; As Therezinhos de Coimbra—Lino (Thomaz) de Assumpção (1894).
- 1123 Ulysséa ou Lisboa edificada. Poema heroico—Gabriel Pereira de Castro.
- 1124 Ulyssipo. Poema heroico—Antonio de Sousa de Macedo.
- 1125 Um anno na côrte, rom.—João de Andrade Corvo.
- 1126 Um passeio archeologico no concelho dos Arcos de Val de Vez (Visita ás antas da Serra de Soajo). «Estudos do Alto Minho»—Felix Alves Pereira (1903).
- 1127 Uma digressão ás Caldas da Rainha—P. de Roure Pietra («Gazeta de Portugal», 11 e 12 de agosto, 1864).
- 1128 Uma viagem á serra da Louzã—Forjaz de Sampaio (1838).
- 1129 Uma visita ao real mosteiro de Fiães—Guilherme de Oliveira.
- 1130 Uma visita á Citania. Conferencia de Luciano Cordeiro («Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», Dezembro, 1877).
- 1131 Unhaes da Serra, jornal (1900).
- 1132 Universidade (A) de Coimbra em novembro de 1843—Dr. João Alberto Pereira de Azevedo.
- 1133 Universo illustrado.
- 1134 Universo pittoresco. Jornal de instrucção e recreio.
- 1135 Varias antiguidades de Portugal—Gaspar Estaço.
- 1136 Varias cartas sobre a historia ecclesiastica de Braga—Diogo Borges Pacheco. (Ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa, A, 1. 23).
- 1137 Varias noticias sobre a historia antiga de Penafiel e Cidade

- de Penafiel—Ignacio de Vilhena Barbosa («Commercio do Porto», 1872).
- 1138 Vasco da Gama e a Vidigueira—Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão.
- 1139 Velha (A) Lisboa. Memorias de um bairro—Gustavo de Mattos Sequeira (Art. publ. no *Occidente*, n.º 1027, 10 de Julho de 1907).
- 1140 Vestigios glaciarios na Serra da Estrella. Rochas estriadas, penedos erraticos—Frederico A. de Vasconcellos Pereira Cabral (Lisboa, 1884).
- 1141 Viagem á Serra da Estrella—Antonio do Prado de Sousa Lacerda (1908).
- 1142 Viagem (Uma) á roda de Lisboa—Francisco Maria Bordallo (1855).
- 1143 Viagem de Philippe III a Portugal—João Baptista Lavanha.
- 1144 Viagens a Leixões—Alexandre Garrett.
- 1145 Viagens á roda do Codigo administrativo—Alberto Pimentel.
- 1146 Viagens de Pero da Covilhã, est. historico—Conde de Ficalho.
- 1147 Viagêns na minha terra—Almeida Garrett.
- 1148 Vida (A) alegre—Julio Cesar Machado.
- 1149 Vida da Serenissima Infanta D. Maria, fundadora do Hospital de N. S.ª da Luz—Miguel Pacheco.
- 1150 Vida de D. Nuno Alvares Pereira—Fr. Domingos Teixeira, Eremita de Santo Agostinho.
- 1151 Vida de Nun'Alvares—Oliveira Martins.
- 1152 Vida (A) de Lisboa—Alberto Pimentel.
- 1153 Vida de S. Sizenando e historia de Beja, sua patria—D. Fr. Manuel do Cenaculo (Cod. da Bibliotheca de Evora, cxxxix, 1-9).
- 1154 Vida e acçoens d'El-Rey Dom João I—D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira (1677).
- 1155 Vida moderna (N.º 22, fevereiro 1895).
- 1156 Villa (A) da Ericeira—Gabriel Pereira (1905).
- 1157 Villa da Figueira—Augusto Mendes Simões de Castro («Archivo Pittoresco», XI, 337 a 409).
- 1158 Villa (A) de Agueda—Adolpho Portella («Branco e Negro», n.º 25).
- 1159 Villa d'Alhandra—Manuel de Sousa Ramos (1786).
- 1160 Villa (A) de Avô (No livro «O poeta Garcia»)—Visconde de Sanches de Frias (1901).
- 1161 Villa de Azeitão—Th. A. Villa Nova Portugal («Mem. econ. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa», t. III).

- 1162 Villa (A) de Cascaes (Folhetins do «Correio de Cascaes», Setembro e Outubro de 1899).
- 1163 Villa (A) de Marvão—A. de Magalhães («Revista Illustrada», n.º 23, 1891).
- 1164 Villa (A) de Trancoso—I. de Vilhena Barbosa («Commercio do Porto», 1872).
- 1165 Villa do Redondo—J. Martins da Silva Marquês (Folh. do «Campeão das Provincias» de Aveiro, Abril de 1876).
- 1166 Villa dos Arcos de Val de Vez—I. de Vilhena Barbosa («Commercio do Porto», n.º 265, 8 Novembro, 1876).
- 1167 Villa e concelho de Alter do Chão—Dr. João Raphael Mendes Dona (Portalegre, 1900).
- 1168 Villa e termo de Almada. Apontamentos antigos e modernos para a historia do concelho—Duarte Joaquim Vieira Junior (Lisboa, 1897, t. 1).
- 1169 Villa Nova de Ourem—José das Neves Gomes Elyseu.
- 1170 Villa Viçosa—Conde de Arnos.
- 1171 Vimarans monumenta historica a saeculo nono post Christum usque ad vicesimum—Abbate de Tagilde, João Gomes de Oliveira Guimarães (1908).
- 1172 Viriatho, narrativa epo-historica—Dr. Theophilo Braga (Porto, 1903).
- 1173 Viriato tragico—Braz Garcia de Mascarenhas (Canto VII, est. 14.^a).
- 1174 Vizeu—Apontamentos historicos—Dr. Maximiano Pereira da Fonseca e Aragão (Vizeu, 1894-95).
- 1175 Visitas de D. João v á inquisição de Evora—José Ramos Coelho (1902).
- 1176 Vistas de Cintra—Burnett.
- 1177 Viuva (A) do enforcado—Camillo Castello Branco («Novellas do Minho»).
- 1178 Volta (Á) do mundo. Jornal de viagens (1880).
- 1179 Voyage en Espagne et en Portugal en 1772—Richard Twiss.
- 1180 Voyage en Portugal—J. Murphy.
- 1181 Voyage Pittoresque en Espagne et en Portugal—Émile Bégin.
- 1182 Voyages—M. de Monconys.



ADDITAMENTOS

- 1183 A architectura da Renascença em Portugal—Albrecht Haupt
(Nos *Servões*, 1.^a e 2.^a séries).
- 1184 A architectura portugueza—Revista.
- 1185 Alhandra. Os Campinos (Excerptos)—Salvador Marques
(1907).
- 1186 Anno historico. Diario portuguez. Noticia abreviada das pes-
soas grandes e cousas notaveis de Portugal—P.^o mestre
Francisco de Santa Maria (1714).
- 1187 Arco (O) de Sant'Anna (Chronica portuense)—J. B. d'Al-
meida Garrett.
- 1188 Através do passado—Alberto Pimentel.
- 1189 Auroras da instrucção pela iniciativa particular—D. Antonio
da Costa.
- 1190 Batalhas dos portuguezes—Alberto Osorio de Vasconcellos.
- 1191 Benedictina Lusitana—Fr. Leão de S. Thomás (1644—1651).
- 1192 Bibliotheca Lusitana—P.^o Diogo Barbosa Machado.
- 1193 Boletim da Direcção Geral de agricultura.
- 1194 Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha.
- 1195 Brasão (O) de Coimbra. Resenha do que escreveram e disse-
ram ácerca delle alguns auctores distinctos—Augusto Men-
des Simões de Castro (1892).
- 1196 Chronica d'El-rei D. João III—Francisco de Andrade.
- 1197 Chronica d'El-Rei D. Manuel—Damião de Góes.
- 1198 Chronica d'El-Rei D. Sebastião—D. Manuel de Menezes.
- 1199 Cynthia—Miscellanea de historia e investigação do concelho
de Cintra.
- 1200 Frades e freiras—Lino d'Assumpção (Referencias a Abran-
tes, Alcacer do Sal, Beja, Braga, Evora, Lisboa, Porto,
Setubal e Torrão.—1893).—Nas *Historias de frades*—n.^o
530, ha tambem referencias a Tibaes, Castro d'Avellãs,
Villar de Frades, Crato (Flor da Rosa), Lisboa e Porto.
- 1201 Guia do viajante em Portugal e suas colonias em Africa. Va-
rias plantas e photogravuras. Publicado pela Empreza Na-
cional de Navegação (1907).
- 1202 Italy with sketches of Spain and Portugal—William Beck-
ford.
- 1203 Lagrimas e thesouros, rom.—Luiz Augusto Rebello da Silva.
- 1204 Livro das Praças de Portugal com suas fortificações—João
Nunes Tinoco (1662). Exist. na Real Bibliotheca da Ajuda.

- 1205 Memoirs of William Beckford of Fonthill, author of «Vathek»
(London, 1859. No 2.º vol., desde pag. 277 occupa-se de
Portugal. Veja-se na obra «Portugal e os Estrangeiros»,
1.º vol., pag. 73, a traducção das suas Cartas).
- 1206 Recordações de Jacome Raton (Londres, 1813).

Outubro, 1908.

1207. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1208. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1209. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1210. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1211. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1212. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1213. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1214. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1215. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1216. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1217. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1218. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1219. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1220. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1221. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1222. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1223. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1224. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1225. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1226. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1227. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1228. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1229. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*
1230. *Almonds of William Beaufort, Bishop of Bath and Wells, 1207-1213.*

TOPONYMIA

NE.—Os numeros adiante de cada nome designam paginas deste opusculo

- Abrantes—41, 62.
 Aguas Santas—5, 26.
 Agueda—43, 60.
 Ajuda—16.
 Alandroal—9.
 Alcacer do Sal—62.
 Alcaçovas—7.
 Alcaínça—1.
 Alcobaca—1, 7, 8, 18, 19, 25,
 26, 42, 53, 55, 57.
 Alcochete—12.
 Aldeia Gallega—11.
 Alemquer—1, 20.
 Alemtejo (provincia)—1, 46.
 Alfandega da Fé—1.
 Alfarella—52.
 Algarve (provincia)—3, 8, 12,
 32, 38.
 Algós—41.
 Alhandra—60, 62.
 Aljubarrota—8, 19.
 Aljustrel—57.
 Almada—2, 41, 61.
 Alpedrinha—6.
 Alter do Chão—34, 61.
 Alvarelos—21.
 Alvor—41.
 Amarante—26.
 Anadia—7.
 Anciães—2, 38.
 Arcos—49.
 Arcos de Val de Vez—57, 59,
 61.
 Arega—58.
 Arganil—5.
 Arnosa de Pampelido—42.
 Arouca—27, 42.
 Arrabida—5, 10, 23, 28.
 Arrifana de Sousa—5.
 Aveiro—9, 20, 23, 37, 57.
 Avô—60.
 Azeitão—60.
 Azurara—58.
 Balsamão—33.
 Banho—33.
 Barbacena—2, 20.
 Barcarena—22.
 Barcellinhos—33.
 Barcellos—14, 32, 33, 45, 58.
 Barcos—18.
 Barreiro—34, 41.
 Batalha—5, 35, 40, 49, 54, 57.
 Beira Baixa (provincia)—52.
 Beja—2, 5, 8, 9, 11, 16, 18, 21,
 33, 60, 62.
 Belem—17, 23, 32, 35, 36, 42,
 43, 46, 47.
 Bellas—15, 22.

- Bemfica—14.
 Bemquerença—41.
 Bom Jesus do Monte—6, 34, 38.
 Bom Successo—16.
 Borba—12, 41.
 Bouças—41.
 Braga—3, 6, 8, 10, 14, 19, 22,
 24, 25, 28, 29, 30, 34, 37, 38,
 39, 40, 44, 46, 47, 48, 55, 56,
 57, 59, 62.
 Bragança—9, 26, 34, 37, 41, 48.
 Bucellas—16.
 Bussaco—7, 8, 25, 28, 38.
 Bustello—33.
 Cabeceiras de Basto—15.
 Cabeço da Arruda—12.
 Cabeço de Vide—1.
 Cadaval—43.
 Caldas da Rainha—23, 45, 48,
 59.
 Caldas das Taipas—46.
 Caldas de S. Jorge—8.
 Caldas de Vizella—36, 44, 52, 58.
 Caldellas—44.
 Calhariz de Azeitão—18.
 Caliabria—9.
 Caminha—15, 24.
 Campo Grande—44.
 Campolide—49.
 Campo Maior—22.
 Candieira—44.
 Carapinheira—34.
 Carnaxide—16, 51.
 Carnide—30, 37, 46.
 Carrasqueira—1.
 Cartaxo—8, 53.
 Carvalhal—57.
 Cascaes—4, 5, 29, 61.
 Castello Branco—2, 4, 30, 37,
 41, 58.
 Castello de Vide—5, 21.
 Castro d'Avellãs—53, 62.
 Castro Verde—44.
 Ceia—35.
 Cellas—38.
 Celorico da Beira—12.
 Certã (Sertan)—18.
 Cervães—4.
 Cesareda—12.
 Cetobriga (Troia—Setubal)—13,
 24, 52, 56.
 Cete—3.
 Cever do Vouga—10.
 Chamusca—15.
 Chão de Couce—58.
 Chaves—31, 47.
 Chellas—42.
 Cinco Villas—58.
 Cintra—5, 6, 10, 11, 16, 17, 26,
 29, 37, 44, 45, 47, 48, 53, 61,
 62.
 Citania de Briteiros—44, 47, 55,
 59.
 Coelhosa de Macieira de Cam-
 bra—11, 41.
 Coimbra—2 a 7, 10, 11, 13, 14,
 19, 21, 22 a 31, 34, 35, 37,
 38, 43, 45, 46, 47, 49, 51, 52,
 54, 56, 59, 62.
 Coja—16.
 Colla—44.
 Collares—16.
 Condeixa—25.
 Constancia—58.
 Covilhã—2, 12, 14, 23, 57, 60.
 Crato—62.
 Cuba—16, 39.
 Cucos—1, 58.
 Douro (provincia)—3, 12, 20.
 Elvas—1, 5, 6, 20, 22, 52.
 Entre Douro e Minho (antiga pro-
 vincia)—3, 12, 39.

- Ericeira—60.
 Evora—3, 5, 6, 7, 9, 11, 14, 15,
 20, 22, 23, 26, 27, 34, 39, 41,
 53, 55, 61, 62.
 Eyras—52.
 Extremadura (provincia)—23.
 Extremoz—7.
 Feira—8.
 Ferreiros de Tendaes—33.
 Fiães—59.
 Figueira da Foz—3, 11, 20, 23,
 25, 32, 43, 60.
 Fronteira—34.
 Fundão—4, 24, 58.
 Gaya—Vej. «Villa Nova de
 Gaya».
 Gerez—46.
 Góes—6, 18, 46.
 Gouveia—33.
 Guarda—19, 39.
 Guimarães—13, 26, 37, 39, 41,
 46, 47, 53, 54, 61.
 Junqueira—29.
 Lamego—1, 11, 17, 28, 47, 57.
 Lanhoso—9.
 Leça da Palmeira—32.
 Leça do Bailio—33, 54.
 Leiria—4, 6, 18, 19, 20, 22, 30,
 36, 37, 45, 47, 49, 51.
 Leixões—33, 60.
 Lisboa—1 a 62.
 Longroiva—1, 23.
 Lorvão—13, 24, 25.
 Loulé—41.
 Loures—55.
 Louriçal do Campo—12, 27.
 Lourinhã—4.
 Louzã—59.
 Luso—25.
 Luz—29, 34, 60.
 Mação—8.
 Maçãs de D. Maria—58.
 Maceira—6.
 Maceira de Cambra—41.
 Mafra—1, 3, 13, 16, 17, 26, 42,
 47.
 Malveira—1.
 Manteigas—33.
 Marvão—61.
 Mattosinhos—27, 32.
 Mealhada—25.
 Melgaço—1.
 Mertola—33.
 Mesão Frio—35.
 Minho (provincia)—3, 12, 25,
 40, 44, 45, 48, 50, 61.
 Mirandella—4.
 Monsanto—9.
 Montealegre—21.
 Montemor-o-Novo—22, 32, 33.
 Montemor-o-Velho—25, 34.
 Mortagua—36.
 Moura—15, 27, 41, 59.
 Murtosa—43.
 Nazareth—2, 51, 56.
 Nine—25.
 Niza—33, 43.
 N. S.^a da Peneda—17.
 Obidos—7, 43, 45.
 Odivellas—28, 40, 42.
 Ois do Bairro—7.
 Oleiros—37.
 Olhão da Restauração—41.
 Oliveira do Hospital—37.
 Ourem—3, 24.
 Ovar—38.
 Palmella—9.
 Pánoyas—7.
 Paredes—15.
 Pederneira—2, 44.
 Pedrogão Grande—40.
 Pedrouços—16, 45, 48.

- Penafiel—4, 17, 27, 48, 59.
 Penella—46.
 Peniche—29, 35.
 Pereira (districto de Coimbra)—
 35.
 Peso da Regua—4.
 Pombal—49.
 Pombeiro da Beira—49.
 Pontevel—16, 45.
 Portalegre—7, 58.
 Portel—11, 41.
 Porto—2, 3, 4, 8, 10, 14, 18,
 19, 20, 23, 24, 25, 27, 29, 31,
 33, 44, 46, 48 a 51, 54, 57,
 59, 62.
 Povia de Varzim—33, 39.
 Queluz—17.
 Redondo—32, 61.
 Refoyos do Lima—22.
 Regua—20.
 Reguengos de Monsaraz—35.
 Restello—21.
 Rezende—3.
 Runa—6, 17.
 Sabugal—3, 15, 36.
 Salvador de Arvore—58.
 Sant'Anna do Campo—55.
 Santa Luzia, de Vianna—35.
 Santarem—24, 26, 27, 28, 33,
 37, 39, 42, 44, 49, 53.
 Santo Thyrso de Riba d'Ave—
 55.
 S. Christovão de Nogueira—41.
 S. Julião da Barra—29.
 S. Marcos—46.
 S. Martinho de Cedofeita—26.
 S. Martinho de Mouros—3, 45.
 S. Miguel de Refoyos—15.
 S. Pedro de Rates—55.
 S. Pedro do Sul—33.
 S. Pedro dos Grilhões—12.
 S. Thiago de Milheirós—18.
 S. Thiago do Cacem—2, 41.
 S. Vicente do Pinheiro—5.
 Semide—41.
 Sernache do Bomjardim—56.
 Serpa—13, 15, 27, 35, 44, 58.
 Serra da Estrella—3, 5, 23, 52,
 60.
 Serra da Louzã—38.
 Serra d'Alvaizere—56.
 Serra do Candão—36.
 Setubal—13, 23, 35, 45, 51, 52,
 54, 55, 62.
 Sever do Vouga—10.
 Sines—7.
 Soure—3.
 Tagilde—57.
 Tavira—51, 53.
 Thomar—17, 36, 40, 42, 45, 48,
 58.
 Tibães—62.
 Torrão—16, 62.
 Torre de Moncorvo—17.
 Torres Novas—37.
 Torres Vedras—2, 12, 17, 46,
 57, 58.
 Trás-os-Montes (provincia)—15.
 Troia—Vej. «Cetobriga».
 Turquel—38.
 Unhaes da Serra—1, 33, 59.
 Vaccariça—28, 45.
 Valença—25.
 Vallongo—6.
 Varatojo—27.
 Vianna do Alemtejo—37.
 Vianna do Castello—2, 21, 22,
 27, 29, 35, 36, 49.
 Vidigueira—16, 60.
 Villa Boim—21.
 Villa do Conde—59.
 Villa Fernando—21.

- Villa Franca de Xira—3, 31.
 Villa Nova de Famalicão—33.
 Villa Nova de Gaya—2, 9, 18,
 19, 24, 59.
 Villa Nova de Ourem—21, 61.
 Villa Nova de Portimão—4.
 Villa Real de Santo Antonio—41.
 Villa Real de Traz os Montes—3.
 Villa Verde—4.

- Villa Viçosa—3, 12, 16, 27, 46,
 61.
 Villar de Frades—37, 62.
 Vista Alegre—59.
 Vizella—Vej. «Caldas de Vizella».
 Vizeu—1, 10, 13, 18, 28, 35 a
 38, 47, 61.

AUCTORES CITADOS

- Abreu (Dr. Adelino Julio Mendes de)—37, 56.
 Abreu (João Antonio Peres)—55.
 Abreu (João Boto Cavalleiro Lobo de)—11.
 Abreu (Thomé de Tavora e)—47.
 Aça (Francisco Zacharias)—31.
 Adam (M.^{me} Juliette Lamber)—48.
 Affreixo (Dr. José Maria da Graça)—35.
 Alam (Manuel de Brito)—2.
 Albuquerque (Antonio Maria Seabra de)—4, 36.
 Albuquerque (Luiz da Silva Mouzinho de)—35.
 Almada (Victorino Sant'Anna Pereira de)—21.
 Almeida (P.^o Antonio da Cunha e)—53.
 Almeida (Antonio de)—17.
 Almeida (Carlos Pinto de)—13.
 Almeida (Cesar Augusto de)—1.
 Almeida (Fortunato de)—44.
 Almeida (Francisco José de)—25, 31.
 Almeida (José Avelino de)—19.
 Almeida (Sebastião Bettamio de)—15.
 Almeida (P.^o Theodoro)—31.
 Alves (Alfredo)—25.
 Amado (P.^o José de Sousa)—38.
 Amelia (S. M. a Rainha a Senhora Dona)—43, 48.
 Andrada (Miguel Leitão de)—40.
 Andrade (Agostinho Rodrigues de)—10.
 Andrade (Anselmo de)—50, 57.
 Andrade (Antonio Albino de)—47.
 Andrade (Belchior do Rego de)—3.
 Andrade (Francisco de)—62.
 Andrade (Francisco José de)—15.
 Andrade (Francisco Martins de)—58.

- Andrade (José Maria de)—38.
 Andrade (José Sergio Velloso de)—36.
 Anunciada (D. João d')—15.
 Anselmo (P.^o Antonio Joaquim)—12.
 Aragão (Dr. Augusto Carlos Teixeira de)—53, 60.
 Aragão (Dr. Maximiano Pereira da Fonseca e)—13, 28, 61.
 Araujo—Vej. «Herculano».
 Araujo (Joaquim de)—54.
 Araujo (M. A. Vieira de)—48.
 Aranha (Pedro Wenceslau de Brito)—19, 21.
 Argote (D. Jeronymo Contador de)—14, 19, 38, 39, 48, 52.
 Arnoso (Conde de)—61.
 Arzejias (J.)—43.
 Assumpção (Thomás Lino d')—24, 41, 56, 59.
 Ayres (Christovam)—Vej. «Sepulveda»—22.
 Azevedo (Dr. João Alberto Pereira de)—59.
 Azevedo (João Antonio de)—15.
 Azevedo (João Antonio Monteiro e)—18.
 Azevedo (D. Joaquim de)—28.
 Azevedo (Joaquim de)—11.
 Azevedo (Luiz Antonio de)—19.
 Azevedo (Luiz Marinho de)—24, 51.
 Azevedo (Dr. Mathias Pinheiro de)—19.
 Azevedo (Pedro Augusto de)—4.
 Azevedo (P.^o Torquato Peixoto de)—39.
 Bacellar (P.^o J. J. da Silva)—4.
 Baião (Dr. Antonio Eduardo Simões)—4.
 Baillie (Mar.)—31.
 Baptista (Isidoro Emilio)—49.
 Baptista (Soror Maria do)—31.
 Barata (Antonio Francisco)—1, 6, 7, 9, 22, 26, 34, 40, 41, 52, 55.
 Barbosa (Antonio do Carmo Velloho de)—33.
 Barbosa (Domingos Caldas)—15.
 Barbosa (Ignacio de Vilhena)—2, 11, 22, 42, 43, 53, 56, 60, 61.
 Barbosa (J. M.)—43.
 Barbosa (D. José)—27, 38.
 Barreiros (Eduardo Montufar)—48.
 Barreto (João Augusto da Graça)—41.
 Barros (Guilhermino Augusto de)—9.
 Barros (Henrique da Gama)—26.
 Barros (Dr. J. A. de)—49.
 Barros (Dr. João de)—3.
 Barruncho (Pedro Lourenço de Seixas Borges)—4.
 Bastos (Francisco Antonio Martins)—27, 39.
 Bastos (Francisco José Teixeira)—56.
 Bastos (Leite)—29.
 Bastos (Sousa)—8.
 Beaulieu (Paul Leroy)—14.
 Beça (Coriolano de Freitas)—48.
 Beça (P.^o João de Meyrelles)—5.
 Beckford (William)—14, 52, 62, 63.
 Bégin (Émile)—61.
 Bellem (Dr. Antonio Manuel da Cunha)—52, 56.
 Bellermand (Christiano)—21.
 Bellino (Albano Ribeiro)—4, 29, 47.

- Benevides (Francisco da Fonseca) 44, 52.
- Berardo (José de Oliveira)—36, 47.
- Beresford (William)—14.
- Bessa (Alberto)—44.
- Bettencourt (Fr. Antonio de)—12.
- Bezerra (Manuel Gomes de Lima)—22.
- Bispo de Coimbra—43.
- Blairie (Olivier de la)—31.
- Boavida (Dr. Antonio José)—33.
- Bonança (João)—21.
- Bonnet (Charles)—32.
- Bordallo (Francisco Maria)—60.
- Borges (J. Cardoso)—37.
- Botelho (Bernardo de Brito)—26.
- Bouchot (Auguste)—26.
- Braga (Fr. Manuel de Santa Anna)—26.
- Braga (Dr. Theophilo—Joaquim Theophilo Fernandes Braga)—23, 27, 39, 51, 61.
- Branco (Manuel Bernardes)—40, 50.
- Brandão (Zephyrino Norberto Gonçalves)—42.
- Bravo (Antonio Rosado)—39.
- Brito (Fr. Bernardo de)—11, 27, 40.
- Brito (José Joaquim Gomes de)—5, 33, 54.
- Bulhões (Miguel Eduardo Lobo de)—52.
- Burnett—61.
- Cabral (Agostinho Augusto)—46.
- Cabral (Carlos de Moura)—30, 31.
- Cabral (Estevão)—37.
- Cabral (Frederico A. de Vascellos Pereira)—60.
- Cabral (Luiz de Almeida)—27.
- Cadornega (Antonio de Oliveira)—16.
- Caiola (João de Sá de Sousa Chichorro)—32.
- Caldas (P.º Antonio José Ferreira)—26.
- Caldas (Joaquim Guilherme da Costa)—13, 48.
- Caldas (Dr. José Joaquim da Silva Pereira)—3, 8, 30, 45, 46, 47.
- Camara (P. P. da)—17.
- Camelier (Jorge)—8.
- Campos (J. C. Ayres de)—29.
- Campos Junior (Antonio de)—25, 31, 32.
- Capella (P.º Manuel José Martins)—40.
- Cardoso (José Gomes da Silva e Mattos de Sousa)—55.
- Cardoso (José Ignacio)—52.
- Cardoso (José Silverio Rodrigues)—4.
- Cardoso (P.º Luiz Cardoso)—19.
- Carneiro (José Augusto)—54.
- Cartailhac (Émile)—30.
- Carvalho (Alberto de)—33.
- Carvalho (B. Azevedo e)—8.
- Carvalho (Francisco M. Henriques de)—7.
- Carvalho (João Carlos de Almeida)—56.
- Carvalho (João Lino de)—42.
- Carvalho (Joaquim Martins de)—13.
- Carvalho (José Pinto Rebello de)—18, 46.
- Carvalho (Pinto de)—30.

- Carvalho (Dr. Thomás de)—45.
 Casanova (Enrique)—48.
 Cascaes (Joaquim da Costa)—16.
 Castanheira (Alexandre de Abreu)
 —5.
 Castello Branco (Camillo)—6,
 10, 14, 30, 42, 44, 61.
 Castello (José Barbosa Canaes de
 Figueiredo)—3.
 Castiço (Fernando)—34.
 Castilho (Antonio Feliciano de)
 —8, 52.
 Castilho (Julio de, Visconde de)
 —8, 30, 38, 40, 55.
 Castro (Dr. Augusto Mendes Sim-
 mões de)—5, 25, 46 a 48, 60,
 62.
 Castro (Columbano Pinto Ribeiro
 de)—15.
 Castro (D. Leite de)—33.
 Castro (Gabriel Pereira de)—59.
 Castro (P.º João Baptista de)—
 32, 55.
 Castro (D. João de)—30.
 Castro (Dr. José Osorio da Gama
 e)—19.
 Castro (D. Luiz Filippe de)—50.
 Castro (P.º Nicolau da Silva—
 16.
 Cenaculo (D. Fr. Manuel do)—
 60.
 Céo (Madre Maria Benta do—
 30.
 Chagas (Manuel Pinheiro)—6, 24,
 27, 38.
 Chianca (J. J. C.)—31.
 Choffat (Paul)—50.
 Cidraes (Antonio dos Santos)—
 1.
 Coelho (José Eduardo)—5, 40,
 48.
 Coelho (José Francisco Trindade)
 —29.
 Coelho (José Ramos)—28, 61.
 Coelho Junior (Eduardo)—30.
 Colen (José Barbosa)—27.
 Colmenar (D. Juan Alvarez de)
 —18.
 Conceição (Fr. Apollinario da)
 —15.
 Conceição (Fr. Claudio da)—24.
 Cordeiro (Antonio Xavier Rodri-
 gues)—56.
 Córdeiro (Caldas)—52.
 Cordeiro (Luciano)—47, 59.
 Corrêa (Joaquim José Dias)—
 18.
 Corrêa (Joaquim Manuel)—3, 36.
 Corrêa (P.º José)—56.
 Corrêa (José Augusto)—11.
 Corrêa (José Hilario de Brito)—
 22.
 Corrêa (José do Nascimento Gon-
 galves)—27.
 Côrte Real (Antonio Moniz Bar-
 reto)—5.
 Côrte Real (José Alberto)—47.
 Corvo (João de Andrade)—59.
 Costa (Agostinho Rebello da)—
 18.
 Costa (D. Antonio da). D. Anto-
 nio da Costa Sousa de Macedo
 —22, 27, 44, 62.
 Costa (P.º Antonio Carvalho da)
 —14.
 Costa (Bernardino Camillo Cin-
 cinnato da)—50.
 Costa (Eduardo A. Ramos da)—
 12.
 Costa (Dr. Francisco Antonio Pe-
 reira da)—12, 14, 16.
 Costa (José Pereira da)—6.

- Costa (L. de Mendonça e)—32.
 Costa (Lourenço Justiniano da Fonseca e)—3.
 Coutinho (Azevedo)—25.
 Coutinho (Francisco Alves)—41.
 Coutinho (Manuel da Cruz Pereira)—3.
 Crasbeeck (Francisco Xavier da Serra)—39.
 Cruz (Francisco Ignacio dos Santos)—21, 58.
 Cruz (Francisco Pereira da)—58.
 Cruz (João Vieira Neves Castro da)—18.
 Cunha (A. R. da)—11.
 Cunha (José Chrispim da)—28.
 Cunha (José Germano da Silva Pereira e)—4, 24, 30, 58.
 Cunha (D. Rodrigo da)—28.
 Dagge (Guilherme S.)—13.
 Dalhunty (Marcus)—12.
 Dalrymple (Major N.)—58.
 Damasio (Fortunato Anselmo)—49.
 Dayot (Armand)—31.
 Delgado (Joaquim Filippe Nery)—12.
 Denis (Ferdinand)—31, 50.
 Dias (Carlos Malheiro)—8.
 Dias (Eduardo Augusto da Rocha)—46.
 Dias (José dos Santos)—4.
 Diniz (Julio)—Pseudonymo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho—23.
 Diniz (Pedro)—14.
 Dona (Dr. João Raphael Mendes)—61.
 Elyseu (Dr. José das Neves Gomes)—21, 61.
 Ericeira (Conde da)—D. Fernando de Menezes—60.
 Escrivannis (Augusto Carlos de Sousa)—17, 29.
 Espanca (P.º Joaquim José da Rocha)—12.
 Estaço (Gaspar)—11, 59.
 Falcão (Agostinho de Mendonça)—35, 36.
 Falcão (Agostinho Gonçalves Picotas)—43.
 Faria (Alfredo Ferreira de)—59.
 Faria (Fernando Godinho de)—41.
 Faria (P.º Manuel R. de)—18.
 Faria (Manuel Severim de)—11, 46.
 Faro (Mello e)—3, 45.
 Fava (Duarte José)—8.
 Feio (Antonio Cordeiro)—11.
 Feio (Dr. Florencio Mago Barreto)—34.
 Fernandes (João)—51.
 Ferraz (Luiz Barbosa Leão Coelho)—3.
 Ferreira (Dr. Alexandre)—38.
 Ferreira (Augusto Gerardo Telles)—8.
 Ferreira (José Maria de Andrade)—31.
 Ferreira (Dr. Pedro Augusto)—32.
 Ferreira (Simão Rodrigues)—4, 55.
 Fialho (P.º Manuel)—22, 23.
 Ficalho (Conde de)—44, 50, 60.
 Figanière (Jorge Cesar de)—5.
 Figueira (P.º Francisco da Silva)—51.
 Figueira (Pedro Cervantes de Carvalho)—29.

- Figueiredo (Dr. A. Mesquita de) — 55.
 Figueiredo (A. C. Borges de) — 11, 42, 54.
 Figueiredo (Anthero de) — 52.
 Figueiredo (Antonio José de) — 31.
 Figueiredo (Dr. Antonio Lopes de) — 45.
 Figueiredo (P.º Antonio Pereira de) — 12.
 Figueiredo (Filippe Eduardo de Almeida) — 3, 50, 57.
 Figueiredo (Luiz Alvares de) — 46.
 Figueiredo (Fr. Manuel de) — 8, 20.
 Figueirinhas (Antonio) — 52.
 Filinto (Jayme) — 24.
 Firmo (Joaquim Ferreira dos Santos) — 46.
 Firmo (Mathias José de Oliveira dos Santos) — 13.
 Flores (José) — 24.
 Fonseca (Arnaldo da) — 5.
 Fonseca (Faustino da) — 28, 58, 59.
 Fonseca (P.º Francisco da) — 22.
 Fonseca (Francisco Lopes de Azevedo Velho da) — 9.
 Fonseca (Martinho Augusto Ferreira da) — 42.
 Fontainieu (Eugenio de) — 52.
 Fontoura (João Carneiro de Moraes e Castro de) — 31.
 Forjaz (Augusto) Vej. «Sampaio».
 Fornellos (A. Maria de) — 35.
 Fortes Junior (J. T. R.) — 5, 21.
 Franklin (Francisco N.) — 35.
 Freire (Anselmo Braamcamp) — 5, 6.
 Freire (Antonio de Oliveira) — 15.
 Freire (Henrique Augusto da Cunha Soares) — 51.
 Freire (Justino Xavier da Silva) — 58.
 Freitas (Bernardino José de Senna) — 37, 44.
 Freitas (José Vicente de) — 49.
 Freitas (L. Vaz de) — 6.
 Freitas (Mello) — 59.
 Frias (D. C. Sanches de) — 44.
 Furtado (Eusebio Candido Cordeiro Pinheiro) — 22.
 Fuschini (Augusto) — 4.
 Gama (Arnaldo) — 43, 56, 59.
 Gamond (M. A. Thomé de) — 32.
 Gandra (João Nogueira) — 54.
 Garrett (Alexandre) — 60.
 Garrett (João Baptista da Silva Leitão d'Almeida) — Visconde de Almeida Garrett — 60, 62.
 Gasco (Antonio Coelho) — 3, 13.
 Gayo (Silva) — 32.
 Geraldês (Dr. Manuel Nunes) — 14.
 Godinho (Bento Affonso Cabral) — 6.
 Góes (Damião de) — 16, 62.
 Gomes (Henrique de Barros) — 42.
 Gomes (João Augusto Marques) — 9, 20, 27, 37, 54, 57.
 Gomes (Joaquim da Conceição) — 17, 42, 45.
 Gomes (José Candido) — 57.
 Gonçalves (J. C. de Sousa) — 7, 9, 13.
 Gonzaga (L.) — 1.
 Goodolphim (José Cypriano da Costa) — 40, 58.
 Goullard (Cesar) — 49.

- Goullard (Francisco)—49.
- Gouvêa (D. Caetano de)—7.
- Gramoza (Dr. José Pedro Ferraz)—39.
- Grégoire (L.)—24.
- Guerra (Dr. Luiz Figueiredo da)—21, 25, 35.
- Guerreiro (João Verissimo Mendes)—47, 58.
- Guimarães (João Gomes de Oliveira)—26, 57, 61.
- Guimarães (José Ribeiro)—57.
- Guimarães (Vieira)—40, 48.
- Gusmão (Dr. Francisco Antonio Rodrigues de)—7, 37.
- Haupt (Albrecht)—19, 62.
- Hautefort (C. V.)—14.
- Henriques (Dr. Julio Augusto)—50.
- Henriques (Guilherme João Carlos)—1.
- Herculano (Alexandre). Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo—30, 40, 48.
- Hübner (Dr. Emilio)—14, 46.
- Jesus (João de Santa Maria de). Pseudonymo de João Antonio de Azevedo.—15.
- Jesus (Fr. Luiz de)—28.
- Jesus (Fr. Manuel do Bom)—36.
- Joly (Ch.)—44.
- Jordão (F. de Almeida)—53.
- Jordão (Dr. Levy Maria)—27.
- Jorge (Dr. Ricardo)—14.
- Junqueiro (Arronches)—51.
- Juromenha (Visconde de)—11.
- Kessler (Ricardo)—50.
- Kopke (Diogo)—3.
- Lacerda (Antonio do Prado de Sousa)—60.
- Lacerda (D. Prior D. Francisco Corrêa de)—26.
- Lamas (Dr. Arthur)—15.
- Laranjo (Dr. José Frederico)—21.
- Larcher (Tito Benvenuto Lima de Sousa)—4, 37.
- Latouche (John). Pseudonymo de John Crawford.—58.
- Lavanha (João Baptista)—60.
- Le Bas (Jac. Ph.)—52.
- Leal (Augusto Soares d'Azevedo Barbosa Pinho)—46, 50.
- Leal (Francisco Félix Marques da Veiga)—39.
- Leal (Joaquim José da Silva Mendes)—17.
- Leal (José Maria da Silva)—55.
- Leal Junior (José da Silva Mendes)—42.
- Leal (M. Pereira da Silva)—39.
- Leão (Duarte Nunes do)—17.
- Leão (Manuel Barbosa)—26.
- Ledesma (José Gabriel)—34.
- Lichnowsky (Principe)—50.
- Lima (Bernardino Manuel da Costa)—32.
- Lima (D. Luiz Caetano de)—24.
- Lindemann (Carlos)—47.
- Lino (Raul)—48.
- Lobato (Gervasio)—29, 43.
- Locati (Sebastiano)—35.
- Lopes (Dr. Alfredo Luiz)—1.
- Lopes (Francisco Luiz)—7.
- Lopes (João Baptista da Silva)—19, 29.
- Lopes (Silvano Armand)—45.
- Lopo (Albino dos Santos Pereira)—41.
- Loureiro (Adolpho Ferreira)—36, 49, 50.

- Lousada (A. C.)—59.
 Lucas (Charles)—22.
 M. (F. M. de)—2.
 Macedo (Antonio de Sousa de)—59.
 Macedo (Christovão Rebello de)—18.
 Macedo (Dr. Francisco Ferraz de)—31.
 Macedo (Joaquim Antonio de)—26.
 Macedo (José Agostinho de)—39.
 Macedo (Lino de)—3.
 Machado (P.^o Diogo Barbosa)—62.
 Machado (Ignacio Barbosa)—23.
 Machado (Julio Cesar)—24, 30, 56, 58, 60.
 Magalhães (A. de)—61.
 Maia (Manuel da)—20.
 Malheiro (Bartholomeu de Macedo)—47.
 Manuel (Dr. Caetano Xavier de Almeida da Camara)—5.
 Manuel (D. João)—13.
 Maranhão (Fr. Francisco dos Prazeres)—7.
 Marçal (Ramiro Larcher)—50.
 Maria (Fr. José de Jesus)—21, 22.
 Maria Santissima (Fr. Mauuel de)—27.
 Mariz (Pedro de)—18.
 Marques (J. Martins da Silva)—61.
 Marques (Dr. José Epiphanio)—6.
 Marques (Salvador)—62.
 Martins (A. A.)—49.
 Martins (Ayres)—11, 41.
 Martins (J. Pedro de Oliveira)—60.
 Martins (José)—12.
 Martins (Rocha)—40.
 Mascarenhas (Brez Garcia de)—61.
 Mascarenhas (D. Jeronymo de)—26.
 Mascarenhas (J. Augusto de Oliveira)—33.
 Mastbaum (Dr. Hugo)—36.
 Mattos (J. M. Mello de)—12.
 Mattos (Silva)—8.
 Mattoso (P.^o Luiz Montez)—28, 44.
 Maya (Fernando da Costa)—8, 34.
 Mello (Antonio Joaquim de Mesquita e)—49.
 Mello (Engenio de Freitas Bandeira de)—41.
 Mello (Francisco do Rosario e)—15.
 Mello (D. Thomás de)—56.
 Mêna Junior (Antonio Cesar)—9, 35, 48.
 Mendes (Lopes)—8.
 Mendonça (Antonio Pedro Lopes de)—14.
 Menezes (D. Manuel de)—62.
 Menezes (Antonio Arthur Telles da Silva)—50.
 Merson (Olivier)—26, 31.
 Mesquita (Alfredo)—30, 55.
 Mesquita (Dr. José Maria de Moraes da)—38.
 Millingen (Dr.)—57.
 Monconys (M. de)—61.
 Monteiro (Dr. Antonio Maria do Couto)—5.
 Monteiro (J. P. Franco)—20.

- Monteiro (João Antunes)—53.
 Monteiro (Dr. Manuel)—56.
 Monteiro (Mario)—11.
 Moraes (Francisco de)—10.
 Moraes (P.º Gonçalo da Rocha de)—24.
 Moraes (Manuel do Carmo Rodrigues de)—50.
 Morgante (Dr. Bento)—19.
 Motta (Dr. Antonio F. P. da)—8.
 Motta Junior (José Carlos d'Araujo)—6, 44.
 Moura (José Diniz da Graça Motta e)—33, 43.
 Moutinho (Joaquim Ferreira)—1.
 Murphy (James Cavanah)—49, 58, 61.
 Natividade (Manuel Vieira)—25, 42, 53, 55, 57.
 Navarro (Dr. Emygdio)—52.
 Netto (José Diogo de Mascarenhas)—36.
 Neves (Henrique José das)—10.
 Neves (J. Affonso Baeta)—46.
 Niza (Paulo Dias de)—51.
 Nogueira (João Viegas Paula)—50.
 Nogueira (Dr. Pedro Manuel)—35.
 Norton (Thomaz Mendes)—22.
 Novaes (Dr. Antonio Gonçalves de)—53.
 Oliveira (Christovão Rodrigues de)—57.
 Oliveira (Delphim José de)—46.
 Oliveira (Fr. Domingos de)—16.
 Oliveira (Eduardo Freire de)—20.
 Oliveira (Fr. Francisco de)—18, 21, 37, 39.
 Oliveira (Dr. Francisco X. de Ataide)—41.
 Oliveira (Guilherme de)—59.
 Oliveira (P.º J. G.)—13.
 Oliveira (Fr. Nicolau)—31.
 Oliveira (Paulino de)—51.
 Ortigão (José Duarte Ramalho)—12, 14, 23, 51.
 Osorio (D. Anna de Castro)—51.
 Pacheco (Diogo Borges)—59.
 Pacheco (Miguel)—60.
 Paes (Miguel Carlos Corrêa)—32.
 Palha (Fernando Luiz Pereira de Miranda)—6.
 Paredes (Dr. Fabião Soares de)—52.
 Parreira (Oliveira)—31, 51.
 Paschoal (Fr. Diogo Vaz)—15, 27.
 Pato (Raymundo Antonio de Bulhão)—37.
 Patricio (Amador)—Pseudonymo de Martins Cardoso Azevedo—27, 37.
 Patricio (P.º Francisco José)—4, 23, 57.
 Pedroso (Sebastião José)—29.
 Peixoto (A. A. da Rocha)—43, 57.
 Pereira (Augusto Xavier da Silva)—25.
 Pereira (P.º Diogo)—58.
 Pereira (Domingos Joaquim)—34.
 Pereira (Dr. Felix Bernardino da Costa Alves)—22, 59.
 Pereira (Firmino)—10.
 Pereira (Gabriel Victor do Monte)—5, 9, 11, 14, 20, 22, 30, 43, 44, 46, 55, 58, 60.
 Pereira (Joaquim da Silva)—49.
 Pereira (J. A.)—54.

- Pereira (P.^o José Baptista)—37.
 Pereira (José S.)—3.
 Pereira (Luiz Gonzaga)—17, 39.
 Pereira (Manuel Botelho Ribeiro)—18.
 Pereira (Sertorio do Monte)—50.
 Peres (Dr. Agostinho Albino de Garcia)—16.
 Pessanha (João Manuel de Almeida Moraes)—1.
 Pessanha (D. José Maria da Silva)—5, 8.
 Pezerat (Carlos)—49.
 Picão (José da Silva)—5.
 Piedade (Fr. Antonio da)—10, 21, 22.
 Pietra (P. de Roure)—59.
 Pimenta (José Augusto)—34.
 Pimentel (Alberto Augusto d'Almeida)—11, 16, 21, 22, 23, 25, 28, 31, 35, 44, 47, 49, 50, 55, 56, 59, 60, 62.
 Pimentel (Diogo Pereira Forjaz de Sampaio)—38.
 Pimentel (D. João Maria Pereira do Amaral)—37.
 Pimentel (M. da Silva)—45.
 Pimentel (João Ignacio Teixeira de Menezes)—50.
 Pina (Ruy de)—10.
 Pinheiro (Joaquim Gil)—55.
 Pinheiro (José H.)—53.
 Pinho (Dr. João Frederico Teixeira de)—38.
 Pinto (Antonio Cerqueira)—20, 27.
 Pinto (Antonio de Sousa)—52.
 Pinto (Basilio Alberto de Sousa).
 Visconde de S. Jeronymo—33.
 Pinto (J. M. P.)—4.
 Pires (Antonio Augusto)—33.
 Pires (Antonio Thomás)—22.
 Pires (J. J. Caldeira)—2, 30.
 Pires (Conego Manuel A.)—48.
 Pires (Manuel José)—17.
 Pitta (Dr. José Pereira Paiva)—6.
 Poças Junior (Joaquim C.)—51.
 Portella (Adolpho)—60.
 Portella (Manuel Maria)—29, 45, 51.
 Portugal (Bento de Moura)—29.
 Portugal (João da Cunha Neves e Carvalho)—36.
 Portugal (Thomaz Antonio Villa Nova)—60.
 Poyares (Fr. Pedro de)—58.
 Praça (Dr. José Joaquim Lopes)—22.
 Prado (Fr. João de S. José do)—42.
 Preto (Julio Manso)—20.
 Proença (Francisco Tavares)—2, 44.
 Queiroz (Eça de)—14.
 Queiroz (José)—10.
 Quinet (Edgar)—40.
 Quintella (Arthur de Moura)—57.
 Raczynski (Condê)—30.
 Rama (José de Sousa)—11.
 Ramalho (Miguel Mauricio)—31.
 Ramos (Manuel de Sousa)—60.
 Rasteiro (J.)—51.
 Rattazzi (Princeza)—50. (Veja M.^{me} de Rute).
 Ratolla (Francisco Simões)—16, 45, 48.
 Raton (Jacome)—63.
 Rebello (Jacintho Ignacio de Brito)—21.
 Refoyos (Dr. J. A. Sousa)—12.

- Reis (Henrique Duarte Sousa)—
9.
- Reis (Ivo Pedroso Barata dos)—
18.
- Resende (André de)—11, 14, 26,
56.
- Resende (Garcia de)—10.
- Resende (Manuel Marques)—21.
- Resende (Marquez de)—17.
- Ribeiro (A. M. do Amaral)—14,
45.
- Ribeiro (Carlos)—15, 22, 36,
44.
- Ribeiro (J. Camillo)—2.
- Ribeiro (João Baptista)—23.
- Ribeiro (João Pedro)—7, 20,
38.
- Ribeiro (José Diogo)—38.
- Ribeiro (Dr. José Silvestre)—1,
5, 11, 28, 45, 52.
- Ribeiro (P.º Matheus)—12.
- Ribeiro (Thomaz)—Dr. Thomaz
Antonio Ribeiro Ferreira—30.
- Ribeiro (Victor Maximiano)—29,
40.
- Rocha (Dr. Antonio dos Santos)
—3, 32, 39, 43.
- Rocha (Dr. José de Mattos)—
18.
- Rocha (M. A. da Silva)—47.
- Rochemaure (Duc de la Salle de)
—28.
- Rollão (Jorge Gaspar de Olivei-
ra)—6.
- Roquette (Manuel)—44.
- Roxo (Antonio)—41.
- Ruiz (A. J. Mimoso)—43, 48.
- Rute (Madame de)—30. Vej.
«Ratazzi.
- Sá (Abilio de)—8.
- Sá (José Antonio de)—17.
- Sá (Manuel Forte de)—14.
- Sá (Valerio Pinto de)—8.
- Sabugosa (Conde de)—2, 41, 48.
- Sacramento (Fr. João do)—10.
- Salgado (Fr. Vicente)—11, 13,
38.
- Samodães (Conde de)—48.
- Sampaio (Dr. Adrião Pereira For-
jaz de)—38, 59.
- Sampaio (Augusto Forjaz Perei-
ra de)—50.
- Sanches de Frias (Visconde de)
—44, 49, 60.
- Sant'Anna (Fr. José Pereira de)
—10.
- Santa Maria (P.º Francisco de)
—30.
- Santa Maria (D. Nicolau de)—
10.
- Santa Maria (P.º Francisco de)—
62.
- Santarem (Visconde de)—37.
- Santo Antonio (Fr. Henrique de)
—10.
- Santos (Mgr. Alfredo Elviro dos)
—34.
- Santos (Francisco Maria dos)—
39.
- Santos (José Antonio dos)—42.
- Santos (Fr. Manuel dos)—1.
- S. Boaventura (Fr. Fortunato de)
—7, 26, 27, 39.
- S. Diogo (Fr. Pedro de)—28.
- S. Jeronymo (Visconde de)—
33.
- S. Miguel (Jacinto de)—42.
- S. Romão (Visconde de Villari-
nho de)—29, 40.
- S. Thomás (Fr. Leão de)—62.
- Sardinha (Francisco de Moraes)
—27.

- Sarmiento (Dr. Francisco Martins) —32, 47.
- Sarmiento (P.^o Martin)—22.
- Secco (Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques)—35.
- Sédille (Paul)—22.
- Sepulveda (Christovam Ayres de Magalhães)—22.
- Sequeira (Eduardo)—50.
- Sequeira (Francisco Corrêa Lopes)—34.
- Sequeira (Gustavo de Mattos)—60.
- Sequeira (Manuel de Azevedo Coutinho Fragoso de)—34.
- Serra (Francisco José Ribeiro)—6.
- Silva (A. A. Baldaque da)—22.
- Silva (A. F. d'Araujo e)—42.
- Silva (Alfredo Augusto Cesar da)—43.
- Silva (P.^o Antonio de Macedo e)—2.
- Silva (Dr. Antonio Joaquim Ferreira da)—1.
- Silva (Armando)—52.
- Silva (Augusto Vieira da)—9.
- Silva (Filippe Nery de Faria e)—20, 21.
- Silva (Innocencio Francisco da)—39.
- Silva (J. L. da)—44.
- Silva (Joaquim Augusto Porphyrio da)—37.
- Silva (Joaquim José Ventura da)—18.
- Silva (Joaquim Possidonio Narciso da)—16, 22, 32, 42, 43, 44, 53, 55, 57.
- Silva (José de Almeida e)—1.
- Silva (José Gago da)—2.
- Silva (José Gomes da)—39.
- Silva (José Joaquim da)—23.
- Silva (José Lucas da)—56.
- Silva (José Luciano de Figueiredo Lobo e)—10.
- Silva (Luiz Augusto Rebello da)—13, 35, 40, 62.
- Silva (Luiz Duarte Villela da)—12, 32, 39.
- Silva (Dr. M. Dias da)—12.
- Silva (Pedro Roberto da Cunha e)—50.
- Silveira (P.^o Francisco do Nascimento) 32, 57.
- Silveira (Joaquim Henriques Fradesso da)—23.
- Simões (Dr. Antonio Augusto da Costa)—28.
- Simões (Dr. Augusto Filippe Simões)—9, 14, 21, 22, 29, 53, 54.
- Soares (José Affonso de Oliveira)—4.
- Sobral (Francisco M. Melchiades da Cruz)—35.
- Soriano (Simão José da Luz)—27, 28.
- Soromenho (Augusto Pereira de Castro)—46, 57.
- Sottomayor (P.^o Manuel Pereira de)—10.
- Sousa (D. Antonio Caetano de)—28.
- Sousa (Abade Antonio Damaso de Castro e)—8, 16, 29, 34, 35, 45, 48.
- Sousa (Augusto Eugenio Freitas Cavalleiro e)—23.
- Sousa (Joaquim Sabino Eleutherio de)—32.

- Sousa (Dr. João Maria de)—45.
 Sousa (Fr. Luiz de)—27.
 Sousa (Dr. Manuel Bento de)—48.
 Sousa (Dr. Manuel Caetano de)—8, 47.
 Sousa (Pereira e)—23.
 Souto (José Pinto Rebello de Carvalho e)—23.
 Tagilde (Abade de)—41.
 Tavares (Pedro Manuel)—22.
 Teixeira (P.^o Candido da Silva)—56.
 Teixeira (Fr. Domingos)—60.
 Telles (Alberto)—Alberto Telles de Utra Machado—31, 49.
 Telles (Liberato)—Francisco Liberato Telles de Castro e Silva—43.
 Testa (Carlos)—20.
 Thomás (Pedro Fernandes)—20.
 Tinoco (João Nunes)—62.
 Torres (José de)—1, 30.
 Torres (Manuel Agostinho Madeira)—17.
 Torrezão (Guiomar)—50.
 Travassos (João Manuel Diniz de Oliveira)—7.
 Twiss (Richard)—61.
 Ulperni (S.)—24.
 Valdez (José Joaquim d'Ascensão)—1, 7, 37, 42, 45,
 Valle (Manuel Alvaro Solano do)—2.
 Valle (Abilio de Macedo Lopes do)—7,
 Varella (Joaquim José)—33.
 Varnaghen (Francisco Adolpho)—46.
 Vasconcellos (Alberto Osorio de)—62.
 Vasconcellos (Antonio Augusto Teixeira de)—48, 55.
 Vasconcellos (Dr. Antonio Garcia Ribeiro de)—22.
 Vasconcellos (Diogo Mendes de)—3, 11.
 Vasconcellos (Francisco Xavier de A. e)—37.
 Vasconcellos (P.^o Ignacio da Piedade e)—27.
 Vasconcellos (Jacob Menezes)—56.
 Vasconcellos (Joaquim de)—4, 9, 23, 54.
 Vasconcellos (Dr. José Leite de)—José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello—4, 9, 51, 53.
 Vasconcellos (Luiz Maria de Mesquita Carvalho e)—27.
 Vasconcellos (Luiz Mendes de)—56.
 Vasconcellos (Miguel Ribeiro de)—45.
 Vaz (João)—9.
 Veiga (Sebastião Philippes Martins Estacio da)—3, 8, 33, 51, 57.
 Veiga (Francisco Antonio da)—9.
 Velloso (Eduardo O. Pereira Queiroz)—55.
 Vermell y Busquets (D. Luiz)—48, 52.
 Vidal (Angelina)—30.
 Vidal Junior (G. A.)—23.
 Vieira Junior (Duarte Joaquim)—61.
 Vieira (P.^o J. Gonçalves)—4.
 Vieira (José Augusto)—40.
 Vilhena (D. Thomaz M. d'Almeida Manuel de)—9, 25.

Villa Maior (Visconde de) —
 20.
 Villela (Domingos José)—2.
 Viterbo (Dr. Francisco Marques

de Sousa)—5, 13, 14, 19, 24;
 43, 45.
 Viterbo (Fr. Joaquim de Santa
 Rosa de)—21.

«Na pagina 55 deu-se a seguinte omissão:

1049 a Ruínas (As) do Carmo—Manuel José da Cunha Brandão
 (1908).»



SEPARATA DO BOLETIM
DA
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Monographias e outras obras
referentes a varias localidades e monumentos
do
Continente de Portugal

BREVE INDICAÇÃO

POR

EDUARDO ROCHA DIAS



LISBOA
Typ. da Casa da Moeda e Papel Sellado
1908

PORTARIAS RELATIVAS A ORGANISAÇÃO

DE

ANNAES DOS MUNICIPIOS

«Sua Magestade a Rainha Ha por bem Ordenar, que em cada uma das Camaras Municipaes dos Concelhos do Reino e Ilhas Adjacentes haja um livro especial com a denominação de—Annaes do Municipio—no qual annualmente se consignem os acontecimentos e os factos mais importantes que occorrerem, e cuja memoria seja digna de conservar-se; e bem assim as descobertas de riquezas, substancias e combustiveis mineraes;—o augmento ou diminuição da producção agricola, e suas causas;—a longevidade das pessoas de que houver noticia, com a declaração do modo de vida que tiveram, e do seu alimento habitual;—as acções generosas, e os nomes dos seus auctores, que mereçam ser transmittidos ás gerações futuras;—e finalmente, tudo quanto possa interessar as tradições locaes. Para este fim Quer Sua Magestade que os Presidentes das Municipalidades nomêem uma Commissão, composta de alguns Vereadores, ou Vogaes do Conselho Municipal, que forem julgados mais aptos, a qual em todos os annos, no principio do mez de Março, e depois das reuniões necessarias, redigirá uma memoria que contenha as noticias e esclarecimentos acima indicados, e que sendo lançada em letra bem legivel no referido livro, que se guardará cuidadosamente no archivo da Camara, será assignada por todos os Vogaes da Commissão. O que a mesma Augusta Senhora Manda, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, participar ao Governador

dor Civil de Vianna, para seu conhecimento, e para que, expedindo nesta conformidade as convenientes ordens ás Camaras Municipaes do Districto a seu cargo, fiscalise a execução dellas, por intervenção dos Administradores respectivos.

Palacio das Necessidades, em 8 de Novembro de 1847.—
Antonio de Azevedo Mello e Carvalho.»

«Tendo-se ordenado, por Portaria-Circular, dirigida a todos os Governadores Civis, em data de 8 de Novembro de 1847, e publicada no Diario do Governo de 11 do mesmo mez, N.º 267, que em todas as Camaras Municipaes dos Concelhos do Reino e Ilhas adjacentes haja um livro especial, com a denominação de —Annaes do Municipio—no qual annualmente se lancem os acontecimentos e factos mais importantes que occorrerem, e cuja memoria seja digna de conservar-se: Manda Sua Magestade El-Rei, Regente em Nome do Rei, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, que o Governador Civil do Districto de Lisboa declare quanto antes, qual o cumprimento que no mesmo Districto se ha dado á dita Portaria Circular; na intelligencia de que, se, porventura, n'isso tiver havido algum descuido, deve, sem demora, dar as ordens necessarias para a sua inteira execução.

Paço das Necessidades, em 15 de Abril de 1854.—*Rodrigo da Fonseca Magalhães.*» (1)

(1) Na mesma data e conformidade a todos os Governadores Civis do Reino e ilhas adjacentes.

(*Collecção Official da Legislação Portuguesa, Annos de 1847, pag. 498, e de 1854, pag. 91.*)

Outubro a Dezembro de 1908

BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

MONUMENTOS ARCHEOLOGICOS — MUSEU DO CARMO

Representação dirigida ao Governo de Sua Magestade em 1866 pela
Associação dos Architectos Civis Portuguezes

Senhor.—É verdade geralmente reconhecida que os monumentos são a chronica de pedra dos paizes em que se erguem; chronica mais exacta e verdadeira do que a devida ás pennas dos escriptores. Estes podem ser, e são algumas vezes, senão muitas, enganados por tradições fabulosas ou por outras fontes desauthorisadas a que recorreram para se informarem do passado, e tambem não é raro serem illudidos nas suas apreciações sobre o presente pelo prisma que as paixões lhes põem diante dos olhos, fazendo-lhes ver os objectos sob falsas côres. Porém os monumentos são como espelhos em que fielmente se retrataram as gerações que os construíram. Nelles delinearão os architectos, e esculpirão os esculptores sem quererem, nem attentarem em tal, os usos e costumes do paiz, a sua indole, crenças e aspirações, emfim, o seu estado normal, e o seu atrazo ou adiantamento no caminho da civilização.

Nos tempos de barbaridade derrocavam-se os monumentos com a mesma facilidade e desprezo com que se destruíam bibliothecas. Porém, á maneira que a civilização foi avançando, as nações que primeiro e mais fortemente sentiram o seu benefico influxo, começaram a olhar com attenção e interesse para todos esses padrões da antiguidade. E hoje as que se consideram mais cultas, estimam-n'os como reliquias venerandas dos seus antepassados, zelam-n'os e cuidam desveladamen-

te da sua conservação como documentos preciosos para a historia das artes.

Portugal, que tomára a dianteira a todos os povos nos commettimentos mais ousados e grandiosos das edades modernas, tambem figurou por algum tempo na vanguarda dessas nações que estenderam mão protectora sobre os monumentos. Deve ao Senhor Rei D. João v ver-se outra vez collocado em um posto de honra, entre as nações mais civilizadas, depois de ter retrogradado tanto por effeito de grandes e immerecidos infortunios.

A constituição da Academia Real da Historia Portugueza, fundada por decreto de 8 de Dezembro de 1720; os regulamentos sobre o plano geral da vastissima obra que lhe era commettida e ácerca da divisão e distribuição dos trabalhos; e finalmente o decreto provendo á conservação dos monumentos, de quaesquer reliquias da antiguidade que existissem sobre o solo, ou se viessem a descobrir em escavações casuaes, ou feitas expressamente para esse fim; taes providencias constituem uma gloria do reinado daquelle monarcha, gloria que pôde ser invejada por todas as mais nações, pois que nenhuma outra se honra com uma empreza semelhante, de tal magnitude e proficuidade.

Traçaram-se porém tão largos fundamentos ao edificio que se pretendia erigir, que não podia bastar certamente a vida de uma geração para lançar a primeira pedra e pôr a ultima em fabrica tão colossal.

A Academia deixou valiosos documentos do zelo e diligencia com que muitos dos seus membros se esforçaram para corresponder aos desejos do soberano e aos fins da instituição. Porém, a doença que levou á sepultura o Augusto Fundador, ao cabo de nove annos de padecimentos, foi como um golpe que feriu mortalmente a Academia. D'est'arte viveu ainda alguns annos quasi inteiramente inactiva, até que cessou de existir, ficando por concluir a tarefa a que mettêra hombros.

Assim tambem caiu em desuso e ficou letra morta o sabio e patriotico decreto, que velára durante quasi todo aquelle largo reinado pela conservação dos nossos monumentos historicos e artisticos.

O terramoto do 1.º de Novembro de 1755 alastrando de ruinas uma grande parte do reino, e derrubando muitos dos seus melhores monumentos, foi, em nossa opinião, a causa que mais contribuiu para se annullar completamente não só aquelle impulso civilizador, mas até os effeitos moraes que elle tinha produzido no animo do povo.

O que é certo é que desde então começou a desenvolver-se entre nós uma fatal indiferença, ou antes desprezo para com os padrões da antiguidade.

O Serenissimo Principe Regente e ao diante Rei, o Senhor D. João VI, quiz oppôr um dique á progressão destes males, e, por decreto de 4 de fevereiro de 1802, declarou em vigor o do Senhor Rei D. João v de 14 de Agosto de 1721. Não corresponderam, porém, os resultados a tão louvavel esforço, porque lhe obstaram os acontecimentos politicos, que sobrevieram passado pouco tempo. Infelizmente o mal não ficou estacionario com o mau exito da tentativa.

Aquella indiferença e desprezo, augmentando pelas naturaes consequencias, e pelas longas discordias civis, converteram-se, quasi que se pôde dizer em odio, chegando a assumir as proporções de uma doença chronica do corpo social; uma como febre demolidôra, que nada poupava, que arremettia raivosa contra as mais venerandas testemunhas das passadas glorias de Portugal.

O successivo desaparecimento de inumeras inscrições latinas e dos restos de muitas cidades romanas, que ainda se viram no meiado do seculo XVIII, o derrubamento constante de tantos castellos que falam do valor e coragem com que os nossos antepassados defenderam a independencia e liberdade d'esta boa terra; a destruição, que estamos presenciando a cada passo por todo o reino, de tantas memorias historicas e antigualhas curiosas, não se podem considerar simplesmente uma perda real e mui grande para a nação, pois que tambem são um desdoiro para o seu nome.

A Associação dos Architectos Civis Portuguezes, comquanto lamente profundamente estes males, não vem propor ou solicitar agora de Vossa Magestade providencias que lhe ponham cobro. Reconhecendo por um lado as difficuldades do assumpto, vendo por outro lado em via de restauração alguns dos nossos principaes monumentos historicos e artisticos; e crendo que é chegada a epocha de principiar a esclarecer-se o espirito publico sobre a significação e valor de taes objectos; confia em que o governo de Vossa Magestade não deixará de pensar, logo que lh'o permittam outros negocios mais graves e urgentes, nos meios de salvar, pelo menos, das devastações dos homens o que nos resta de fabricas antigas.

O que traz esta Associação aos pés do Throno é o desejo de dar realisação a um pensamento que ao mesmo tempo que é exequivel

desde já, será de muito lustre para a arte, e de honra e proveitô para esta Associação e para o paiz.

Guiada por estes nobres estinulos e em cumprimento dos deveres que lhe impõe a missão que a si tomára, de promover por todos os modos ao seu alcance o desenvolvimento e esplendor da arte, resolveu crear um museu archeologico no edificio gothico do Carmo, que o governo de Vossa Magestade generosamente lhe concedeu para este fim.

O Museu está fundado e os seus principios são tão auspiciosos, que lhe promettem rapido engrandecimento. Graças ao animo patriotico de algumas pessoas que têm offertado varios objectos archeologicos de bastante apreço, e graças tambem ao illustrado Governo de Vossa Magestade e Camara Municipal de Lisboa, que permittiram que para ali fossem removidas, e ahí figurassem emquanto o nosso Governo e Camara lhes não davam mais conveniente destino, diversas obras de esculptura; o Museu Archeologico desta Associação já apresenta aos estudiosos algumas estatuas, tumulos, baixos relevos, medalhas e outros objectos archeologicos, que são specimens da arte de variadas epochas, desde o tempo dos romanos.

Se a Associação ali puder colligir o maior numero possivel das lapidas e cippos romanos, de inscrições antigas e dos fragmentos de esculptura que se acham dispersos por todo o paiz, e em completo estado de abandono e desprezo; se lograr ir augmentando successivamente as suas collecções com as medalhas, obras d'arte ou quaesquer outras antigualhas que venham a descobrir-se por meio de escavações; terá instituido dentro daquellas sacrosantas paredes, que commemoram um dos maiores feitos d'armas de que esta nação se gloria, um verdadeiro atheneu, onde os portuguezes possam ir estudar a historia da architectura e da esculptura em a nossa patria. Então os que quizerem escrevel-a acharão ali reunidos preciosos elementos para um livro consciencioso, que nos falta e de que tanto havemos mister.

Todavia, por maiores que sejam os desejos e os esforços desta Associação, não poderá obter taes resultados sem a cooperação do governo de Vossa Magestade. Solicita-a, pois, para que, por intermedio das Camaras Municipaes e dos administradores dos concelhos, se recomende aos proprietarios de qualquer das referidas antigualhas, de que as mesmas auctoridades tiverem noticia, ou que vierem a descobrir-se no decurso do tempo, que as não destruam ou alienem sem

que a Associação dos Architectos Civis Portuguezes seja avisada, a fim de enviar á respectiva localidade pessoa competente para diligenciar adquirir, por dadia ou por compra, para o Museu da Sociedade, o objecto em questão, sendo interessante e transportavel, e em caso contrario, isto é, se for impossivel o accordo ou o transporte, para desenharem escrupulosamente esse objecto, de modo que a sua existencia e fórmam fiquem bem consignadas e possam servir de base para estudos posteriores.

Vossa Magestade, fazendo assim reviver, em harmonia com os principios vigentes, e sem onus algum para o estado, as sabias disposições do decreto do Senhor Rei D. João v, dará um novo lustre ao seu reinado, procurando salvar da destruição o que nos paizes cultos é assumpto de apreço cada vez maior e de assiduas lucubrações; e proporcionando a esta Associação mais um meio de realisar todo o seu pensamento, em honra e utilidade da classe que representa, e de toda a nação.

Pede pois a Vossa Magestade a graça de deferir-lhe como supplica.

E. R. M.

Lisboa, 14 de Maio de 1866.

O PRESIDENTE—*Joaquim Possidonio Narciso da Silva*

O 1.º SECRETARIO—*José da Costa Sequeira*

O 2.º SECRETARIO—*Paulo José Ferreira da Costa*



CRUZEIROS NOTAVEIS

(Continuado do Tomo xi, n.º 5)

LIX

Cruzeiro de Porto de Mós

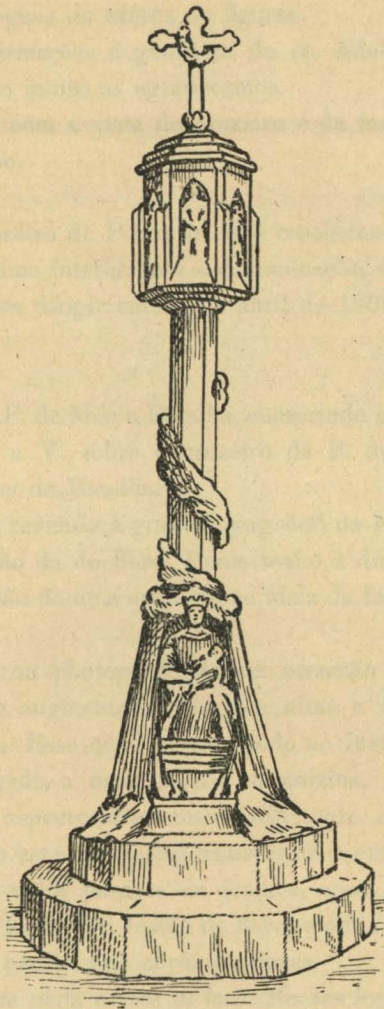
Ferdinand Denis, aquelle sympathico velhinho, que até aos últimos annos manteve inalteravel a sua viveza de espirito e o seu amor a tudo quanto era portugûes, compôz para a collecção de «L'Univers, Histoire et description de tous les peuples» um volume consagrado a Portugal, o qual sahiu á luz em Paris, no anno de 1846, comprehendendo 440 paginas em oitavo, afóra 32 estampas separadas, representando diversos monumentos do paiz.

Entre elles figura o cruzeiro do Porto de Mós (estampa 29) e a respeito do qual o auctor escreve as seguintes linhas:

«A tres leguas de Leiria, ergue-se a bonita villa de Porto de Mós, cheia de tradições poeticas. As ruinas dos seus arredores são ainda celebres, merecendo ser visitadas por um archeologo distincto. Um monumentosinho cheio de elegancia serve de ornamento á sua praça principal, e ao leitor o offerecemos, não como reliquia de velhos tempos, mas como specimen dessas lindas cruces de pedra, que se encontram com tamanha frequencia em Portugal».

A estampa de Ferdinand Denis vem reproduzida a pag. 485 do 2.º vol. da Historia de Portugal, de Pinheiro Chagas. A nota explicativa a pag. 631 não passa duma traducção das palavras do mesmo auctor, acima transcriptas.

O pelourinho, felizmente conservado em estampa no livro do benemerito escriptor francez, já não existe no proprio local nem na plenitude da sua fórma archaica. Procedendo-se á construcção da estrada de S. Jorge á Chamusca, foi removido do local, em que jazera durante seculos, uns dez metros para o sul, ficando em frente da porta princi-



Cruzeiro de Porto de Mós

pal da igreja. Por essa ocasião foi também reconstruído, empregando-se algumas pedras novas e um novo capitel, diferente do primitivo, porque este não tem imagens de santos ou figuras.

Devemos estas informações á gentileza do sr. Adelino Ferreira Dias de Almeida, a quem muito as agradecemos.

Ha bilhetes postaes com a vista do cruzeiro e da fachada do antigo convento beneditino.

A proposito do cruzeiro de Porto de Mós recebemos do sr. Manuel Vieira Natividade uma interessante communicação, em carta que teve a amabilidade de nos dirigir em 18 de abril de 1908 e que passamos a transcrever:

«Estive hontem em P. de Mós e Batalha, cumprindo gostosamente o que tinha promettido a V. sobre o cruzeiro de P. de Mós e sobre a divisa *tân que serey* da Batalha.

Sobre o primeiro, e revendo a grav. de pag. 485 da Hist. de Port. que supponho reproducção da de Ferd. Denis tenho a dizer o seguinte:—a gravura em questão dá uma erradissima ideia da forma geral do cruzeiro.

Elle foi desenhado ou photographado em occasião de festa ou procissão, e foi portanto augmentado com um altar e quadro onde estava figurada a Virgem. Esse quadro, encostado ao fuste da columna do cruzeiro, está ligado a uma sanefa ou cortina, que envolve esse fuste dando-lhe um aspecto inteiramente differente. Junto do primeiro degrau do cruzeiro está uma meza transformada em altar, forma vulgar na região, e em volta pessoas de joelhos, oram. Sobre a columna, e enrolando-se nella ha um festão de flores e obliquamente, dos braços e cabeça da cruz pende uma corôa de flores.

Desse cruzeiro porém nada existe *in loco*. No seu lugar levantou-se outro de arte moderna, sem valor de nenhuma especie. O capitel ou lanternim do antigo cruzeiro fui descobri-lo. Já tinha dito a V. que era de barro cosido, e agora confirmo a minha declaração.

Creio porém que será copia, não completa de um antigo modelo em pedra, certamente gothico. Apresenta-se um bloco octogonal, de altura aproximadamente de 40 centimetros. Em cada face do octogono uma edicula gothica, e cobrindo-a quasi completamente uma figura, incompleta, illegivel, que recorda a dos apostolos no portico da Batalha,

onde talvez proceda na sua origem primitiva. Faltam já duas figuras, e das seis restantes nenhuma está completa. Pertence-lhe escultura á parte, visto reconhecer-se, com indiscutível clareza, que foram cravadas em cada edicula por grossos pregos de barro.»

LX

● pinheiro das Sete Cruzes

Antigamente, dizia o padre Antonio Vieira, pregavam-se os ladrões nas cruzes, hoje pregam-se as cruzes nos ladrões.

Esta antithese ou trocadilho é uma das mais flagellantês ironias do famigerado jesuita, que tão habilmente sabia fazer o jogo das palavras, quando tinha de censurar os homens e as coisas do seu tempo.

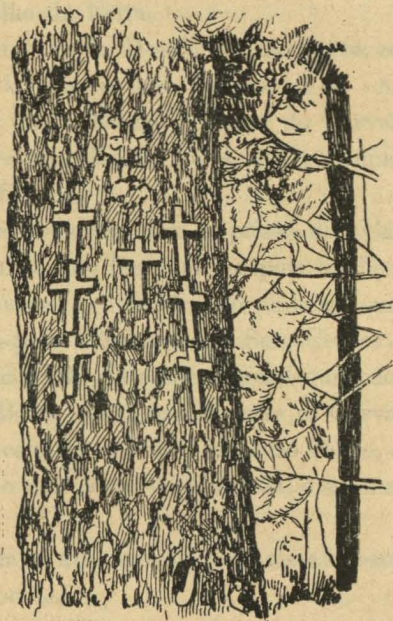
Representa ella, porém, uma actualidade palpitante e para ser applicada ás occorrencias de hoje, bastaria apenas modificá-la na fórma, ficando a essencia a mesma. Representa, infelizmente, uma verdade eterna, sendo uma consequencia da fallibilidade humana. A virtude, não raro, longe de merecer o devido premio, fica na sombra e cae no desprezo, ao passo que o erro e o vicio apparecem aureolados com o nimbo das benesses e das graças fraudulentas.

Não é só nos ladrões que se prégam as cruzes; é tambem nos pinheiros que ellas apparecem, formando calvario.

Um exemplo curioso se nos depara no «Pinheiro das Sete Cruzes», erecto no sitio da Vergada, n'uma freguezia do concelho da Feira. E' um exemplar original e pittoresco, accrescentando uma variedade á galeria já extensa, que temos até agora reunido e que se tornaria interminavel, se conseguissemos recensear todos os monumentos d'esse genero existentes no nosso paiz.

Foi o sr. José Pinto da Silva Ventura quem fez o obsequio de nos enviar as respectivas photographias, mimoseando-nos tambem com os seguintes apontamentos ou commentario elucidativo:

«Na freguezia de Nogueira da Regedoura, do concelho da Feira, ao tempo da invasão franceza, havia um individuo de maus costumes, ladrão e assassino, que, encontrando uns francezes, matou tres delles.



O pinheiro das Sete Cruzes

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 8—PAG. 512

Conta-se que fizera isto com o fim de ver se conseguia perdão ou indulto para os seus crimes.

Uma especie de Geraldo sem Pavor, em ponto pequeno.

Era conhecido pela alcunha de «Catafulla».

Foi agarrado pelos francezes, juntamente com outros e todos condemnados a serem mortos, no logar da Vergada, da freguezia de Mossellos, do referido concelho da Feira.

Era capellão do convento de Monchique, no Porto, celebrado por ahi se ter passado uma das scenas mais lancinantes do «Amor de Perdição», o padre João de Sá da Rocha, do logar do Carvalho, freguezia de Anta, do referido concelho da Feira, que costumava, amiudadas vezes, visitar a sua familia.

Uma d'essas visitas coincidiu com a prisão do «Catafulla e foi chamado para o confessar, o que fez, sendo depois tambem morto pelos francezes, e os cadaveres pendurados no pinheiro que ainda hoje existe e que é conhecido pelo «Pinheiro das Sete Cruzes».

Este padre tinha um irmão de nome Manuel que pelos francezes foi morto, no logar das Barrancas, que fica entre os Carvalhos e Vendas de Grijó, junto da estrada real de Lisboa ao Porto, sendo o seu cadaver conduzido para o dito logar da Vergada, e no mesmo pinheiro pendurado.

O logar de Vergada é atravessado pela mesma estrada e o pinheiro fica do lado do poente.

Na direcção das obras publicas d'Aveiro essa estrada é: «Estrada Real 10».

Perto do pinheiro foi, haverá vinte annos, mandada construir por uma sobrinha do padre João, uma pequena capella, com o dinheiro que tinha emprestado a um pescador da praia de Espinho e que julgava perdido, recebendo-o, em virtude de uma rêde trazer tanta sardinha que permittiu ao pescador o poder solver a sua divida.

Uma verdadeira pesca miraculosa!

As esmolos deitadas na caixinha da capella, são applicadas em missas por alma dos individuos que ali foram mortos, e, dentro desta, estão escriptos os seguintes dizeres:

«Aqui foram mortos pelos francezes a 11 de maio de 1811 o venerando padre João de Sá da Rocha, seu irmão Manuel e outros, nascidos no logar de Esmojães, freguezia de Anta.

Vós que tendes sentimentos
Lembrae-vos dos nossos tormentos.

Vós que por aqui passaes
Lembrae-vos de nós cada vez mais.

Por gratidão de sua sobrinha Francisca Alves de Sá, do lugar da Idanha, freguezia de Anta.»

Esta data 1811, está errada, deve ser 1809.

Num livro, que aqui tenho á mão, se lê:

«Na madrugada de 12 de maio do dito anno de 1809 queimaram os francezes esta ponte (do rio Douro) celebre para obstarem á passagem do exercito anglo-luso, que, a marchas forçadas, caminhava sobre elles, mas pela summa actividade do grande Wellington e mediante os generosos soccorros dos villa-novenses, se restabeleceu interinamente dentro de poucas horas».

A noticia transcripta tem interessante oportunidade, por isso que nos relata um desses obscuros episodios da invasão franceza, obscuros sim, mas frequentes e lastimosos formando uma cadeia indefinida, em que os élos da desgraça e os élos do patriotismo se unem indissolavelmente.

(Continúa)

Sousa Viterbo.



PAÇOS REAES

PAÇOS DE VALLADA

Mais um numero a ajuntar á lista dos paços reaes. Já indiquei neste Boletim (Tomo XI, n.º 3) a doação dos paços de Alcanhões e da rei agora noticia de facto semelhante com respeito aos de Vallada de frente de Santarem.

D. Manuel fez doação destes paços a Pedro d'Alcaçova Carneiro, seu escrivão da fazenda, o qual os renunciou em D. João Manuel, do conselho d'El-rei e seu camareiro-mór, por um contracto que com elle fez. (¹)

D. João Manuel, poeta do Cancioneiro de Resende, era filho natural de D. João, bispo da Guarda, e de Justa Rodrigues, ama de D. Manuel, fundadora do convento de Jesus em Setubal.

D. João tinha outro irmão, dos quaes, não obstante a sua procedencia illegitima, proliferou a familia illustre dos Manueis, em que resplandeceram escriptores notaveis, como D. Agostinho Manuel e D. Francisco Manuel de Mello, o celebrado polygrapho auctor da «Carta de Guia de Casados» e de outros livros, que lhe valeram merecidamente o titulo de classico, tanto na litteratura portugueza como na hespanhola.

Não encontrei a carta regia da primitiva doação a Pedro d'Alcaçova. A carta de D. Manuel, que confirma o contracto acima alludido, foi feita em Extremoz a 22 de fevereiro de 1497, acha se registada a folha 82, do Livro 2.º da Extremadura, e é do teor seguinte:

Dom Manuell etc. A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que queremdo nos fazer graça e merçee a Dom Joham Manuell do nosso conselheiro e nosso camareiro moor temos por bem e lhe fazemos doaçam e merçee dos nossos paços de ualada que sam em Santarem com todas suas cassas currell çercoyto e pertêças d'elle em dias de sua vida e de hũu seu filho baraão lidemo que a ora de sua morte ficar mayor os quaaes paços Pero d'Alcaçova scriuiam da nossa fazemda de nos tinha e os renunciou ao dito camareiro moor per comçerto que amtre elles foy feito. E poreñ mandamos ao nosso contador

(¹) O meu amigo A. Braamcamp Freire já mencionou este facto na extensa noticia que dedicou aos *Manueis* no *Livro segundo dos Brasões da sala de Cintra*.

da dita villa de Santarem que o meta em posse dos ditos paços com todas suas pertenças e lhos leixem teer lograr e pesoyr e fazer delles e em elles o que lhe aprouer assy elle dito contador como todollos outros que depois delle ao diamte vierem sem duvida nem embargo que hũs e outros a ello ponham porque assy he nossa merçee, dada em a nossa villa d'Estremoz a xxij dias do mes de feureiro Gaspar Roiz a fez, anno do nasçimento de Nosso senhor Jhesu Christo de mjjl e iiij^o IRvij annos.

Torre do Tombo—Extremadura Livro 2.^o—fls. 82.

SOUSA VITERBO.

Noticia sobre a conservação dos monumentos egypcios

dada em sessão d'assembleia geral de 6 de junho de 1900

(Continuado do numero antecedente)

Historia, religião, arte, civilização e esthetica dos antigos Egypcios

De todos os monumentos a que nos referimos, e de muitos outros interessantissimos, que nos foi necessario pôr de parte para não alongar demasiado esta exposição, decorrem considerações do maior valor para a descoberta da marcha e do progresso da humanidade.

Algumas vezes já nos referimos a estes assumptos de leve, mas talvez o bastante para que muitos dos meus benevolos ouvintes julguem, que não seja necessario recapitular. Bem sei que o nosso illustre Presidente desejaria que eu dicesse em que estado estavam os grandes trabalhos que vio, ha vinte annos, encetados no Cairo; mas, que querem, o negrume do mysterio attrahe-me: e negrume ainda é a proto-historia do antigo Egypto.

Quantos viajantes eminentes não têm parado defronte desses monumentos pedindo-lhes que fallassem; quantos olhos não se têm aberto desmesuradamente sobre esses papyros; quantas palpebras não se têm dessecado sobre os poucos pergaminhos de Alexandria!

Alexandria! Que horrivel pezadello para o philosopho, o poeta, o historiador, o homem de sciencia!

Durante seis mezes as fornalhas dos banhos publicos da maior cidade do VII seculo foram aquecidos com os escriptos em que estavam lançados todos os conhecimentos da humanidade, compilados e catalogados durante 60 seculos devolvidos! Alguns são antidiluvianos.

Foi então que a historia do antigo Egypto desapareceu com todas as suas tradições escriptas.

O Kalifa *Omar* acabou a obra nefasta de destruição encetada pelos fanaticos, hereticos ou não, entre os quaes se distinguio Theophilus, patriarca d'Alexandria, no reinado de Theodosio II de Constantinopla.

A Bibliotheca comtudo fôra respeitada, até que o islamismo a fez destruir por não haver, em todos aquelles papeis, referencia alguma aos dictames do Koran de Mahomet, o grande profeta.

Papeis, que tinham feito a educação e as delicias de Erathostenes, de Strabão, de Hypparcho, d'Archimedes e d'Euclides, além de muitos outros sabios, que n'aquelles tempos já não eram raros na humanidade, sobretudo entre os christãos.

No tempo de Julio Cezar um incendio accidental tinha devorado 750.000 obras, mas havia copias, que por todos os modos se obtiveram e o fundo pôde restabelecer-se.

No tempo de Omar o terror impedio que milhares de manuscritos se salvassem.

No muzeo de Napoles ha a sala especial dos papeis queimados, que têm dado logar a pesquisas interessantes pelo processo Piaggi, mas por emquanto ainda se não descobrio papyro, que diga respeito ao Egypto. Deve comtudo dizer-se, pois são tantos, que poderá succeder encontrar-se de futuro algum, que se refira especialmente a este paiz, visto serem frequentes as relações entre Alexandria e Herculanium e Pompeia, sitios em que se encontraram aquelles papeis carbonisados.

Para o Egypto os templos e os tumulos é que fallam; e a Syria, Chaldea, Babylonia e Persia muitas vezes tem dado o seu contingente para a historia comparada desses remotos tempos.

Um dos maiores subsidios para este estudo tem sido o Velho Testamento, escripto por Moysés, filho do Egypto, onde desde o tempo de Jacob viveo a tribu hebraica mais distincta em tradições e valor, tanto moral como politico e social, que lhe proveio da alta situação que Joseph (Yussuf) teve no tempo dos grandes Pharaós.

A ligação das duas historias judaica e egypcia tem alguma coisa de semelhante por vezes com a nossa portugueza e a hespanhola.

O interessantissimo trabalho de *Adam*, (1) Atlas illustrado de Historia e chronologia comparadas, dá para origem dos egypcios a descendencia de Cham, mas a migração dos descendentes de Japheth e de Shem é manifesta em muitos pontos das margens do Nilo, em que apparece o typo persa, assyrio e judaico em toda a sua pureza.

A migração é que se fez d'um modo devéras curioso: foi sempre ao longo das costas do golfo persico, do mar indico e do mar vermelho.

Não atravessou a Arabia deserta ou central, onde ficaram apenas diferentes tribus desgarradas e pastoris, que só tiveram importancia, quando Mahomet appareceo.

As expedições dos egypcios desde a XVI dynastia ao Ponto era para trazerem os productos dessas costas, que eram muito apreciados, como vimos nos registos dos muros dos templos de Thebas (Karnak, Deir-el-Bahri etc.).

Ora Menés, que fundou Memphis e é o primeiro rei historico do Egypto não parece ser originario d'ali, mas do medio ou alto Egypto e por isso é provavel que fosse o comandante d'alguma migração da Mesopotamia ou da Persia, que veio para se installar no paiz, onde existiam já aborigenes, descendentes de Japheth e de Shem, que vieram pela Palestina e que tiveram em epochas muito anteriores como reis a Osiris, Horus e seus descendentes.

Estes reis, *nomes* ou chefes d'estado, parece, terem tambem vivido principalmente no medio e alto Egypto, pois a tradicção diz percorrerem em correrias contra os inimigos desde Assuan até Abydos, onde estão os tumulos dos primeiros chefes reconhecidos.

Estes monumentos são já d'um trabalho tal, que muitos seculos deveriam ter passado sobre a descendencia de Nõe, ou sobre a humanidade para produzirem obras d'arte d'aquelle valor.

A tradicção dá para Osiris, Isis e Horus relações manifestas com a adoração do sol, da lua e das estrellas.

Portanto parece que a origem do culto religioso ou antes da religião primitiva dos Egypcios provem da admiração ou da impressão que sobre os seres humanos produzia o contemplar a abobada celeste. O *Animismo* veio depois com a reflexão comparada.

(1) *Adam's illustrated Panorama of History*: Walker, Londres.

Na orientação das Pyramides a influencia sideral é manifesta, e demonstra já conhecimentos muito adiantados e exactos *d'astronomia*.

Parece pois que a adoração do Sol é commum aos descendentes de Shem e de Japheth filhos de Nöe, mas a descendencia do terceiro filho, Cham, por ser mais migrante que as outras duas, deo-se logo ao polytheismo.

Na adoração do Sol pelos Persas ha ainda hoje muito de grandioso, e comprehende-se que forme a base d'uma religião.

D'ella dimanáram templos, simbolismos e fórmulas de doutrina, que se encontram espalhados actualmente por todo o Oriente, quer dizer pela maioria da especie humana.

Todos os antigos reis egypcios se denominavam filhos do Sol, como actualmente os imperadores do celeste Imperio, ou do Sol nascente.

Os carimbos (*Cartouches*) d'aquelles têm hieroglyphos, que isso significam e o sol alado foi sempre uma das decorações mais empregadas nos monumentos egypcios.

Esse tropheo é hoje um dos pavilhões mais gloriosos do extremo oriente.

O poder dos reis egypcios foi tão grande que elles quizeram que o povo os divinisasse e d'ahi resultou um polytheismo, que vimos era peculiar ás principaes cidades, como Memphis, Abydos, Thebas e outras, conservando-se comtudo respeitado por todos o deus de Heliopolis, o Sol.

Quantas guerras não originou esta diversidade de religiões!

As transformações por que passavam davam logar a variadas manifestações da arte e da civilisação. Mais o symbolismo era complicado, mais a arte se tornava delicada, e forcejava por deleitar os sentidos, dando-lhes imagens quasi ideaes.

A civilisação, o conforto da vida, tornava-se igualmente mais requintado e as festas mais appropriadas aos attributos que se imaginavam ás diversas divindades.

As danças começaram a ter grandes movimentos, em vez de serem a singela serie das posições artisticas primitivas.

A esthetica nos egypcios foi sempre da mais primorosa distincção; tinham innata a sciencia do bello; tratavam sempre de apreciar a natureza pelo seu lado mais favoravel e que lhes deliciasse os sentidos.

As sacerdotisas eram sempre escolhidas entre as princezas e as donzellas mais bonitas do reino.

Vimos a correcção elegante dos desenhos que ornam os muros dos templos e admira-se ainda hoje a situação em que estes estão collocados, debaixo do ponto de vista da payzagem, que se disfructa dos seus atrios ou dos terraços e pylones.

As pyramides e a sphinge estão n'uma situação incomparavel em relação ao valle do Nilo e do deserto Lybico; e datam de 3.000 annos antes de Christo!

A garganta, que dá entrada para a grande planicie de Fayum e o lago Möeris, foi embelezada e aproveitada pelos reis das dynastias do primeiro imperio para edificarem palacios, labyrinthos e bosques com desenhos complicados.

Que civilisação avançada era necessario ter para poder executar trabalhos de tal magnitude, póde julgar-se pelos dos Mouros em Granada, e os posteriores de Fontaineblau e de Versailles em França.

Pois muitas destas construcções desapareceram no fim do Imperio antigo pelas revoluções, os tremores de terra e as invasões d'outros povos que vinham saquear, para terem uma parte do espolio, que representára o gozo d'um povo, que tinha decaido d'energia para defender a independencia e o lar domestico.

O mesmo succedeu ás dynastias dos Imperios medio e moderno ou novo até a invasão dos Tanitas (XXI dynastia).

Sómente com relação a este ultimo as invasões foram dos povos cultos do Delta, e dos Persas que então já dominavam na Mesopotamia e na Palestina.

Mas o solo uberrimo, o ceo limpido e a superioridade dos preceitos religiosos e sociaes convertiam os invasores e levavam-os a proseguirem nos trabalhos encetados pelos indigenas do paiz.

É notavel este facto, sobre tudo durante a invasão dos Gregos com Alexandre o grande, que se esforçou por transferir para o Egypto a Macedonia, e a Grecia com toda essa serie de Ptolomeos que succumbiram ao poder dos romanos.

Comtudo, apezar da vitalidade das novas instituições, ellas transformaram-se no Egypto e quando o christianismo ali penetrou a religião e a cultura egypcia era a mesma, que no tempo do novo Imperio no seculo x antes de Christo.

Como explicar a vivacidade destas instituições? Muitos dizem que pela tolerancia religiosa e a estabilidade dos direitos dos cidadãos.

De facto os diversos cultos eram permittidos, como vimos. Os

judeos adoravam o seu Deus unico; os de Heliopolis o seu Sol, os de Thebas o seu Amon.

O Nilo, pela necessidade do aproveitamento das suas aguas, tornava indispensavel a continuidade do direito de propriedade, pois os trabalhos de defeza, que um fizesse, não seriam aproveitados por outros, se não fossem conservados; e para conservar é necessario possuir.

Os nilometros, que regulavam esses trabalhos, eram pertencas dos templos, fosse qual fosse o seu culto, e por elles se regulavam os impostos.

A propriedade era posta assim sob a protecção dos deuzes.

Mas os direitos individuaes não eram igualmente respeitadas; os escravos abundavam e póde dizer-se que todos os serviçaes o eram mais ou menos disfarçadamente.

Ainda nisto os invasores se conformaram com os costumes indigenas, que póde dizer-se subsistem actualmente. O que é no fundo o *fellah*?

Comtudo no antigo Egypto respirava-se uma certa liberdade tradicional, tanto que a *sacra Familia*, aquella santa, incomparavel e poetica *Triade*, lá foi para o Egypto, a fugir das crueldades de Heródes, o grande.

Com toda a simplicidade procurou guarida sob a frondosa copa do sycomoro, que ainda hoje é venerado por todos. Defronte, não longe, demorava o grande obelisco do templo do Sol (fig.^a 51), levantado por Usertesén I, 2.500 annos antes!

Ninguem se arreceava da visinhança.

A quantas manifestações da arte não tem dado logar esta scena biblica!

Poesia, pintura, musica; todas as artes teem concorrido para perpetuar tal scena.

Manzoni nos seus *Inni sacri*, na ultima estrophe *d'Il Natale*, exclama:

Dormi, o Celeste: i popoli

Chi nato sia non sanno;

Ma il di verrà che nobile

Retaggio tuo saranno;

Che in quel umil riposo,

Che nella polve ascoso,

Conosceranno il Re.

E que lhes direi do grande quadro de Kaulbach—a destruição de Jerusalem—que tem no angulo direito inferior a *fuga para o Egypto?*

Quando se entra na Pinacotheca de Munich, é raro que não se encontre mais que um pintor, copiando essa parte do quadro, que foi encomendada ou que immediatamente é vendida logo que serompta.

A escola franceza tem um pintor que se tornou celebre sobre tudo por este assumpto. É Claude Lorrain.

Recentemente n'uma das exposições do Salon de Paris appareceu uma surprehendente pintura sobre este thema, que mais se coaduna com o nosso assumpto, e que é uma creação brilhante, mas phantastica da imaginação do pintor.

Sobre o ceo azul recamado d'estrellas destacam-se as pyramides e a sphinge, cujas patas leoninas servem d'encosto á Virgem e a seu divino Filho, que espalha pelo ambiente a luz suave e doce do seu immortal resplendor. Parece ter sido inspirado pela estrophe de Manzoni e ao mesmo tempo significar que aquelle nimbo dissipará o negrume da escravidão na humanidade, representada por S. José, que pacifica e confiadamente apascenta o tradicional burrito, junto ao Nilo..

Vella pela familia, que tranquilla repousa e donde irradia um clarão que illumina a escuridão da historia antiga, representada nas pyramides, e do destino humano, consubstanciado na sphinge; essa *chimera* que parece figura *apocalyptica*.

É uma pintura que pretende exceder os limites da arte e da esthetica para attingir os da methaphysica. Falla ao coração e ao espirito; é a manifestação externa d'um profundo sentir.

Mas não é só a pintura que produz éstas vibrações da alma; a muzica tem produzido effeitos semelhantes e póde dizer-se que ella é uma das artes, que mais tem concorrido para o ensino da historia. Disse-lhes que Ismaíl-Pachá em 1869 tinha preparado tudo para receber condignamente os seus hospedes principescos e Imperiaes, que accorreram á inauguração do Isthmo de Suez.

Não reparou só os monumentos nacionaes dos antigos Pharaós, ou mandou construir muzeos e palacios, fez mais:

Encomendou a Verdi, uma opera, cujos episodios se passassem nos tempos aureos da antiga historia egypcia; n'um scenario que fizesse relembrar as suas magnificencias.

Tal foi a procedencia da *Aida*, drama lyrico, motivado nos episodios das guerras com os nubios durante a XIX dynastia.

Póde dizer-se que o primeiro acto se passa em Medinet-Abu, o segundo em Luksor e nas avenidas que conduzem até a porta Sul de Karnak.

Vejam a prespectiva deste local, gravada segundo os documentos da grande commissão franceza, a que tantas vezes nos temos referido, e digam se não é a marcha triumphal com elephantes e trombetas.

O terceiro acto passa-se, sem contestação, na ilha de Philéa. Foi ali, naquelle sitio encantado, que Verdi veio inspirar-se para produzir uma das suas mais brilhantes e sentidas composições.

As scenas do quarto acto estão appropriadas ao templo de Dendara, que tem mais de um pizo.

Não foi só Verdi que viajou no Egypto por causa da *Aida*. Scenographos, decoradores, directores de córos e d'orchestra, instrumentistas; todos vieram inspirar-se nas antigas ruinas, examinar os vestuarios, as joias, e as mil cousas que são necessarias para pôr em scena uma opera.

E assim Ismaíl-Pachá, que não olhava a despezas, legou uma divida enorme externa ao seu paiz, que não pôde solver, e donde lhe resultou a sua deposição: mas não ficou improficuo esse dispendio, e o Egypto tira hoje d'elle largos proventos.

Tornou-se um paiz conhecido e exploravel pelo estrangeiro, que ali afflue em larga escalla.

No Cairo não havia um theatro europeu; foi necessario construil-o na melhor praça da cidade, que faz face aos bairros europeos e tem proximo o jardim Ezbékiyeh, e foi inaugurado com a *Aida*, que deste modo foi um dos motivos d'aformoseamento da capital, e d'attrativo para os forasteiros.

A sua construcção é especial, por ser necessario empregar em parte dos camarotes de 1.^a ordem os mucharabiyés para as damas egypcias.

De ordinario as operas, que ali se cantam, dizem respeito a factos antigos da historia do Oriente, como:

Moyzes no Egypto de Mozart; *Semiramis* de Rossini; *Samsão e Dalilla* de S.^t Saëns; *Si j'étais Roi* de Adam; *Africana* de Meyerber. E cito estas duas ultimas por se referirem a assumptos que dizem

respeito ás colonias portuguezas, e que vulgarisaram a nossa historia, ainda que um pouco deturpadamente.

A opera póde dizer-se um *reclame* para certos pontos da historia, que se querem pôr em evidencia. Como tal desculpam-se-lhe todas as excentricidades e liberdades poeticas. (1)

Quando lhes descrevi Edfu chamei a sua attenção para a grande porta do templo, chamada *porta dos sentidos*, por n'ella estarem representados a *vista*, o *ouvir* e o *paladar* figurado pela lingua, que tambem poderia significar a faculdade de falar, o *verbo*, como se diz modernamente. Sendo assim a porta seria mais propriamente chamada das *percepções pelos sentidos* e explicar-se-hia melhor a prezença da *intelligencia* que faz parte do grupo. Seja como fôr, a esthetica da civilização egypcia exercia-se sobre todos os sentidos.

Os aromas eram por elles muito apreciados, e introduziram no seu paiz todas as plantas que os produziam. Com elles embalsamavam as mumias, que vestiam com os fatos mais ricos e agradaveis ao tacto para que tivessem todo o conforto, e a alma, quando as visitasse, ter prazer em se conservar junto do corpo por muito tempo, afim de cumprirem rapidamente os trabalhos, exegidos para poderem entrar no limbo dos Campos Elyseos, seu desideratum.

Até neste ponto elles ligaram a religião com a esthetica e a arte.

A religião que de principio era completamente natural e de contemplação sideral, passou a ser polytheista até a adoração dos animaes, para pouco a pouco passar a um monotheismo pantheista, a que o judaismo não foi estranho, parecendo ás vezes que acceitaram preceitos da religião revelada, em voga na Palestina.

A existencia d'uma alma immortal tornou-se então crença geral, e a arte tratou por todos os modos de tornar perceptivel e duradoura essa ideia.

É d'ahi que, segundo Mariette e Masperó, provem a construcção das pyramides, dos sarcophagos e tumulos grandiosos.

Como é que estas ideias tão antigas entre os egypcios só foram conhecidas dos gregos no tempo de Socrates?

São estudos que nos levariam muito longe e nos desviariam do nosso proposito.

(1) Nos ultimos tempos composeram-se mais duas operas sobre os romances de Louÿs e de Anatole France; *Aphrodite* e *Thaïs*.

Em todo o caso os livros dos preceitos religiosos, no tempo das primeiras dynastias do antigo imperio, sobre as recompensas na outra vida, que se seguia á morte terrestre, demonstram a que gráo de civilisação e de avançada philosophia se tinha chegado 40 seculos antes da era christãa.

E foram os christãos schismaticos da Syria (coptes), que sob as ordens d'Athanasio, seu Bispo, damnificaram uma grande parte desses monumentos, onde estavam gravadas crenças, que se approximavam das suas!

Deve dizer-se, não obstante, que elles o que fizeram foi estucar os muros, cheios d'inscripções, para desenharem os seus santos.

Raras vezes demoliram; só quando os espaços eram pequenos para conterem a concorrência dos crentes.

Ao contrario os mahometanos e turcos destruíram e incendiaram.

Os coptes sendo descendentes de Shem encontraram no Egypto todas as condições de existencia e de tradições para exercerem as suas crenças, repudiadas pelo concilio de Nicéa.

A immortalidade da alma, a esthetica da arte byzantina, que na Syria fôra modificada pela arte megalithica dos monumentos babylonicos, fizeram transição facil para o islamismo, ou arte arabe.

O sr. Choisy mostra claramente nestes desenhos como a arte se propaga nas differentes partes do mundo, e que influencia exerce nos differentes povos, sobrepondo-se as suas manifestações em muitos, sendo um dos principaes o Egypto.

Muzeos

Os coptes raras vezes se importaram com as necropoles; deixaram os mortos tranquillos. Deste modo os tumulos conservaram os objectos, que de tempos immemoriaes ali jaziam, e que tem vindo a ser descobertos desde 40 annos.

As mumias contem nos seus caixões papyros, tecidos, addresses, jóias, estatuetas e tantas outras cousas que de principio foram para Inglaterra, França, Italia, e outros paizes; mas que depois foram reunidas nos muzeos do Cairo e de Alexandria, começando recentemente a fazer-se muzeos regionaes, como o de Abydos, Karnak, etc.

De todos o mais importante é o do Cairo, installado primeiramente em Bulák, depois transferido para Gizé, que já é pequeno apesar das

importantes obras ali feitas, e estuda-se actualmente a maneira de apropriar a grande cazerna de Kasr-en-Nil para se estabelecer definitivamente o grande muzeo egypcio.

Será contudo difficil que um só edificio baste para conter as colleções, que de anno para anno augmentam de um modo tão consideravel. Haverá necessidade de especialisar os muzeos pelas colleções, em que hoje o central está dividido.

A construcção de todos esses muzéos será incombustivel e com portas guarda-fógos, como em parte se está fazendo em Gizé, que parece se destinará aos sarcophagos e mumias. Pertende-se assim isolar da cidade os caixões, que muitas vezes exhalam um cheiro pestilencial, e contem microbios de antigas epidemias, e que ainda vivem e se desenvolvem em culturas especiaes.

Encontraram-se bem caracterisados os da peste bubonica e do cholera, que estiveram incubados tantos milhares de annos.

O museo das joias será dos mais interessantes, pela variedade e o bem conservado de muitas d'ellas. A esta collecção pertencem os *escarabéos* tanto artificiaes, gravados em pedras preciosas e duras, como os naturaes.

O escarabelho é um insecto alado de carapaça brilhante com os furta-côres mais variados; muitos delles se encontram em perfeito estado, e ha senhoras egypcias, que tem collares destes n'um valor inextimavel.

Uma das colleções mais interessantes é a das moedas de vidro.

O *Brith Muzeum* possui uma, verdadeiro modelo de organisação e disposição. Para se entrar lá é necessaria authorisação especial.

A collecção das estatuetas é tambem digna de menção, não só as que os visitantes vinham depôr nos *mastabas* dos parentes e amigos, para lhes mostrar que não se esqueciam d'elles, mas as que se encerravam com a mumia e que eram os seus *duplos* ou anjos da guarda, a que já me referi.

A base das crenças egypcias, depois que se constituiu o Imperio em Memphis com a administração politica e religiosa, era que a alma era immortal e que vinha visitar o corpo de tempos a outros para cumprirem a penitencia que na occasião da morte lhe fôra imposta, e finalmente poderem ir para os Campos Elyseos. Mas na occasião do nascimento o grande deos que a elle presidia, sabendo que o corpo era

corruptível, mesmo no estado de mumia, fazia de barro uma estatueta que era o *duplo* do individuo creado, e os parentes para prevenirem a corrupção da mumia punham no caixão muitos desses *duplos* ou estatuetas reproduzindo as feições e vestuario do morto, o mais fielmente possível e assim a alma poderia vir sempre visitar o seu corpo em quanto não fossem para o limbo.

Não ha nesta crença uma semelhança com a criação do *Homem* e da *Mulher* contada por Moyses?

Dos milhões destes objectos encontrados escolheram-se os melhores, e os restantes resolveu-se que fossem vendidos. Para isso estabeleceu-se junto ao muzeo o deposito de venda, com uma lista de preços, que estão affixados em moeda nacional e estrangeira podendo deste modo o visitante comprar os exemplares que mais lhe chamaram a attenção. Quando o muzeo central estiver completo em Kasr-en-Nil, que fica situado junto á nova ponte do Cairo, a concorrência dos visitantes hade augmentar pela facilidade de communicações nos tramways electricos, que, sahindo da praça da Opera, passam pelas principaes ruas do bairro europeu.

É junto a esta praça que existia um pantano antigamente, o qual Mohamet-Ali mandou entulhar, assim como os terrenos até o Nilo.

Jardins

El Ezbekiyeh

Aquelle espaço constituiu durante muito tempo logadouro publico, mas quando se tratou de fazer o bairro novo europeu occupou-se, traçaram-se as ruas, e venderam-se em hasta publica os terrenos. Foi uma grande operação de que proveio a construcção d'uma cidade moderna lindissima.

Junto á cidade antiga construiu-se um jardim fechado, mas com muitas portas, que em ponto grande faz lembrar o Parc Monceau de Paris.

O seu nome commemora o do grande emir Ezbek, que emquanto vivo resistio aos turcos e ahi lhes ganhou uma batalha. Já podem ver quão grande é o espaço até o Nilo. Como jardim é um modelo de payzagem, e admirei-me que em 30 annos a arborisação adquirisse tal pujança.

No interior do recinto, formado por uma espessa sebe de pilriteiros e acacias farnezianas anãs, existem theatrinhos de marionettes, guinholhs, cavalinhos, circos de recreios, cafés, restaurantes etc.

De manhã a entrada é livre e muita gente vaee ali tomar o seo café com leite, como em Vienna d'Austria. De tarde as portas fecham-se: é necessario pagar para ir tomar o *five óclock tea*, e passear pelas pequenas collinas e elevações ou nos botes do lago por meio das palmipedes de plumagens brilhantissimas, indigenas do alto Egypto.

Para lhe dar ainda um fim mais utilitario as arvores estam etiquetadas, para instrucção das creanças, que são aos milhares.

Quem estiver fatigado de ver cousas antigas pôde repouzar-se neste jardim com scenas bem alegres e picturescas.

Gézireh

Na ilha Gizereh-Bulak, que é atravessada na parte sul pela avenida da nova ponte do Nilo, estão as grandes avenidas de acacias-Lebeck, o hypodromo e os grandes jardins que rodeiam o hotel internacional de Gézireh.

Foi um antigo palacio khedival, onde Ismaíl recebeu a Imperatriz Eugenia.

Hoje só conserva dos seus antigos esplendores 6 magnificas chaminés d'onix, marmores e ornatos de bronze; duas das quaes ornam os antigos apoentos da Imperatriz, e são avaliadas num milhão de francos cada uma. São de facto exemplares magnificos de decoração interna, assim como os bronzes de Barbedienne que ornam a escada e o kioske que fica no meio dos jardins, que são admirados do *hall* onde se toma o *five óclock tea*.

Jardim Zoologico

Junto ao palacio de Gizé, onde estava installado o muzeu, está um jardim que foi appropriado para Zoologico.

Palacio e jardim dizem ter custado 120 milhões de francos.

O Jardim que está traçado com grande gosto, tem arvores de grande porte e de muitas especies.

As grutas de stallactites fazem grande impressão pelas vistas que se gosam sobre os lagos, de contornos irregulares e phantasticos.

As installações das aves de rapina são excellentes e veem-se aguias e abutres colossaes.

Emfim na installação dos macacos via-se um orangotango que estava educado a tomar o seu chá com biscoitos ás 4 $\frac{1}{2}$ horas da tarde, o que era muito apreciado pelos visitantes.

Architectura egypto-byzantina, arabe e byzantino-arabe

Em frente de Gizé, onde estamos no muzeu e jardim zoologico, existe a ilha Gézireh Rôda, muito verdejante, que é separada por um braço do Nilo da margem direita do grande rio. Neste sitio está o bairro chamado *velho Cairo* e um outro denominado *Babylonia* ou bairro dos gregos e dos coptes. É um castello romano com um dédalo de ruellas estreitas tendo, ao centro proximamente, um templo, talvez o typo mais completo da architectura egypto-byzantina, quer dizer com a disposição romanica e membros dos templos egypcios.

Por baixo tem uma *Crypta* com tres naves sustentadas por columnas de marmore e porphiros, provenientes dos *sanctus sanctorum* de antigos templos.

Diz-se que nesta crypta viveo a *Virgem*, quando esteve no Egipto, e sendo assim parece que fosse do tempo dos romanos, que usavam estes pequenos ediculos.

Os primeiros christãos resguardaram a capellinha com uma construção superior e os coptes, quando vieram com a sua educação byzantina deram ao templo a sua fórmula definitiva, que os mahometanos respeitaram por algum tempo, mas que por fim appropriaram ao seu culto com os tanques para abluções e outros accessorios, devolvendo-a depois aos seus antigos possuidores, os coptes.

Cito-lhes este exemplo de capella-mór com fórmula redonda por ser o mais antigo conhecido, que depois foi usado pelos artistas que construíram as egrejas, mandadas edificar por Constantino, S.^{ta} Helena e seus successores.

Não longe para o lado do norte e já no bairro do antigo Cairo encontra-se a mesquita de Amru, o general do Kalifa Omar, successor do grande Mahomet.

Está em grande estado de ruina, mas teve 366 columnas de todas as fórmas e materiaes, roubadas aos edificios romanos e byzantinos, e mesmo assim causa a impressão de grandeza.

Quem sabe se della não deriva a cathedral de Cordova?

Os Kalifas vieram estabelecer-se no valle do Nilo de preferencia á Arabia central, que sempre mereceu o nome de deserta, mas não selvagem. Como monumentos deixaram principalmente as mesquitas em que estão construidos os seus tumulos. Imagine-se uma avenida sinuosa, mas larga, toda ladeada de mesquitas com minarettes e cupulas, sob que descansam os Kalifas. A fórmula da abobada, assente sobre um tambor exalçado, é muito original. A sua ornamentação exterior é muito variavel, chegando a uma polychromia de faianças d'um grande effeito artistico.

Na fig.^a LXXII vêem-se duas dessas mesquitas, talvez as mais bem conservadas; a de Këit-Bey e do Sultão Mohamed Rusmak. Nesta ultima vê-se bem como se passava da fórmula quadrada para a octogonal e por fim para o tambor e a abobada.

Compare-se com a torre do templo dos Jeronymos em Belem e ver-se-ha que a deducção artistica é a mesma.

Não obstante ha muitos architectos nossos que ainda suppõem que o estylo manoelino tem atavismo gothico, quando tudo o liga ao estylo veneziano e portanto ao oriental. Observem estas janellas largas com columnellos e archivoltas ogivaes; não lhes lembra a fórmula simples das arcadas do claustro dos Jeronymos?

Que lhes direi do effeito que se disfructa do interior? Todas essas janellas são ornadas com arabescos delicados, abertos em estuque, onde se encaixam pequenos vidros, córados, artisticamente dispostos de modo a formarem um conjuncto agradável, que faz lembrar os matizes do kaleidoscopio. E as combinações variam indefinidamente de janella para janella. Com um sol brilhante é phantastico.

Não ha esmalte transparente, que se possa comparar-lhe.

É nesta necropole, que contém centenas de monumentos funerarios, que além das mesquitas continham até *harems*, pois havia dotações enormes para pagar o pessoal do culto, debaixo das ordens d'um vizir, que mais variedade se encontra de fórmas d'architectura arabe propriamente dita, cujas characteristics se pôdem resumir assim:

1.º Introducção do arco ogival como elemento esthetico na architectura e emprego do arco bysantino sobrelevado, a que se juntam os



Fig.^a LXXII—Mesquitas funerarias ou tumulos de Keit-Bei (à direita)
e do Sultan Mohamed Rusmak.

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 9—PAG. 530



Fig.^a LXXIII—O *Muski*, antiga rua dos bazars e principal
arteria da cidade, com decorações arabes.

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 9—PAG. 531

arcos em ferradura, redondo ou ogival, o arco em zig-zagues, principalmente em Hespanha, o arco trilobado e o arco em fôrma de carena de navio, e correspondentemente a creação das cupulas respectivas.

2.º Desenvolvimento d'uma torre especial, chamada *minarete*.

3.º Fôrmas mais delicadas para as seteiras e ameias já existentes no Egypto, Assyria, Phenicia e Persia.

4.º Adopção dos silares de pedra com côres alternantes na construcção das fachadas, o que é commum á architectura byzantina.

5.º Invenção das graciosas cornijas de stalactites e sacadas de madeira e das adufas com o encanastrado das percianas (*mucharabiyés*) ou d'um enterlaçado de gesso ou de pedra (*Kamariyé*) (Fig.^a LXXIII).

6.º Desenvolvimento dado á ornamentação das superficies com fôrmas textis e com figuras de laçagem, ao emprego das letras ornamentaes arabes; e á rica decoração polychromica dos muros e dos tectos com tintas vivas, formando figuras geometricas que se cortam e recrusam.

São estes, segundo *Franz-Pachá*, o illustre architecto allemão que construiu o palacio de Gézireh, os principaes distinctivos da architectura arabe, cujas manifestações se encontram principalmente nas mesquitas e nos tumulos ou necropoles, mas que tem manifesta influencia nos detalhes, como os capiteis das columnas com a fôrma de stalactites, no fuste muito mais adelgado, na base que muitas vezes toma a fôrma campaniforme e estrelada com a periferia em saliencias.

No que se pôde chamar o *mesgid* do sanctuario ou parte principal do templo, onde se acha o *mihrab* (nicho cujo eixo está dirigido para Méca) ha decidida influencia da arte arabe no pulpito (*mimbar*) de madeira com paineis e incrustações de madreperola, marfim e metaes preciosos; no *Kuisi* ou estante para o Coran; na *dikké* ou estrado sobre columnas onde estão os assistentes do prégador; como nas cathedraes de Milão ou de S. Marcos de Veneza, em que o metropolitano é acolitado pelos suffraganeos, quando préga; emfim osapparelhos de illuminação, suspensos dos tirantes das arcadas ou dos tectos por cadeias de metal, e que são por vezes grandes lustres, ou mais pequenos, chamadas as sete estrellas, ou lanternas ou a simples lampada de azeite.

Tudo isto muitas vezes revela uma grande arte e arte vinda do *Haïran*, ou da Arabia central; como vêem não é sem razão que se diz: *ter lampada em casa de Meca*, onde as ha muito ricas e cinzeladas.

O Egypto é um dos paizes onde se encontra mais diffundida essa arte, o que corresponde á invasão dos mahomettanos, logo no começo do islamismo, no meiado do VII seculo da nossa era, e quando acabou no paiz o dominio byzantino.

Durante a idade media o Egypto esteve dominado pelos Kalifas ou representantes de Mahomet (vigorou até aos meiaodos do XIII seculo).

Nesse intervallo ha 6 dynastias mahometanas, acabando ás mãos dos mercenarios (mamelukos) que duraram até ao começo do XVI seculo, em que então veio o dominio turco.

As cruzadas tiveram lugar entre os seculos XII a XV e foram os *Cruzados* que trouxeram para a Europa a arte byzantina e arabe.

O dominio turco aproveitou-as e converteo em mesquitas os grandes templos christãos, que encontrou por toda a parte, onde dominou e naturalmente creou-se uma nova esthetica, que se póde chamar byzantino-arabe.

Approvetei o fallar-lhes da necropole dos Kalifas e na dos mame-lukos, em que a decadencia é já manifesta, para accentuar melhor a migração da arte oriental pelo occidente da Europa, e poder avaliar-se a differença com a arte gothica que parece ter tido origem no centro da França (Isle de France).

O dominio turco, que no Egypto durou até meiaodos do seculo XIX, na Europa póde dizer-se que acabou no seculo XVI e só em Hespanha ha monumentos de valor artistico que attestam a sua civilisação, emquanto que na Africa e na Asia são elles numerosos.

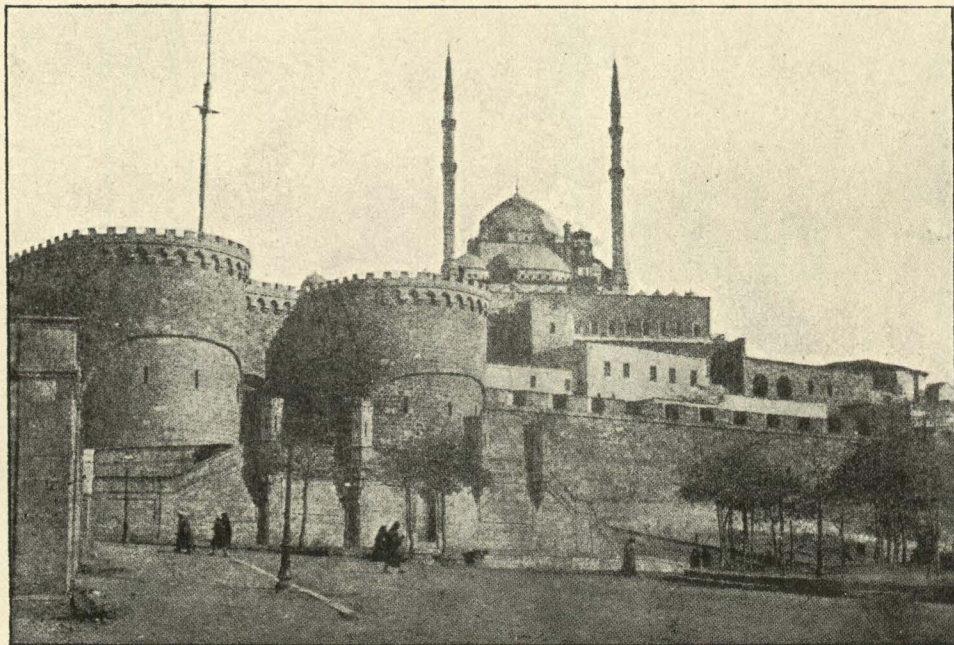
No Cairo, que foi fundado pelos mahometanos, ha mesquitas construidas sob a influencia da arte arabe, posto que executadas por gregos, coptes e bysantinos, como já vimos, e muitos outros já sob a influencia da arte byzantino-arabe pelos turcos, é raro que o modelo, que estes queriam imitar, não seja as de Constantinopla, principalmente a da cidadella que foi construida por Mohammed-Ali com os altos e elegantes minaretos.

Estas photographias (fig.^{as} LXXIV e LXXV) dão ideia perfeita da impressão que devem causar essas elevadas columnas esbeltas, que o vento faz visivelmente dobrar, como se fossem palmeiras sem coma, e a sobreposição das cupulas que se disfructa de todos os lados. Começada em 1825 terminou em 1857.

Sendo de construcção muito recente é comtudo moldada pela planta de S.^{ta} Sofia com os artisticos accessorios arabes de grande riqueza.



Fig.^a LXXIV—Vista da Cidadella, tirada das alturas da Mokatam,
dominada pela mesquita de Mohamed'Ali.
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 9—PAG. 532



Fig^a LXXV—Vista da porta principal N. da cidadella e da mesquita com os minarettes à frente.

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 9—PAG. 532

Não seria imparcial se não lhes chamasse a attenção para as portas da fortaleza, que foram estudadas com muita arte, como se póde ver da fig.^a LXXV, e pela fig.^a anterior póde avaliar-se da importancia que as muralhas teem, mas ellas foram traçadas pelos engenheiros militares francezes, que voltaram ao Egypto no tempo da restauração burbonica.

Podia terminar aqui a minha exposição sobre os monumentos egypcios e dar por terminado o encargo que o nosso Ex.^{mo} Presidente me confiou, mas não seria justo nem leal se lhes não mostrasse ao menos as photographias dos grandes trabalhos d'obras publicas que actualmente se construem.

Açudes e barragem do Nilo

O primeiro açude de que lhes mostrarei a photographia está construido junto ao Cairo na ponta sul do Delta.

Mohammed-Ali, chefe da actual dynastia, que veio em soccorro do Egypto para o livrar da invasão franceza de 1798 a 1801, logo que póde reorganisar a administração civil e religiosa preocupou-se das obras publicas e militares, entre as quaes se destacam a cidadella, a mesquita, o aterro do charco onde hoje está o jardim Ezbekiyé e dos campos até o Nilo e por fim o grande açude ao Norte do Cairo, de que dista 24 kilometros, para elevar um pouco as aguas do Nilo e conduzil-as aos canaes d'irrigação, que servem tambem de navegação para pequenos barcos, ficando esta a montante em melhores condições para os barcos que do Cairo fazem o trafego para o alto Nilo, fazendo-se sentir a influencia do açude até Bedrachein. (Fig.^a LI).

Como vêem o açude, cujo projecto é devido ao engenheiro francez *Mougel*, consta d'uma serie de pilares entre os quaes correm umas portas-corrediças ou adufas de madeira e ferro que são manobradas de cima por uns ginchos moveis que vão d'um extremo ao outro do açude. Sobre os pilares assentam vigotas de ferro sobre que repousa a structura da estrada.

O açude é dividido em duas partes, correspondentes aos dois braços ou rios em que o Nilo ali se divide: um o de Damietta a leste, o outro o de Rozetta a oeste. O primeiro lanço tem 500 metros de comprimento, o segundo 440 metros, havendo na ponta do Delta uma linda avenida de accacias lebeck, tendo ao meio uma construcção chamada kioske, que serve de restaurante, tendo dois pequenos minaretes para

se gozar da vista para uma e outra margem e da parte central do Delta, que é atravessado pelo canal de Manaüfiyé para irrigação e navegação nessa provincia. Ha por tanto tres canaes que teem a sua origem no açude, servindo para irrigação e navegação e foi necessario construir igual numero de pontes para dar passagem aos barcos.

Na fig.^a LXXVI mal se vêem estas pontes por estarem encobertas com as testas do açude, construcções elegantes no estylo normando, que assemelham castellos medievaes.

Durante muito tempo foi o maior açude que se conhecia, e o tractado com mais arte.

Na figura vê-se do lado esquerdo e no primeiro plano a porta da represa da margem leste com a indicação do canal, que passa debaixo da ponte fixa que tem uma grande altura de pés direitos.

A ponte no centro é girante para não interromper a avenida e dar passagem facil ao canal de navegação.

A construcção foi extremamente difficil pelas fundações serem sobre lodos a que não se achou fim, sendo necessario reforçal-as em 1890, no que se gastou 2.500 contos de réis.

Quando lhes descrevi a viagem sobre o Nilo fallei do açude construido por José (Yussuff) em Assiút para fazer entrar as aguas no canal d'irrigação e navegação que vinha até á planicie de Fayum.

Quando Ibrahim-Pachá, filho adoptivo de Mohammed'Ali, participou do poder, por este ultimo estar demente, um dos seus primeiros actos d'administração foi mandar reparar as obras desse canal.

Os beneficios, que se tiravam, não eram comtudo grandes e quando os inglezes em 1890 decidiram fazer no Egypto o mesmo que na India, inaugurando trabalhos d'irrigação tendo por base a captagem das aguas em sitio que permittisse um grande volume; a sua primeira obra foi melhorar as condições do canal Ibrahim, que apenas tinha um pequeno tirante d'agua (1^m,0 a 1^m,50) para lhe dar proximamente 3 metros.

Para isso era necessario refazer por completo o açude de Assiút que tem 1.600 metros de largura e é constituido por pilares distantes de 3^m,50 entre os quaes correm as adufas com 5 metros d'altura.

A figura LXXVII dá uma ideia clara desta disposição e portanto da sua grandiosidade. Mas para melhor se verem as suas dimensões e como as adufas se manobram mostro-lhes esta photographia (fig.^a LXXVIII), que indica claramente a disposição da ponte girante sobre a represa, cujas portas se vêem á direita, e a serie de aberturas no pavimento

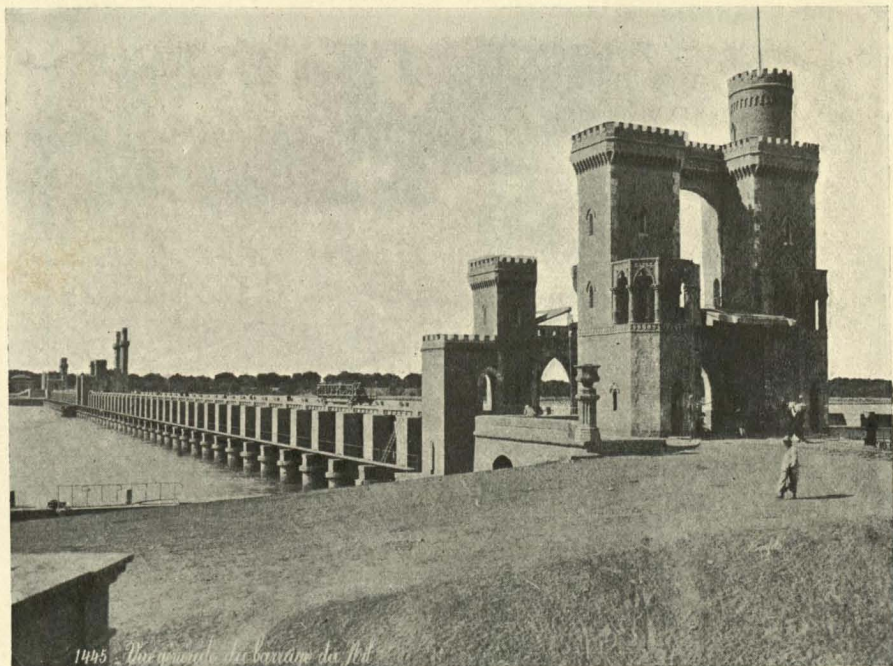


Fig.^a LXXVI—Vista do açude do Nilo ao Norte do Cairo entre as estações
ferro-viarias *Chabra* e *Monachi*.

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 9—PAG. 534

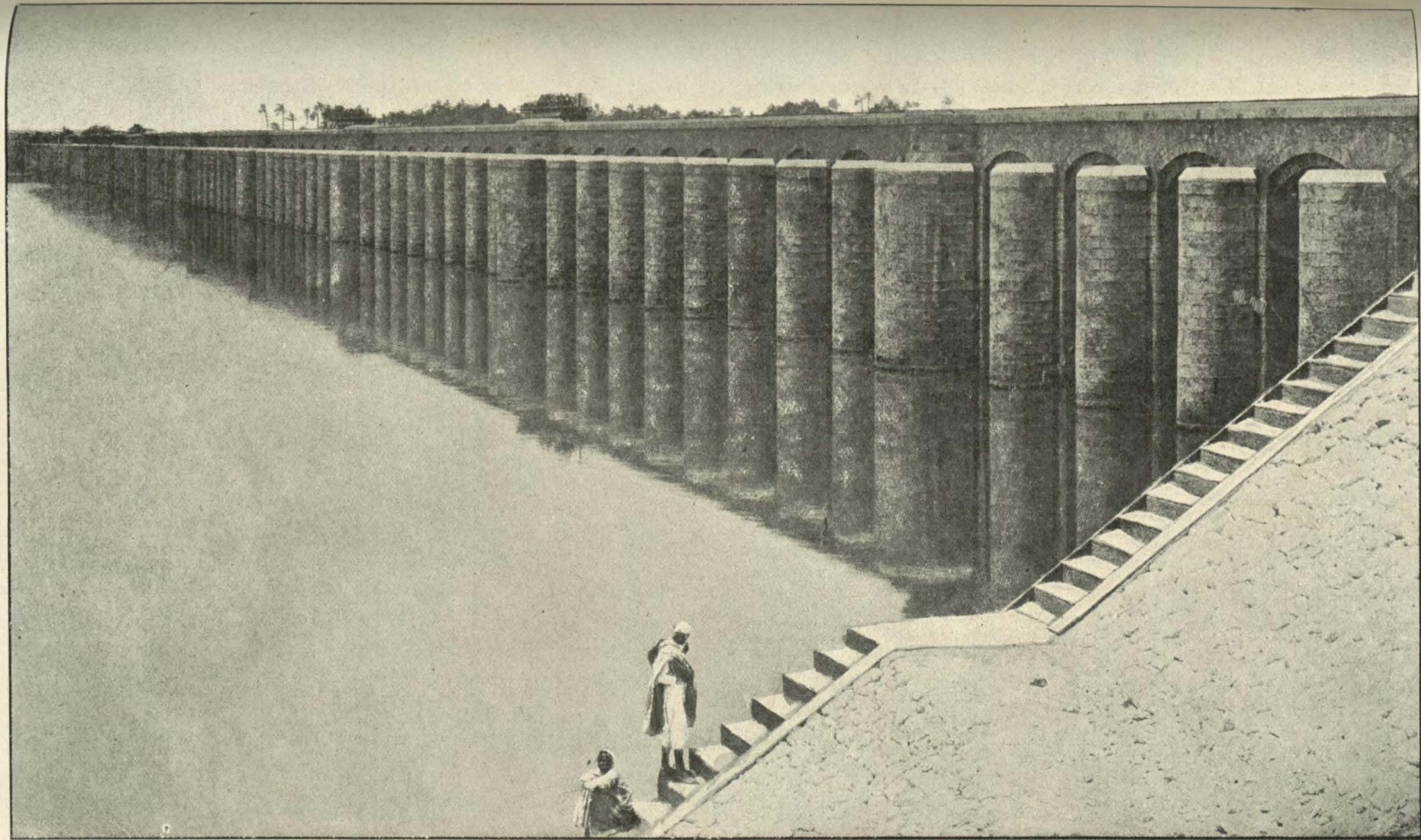


Fig.^o LXXVII—Vista do novo açude de *Assiût* da margem direita para montante com parte do revestimento das bermas.
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.^o 9—PAG. 534

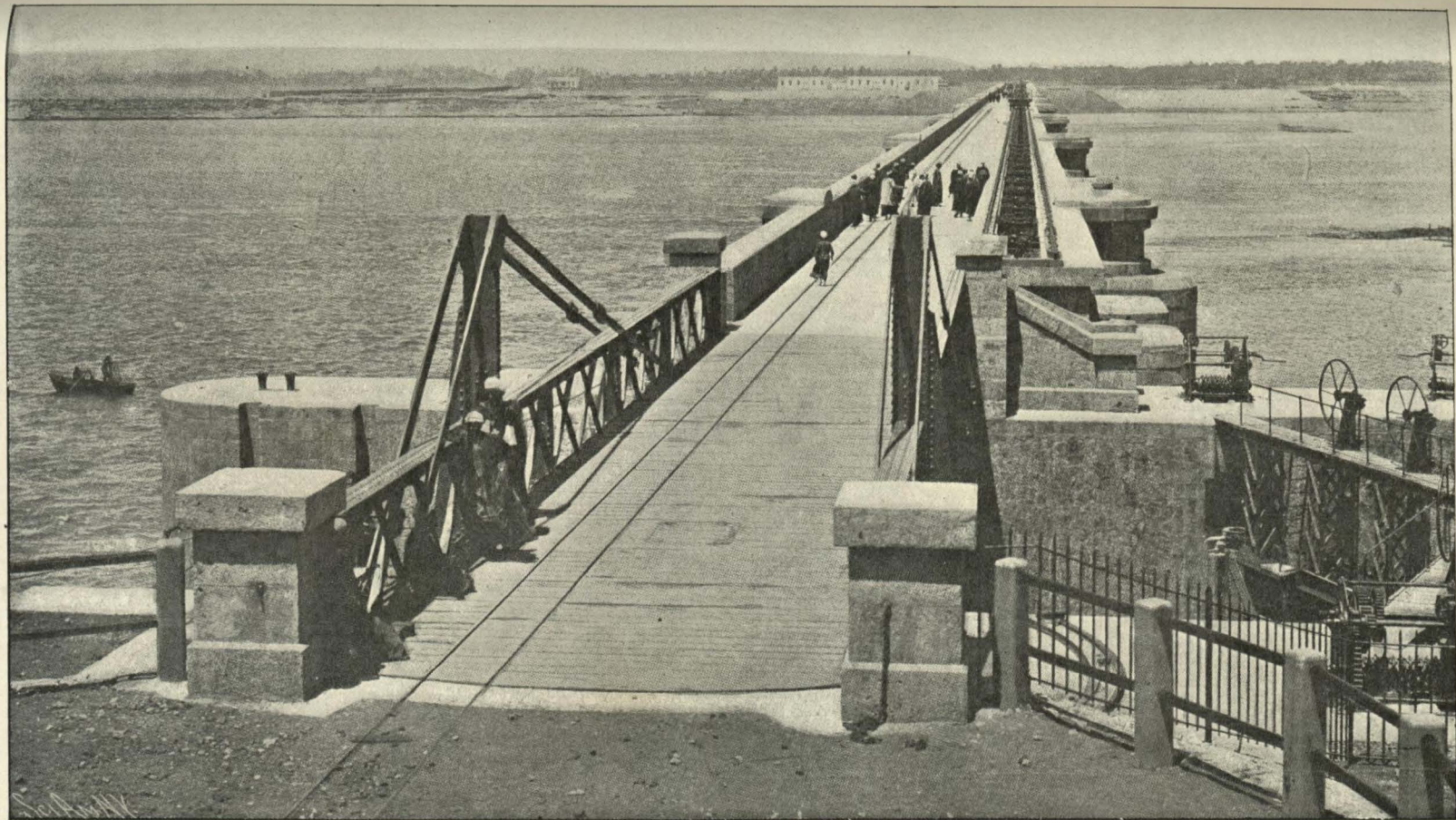


Fig.^o LXXXVIII—Vista da parte superior do açude de *Assiût*, tirada da margem esquerda.
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.^o 9—PAG. 534

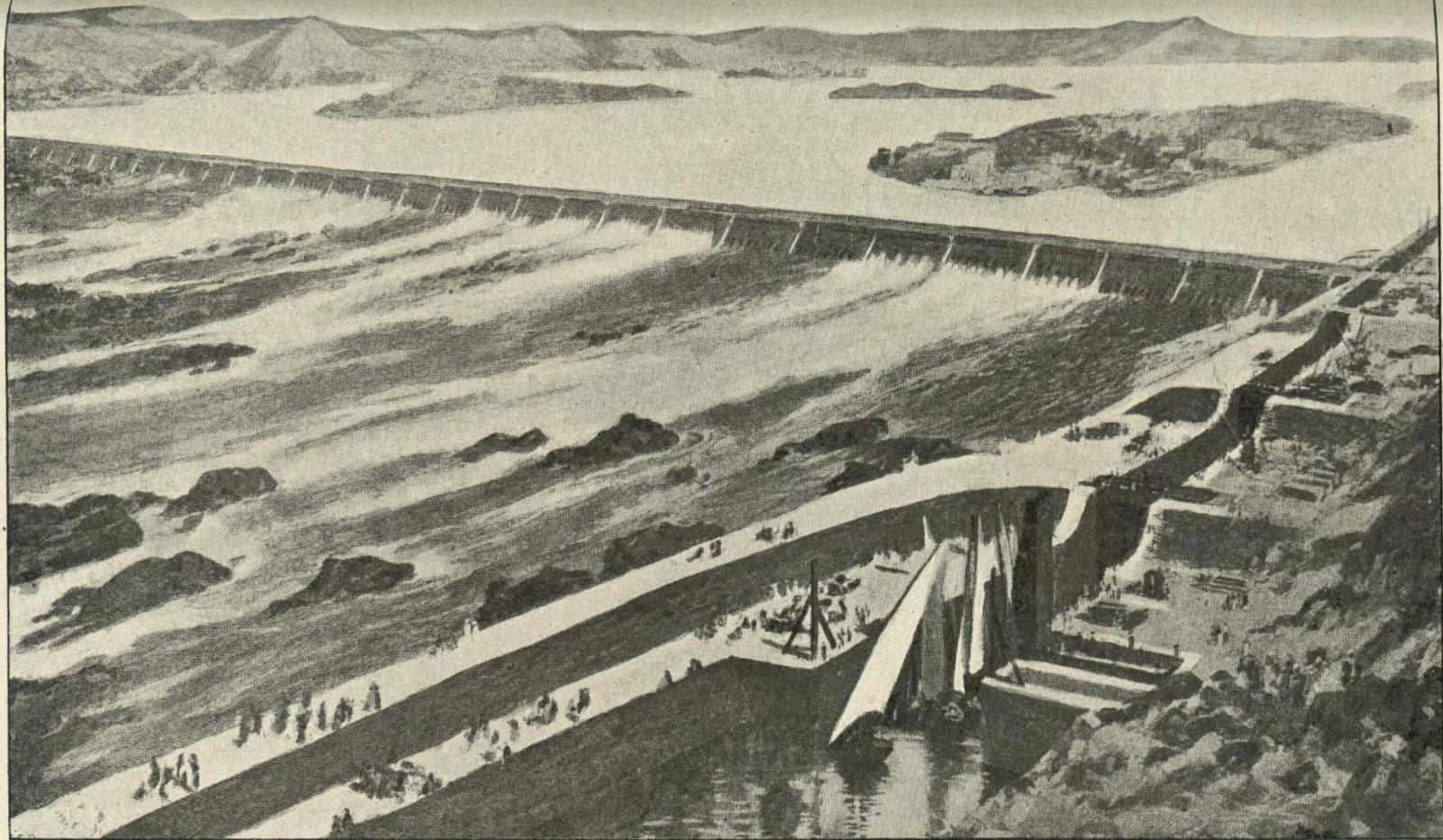


Fig.^a LXXIX—Vista da barragem de Assuan com a sua primeira altura, em 1900, sem a parte que se chama a cornija ou coroamento.
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 9—PAG. 535

por onde passam as adufas e são manobradas por meio d'uns guinchos rolantes, que ao longe se divisam.

Para tornar mais facil a passagem da estrada, que coroa o açude construiu-se um caminho de ferro de via estreita, sobre que rodam wagonetes conduzindo passageiros.

Como vêem este açude não está tratado com a arte e decoraçào do que fica ao Norte do Cairo, mas é d'aspecto solido e ao mesmo tempo agradavel á vista.

A figura LXXVIII foi tirada da margem esquerda e dá como a anterior perfeita ideia da arborisação da localidade, onde predominam as palmeiras das tamaras mais apreciadas.

Todos estes trabalhos seriam improficuos nos annos das vacas magras, ou em que as cheias do Nilo fossem pequenas e faltasse a agua nos mezes d'Abril a Junho para as culturas do algodão, dos cereaes, da canna do assucar, e do arroz, que são as principaes no valle e no delta.

Era necessario armazenar uma grande quantidade d'agua, para nesses mezes a poder distribuir por meio dos açudes descriptos, para as levar ás terras que dellas precisarem, e cujos proprietarios as comprassem.

Foi então que os inglezes metteram hombros á construcção da barragem de Assuan.

Chamado o sr. Willcocks, celebre pelos trabalhos d'irrigaçào que tinha executado na India, projectou o açude com 2 kilometros d'extensào.

Não lhes farei uma discripção completa, que levaria muito tempo e seria fóra de proposito, pois não estamos n'uma reunião d'engenheiros, mas dar-lhes-hei as informaçõe, sufficientes para avaliarem, de baixo do ponto de vista architectural, esta obra d'arte.

A photographia aqui presente (fig.^a LXXIX) mostra a vista tirada da margem esquerda.

No primeiro plano está a repreza para permittir a navegaçào entre o Nilo superior, ou acima da primeira catarata e o rio defronte de Assuan.

Até 1900, como se sabe, para passar um barco de vela (dahabijé) d'um talhão para o outro era necessario um trabalho de dias, que muitas vezes falhava na ultima parte da catarata.

Sendo o dique insubmersivel só com 5 degráos ou desniveis de

5 metros cada um se poderia vencer a altura total do dique. A figura mostra claramente os barcos a passarem as represas. A montante vêem-se ainda as ilhas maiores e contra a margem direita a ilha de Philéa.

Quando o dique ou barragem estiver aberto a ilha ficará visível com a altura d'água, que as cheias ali derem, e todos os templos estariam visitáveis, mas logo que as cheias diminuirem sensivelmente é necessario fechar as adufas e a água começa a subir acima do nível das maximas cheias. As ilhas submergem-se pouco a pouco e vio-se, pelas fig.^{as} XII e XIII comparadas, a que altura se eleva a água para submergir a grande praça das columnatas. Pois com o coroamento da barragem, que se está a começar, os pilones e Kioske desaparecem de todo.

O grande dique tem quatro registos de adufas, o primeiro em numero de 65 está á cota 87^m,50 do nível medio do Mediterraneo; o segundo em numero de 75 á cota 92^m,0; o terceiro com 18 a 96^m,0 e o quarto com 22 a 100^m,0.

Em quanto as cheias passam tudo está aberto, mas depois começa a fechar-se o registo superior e assim successivamente até que o dique repreze a água até o nível, em que se lhe dará saída novamente pelas adufas, que são bastantes para darem vazão a uma grande cheia.

O volume armazenado era de 1.000 milhões de metros cubicos, e quando o coroamento estiver completo será de 2.000 milhões de metros cubicos d'água, que do começo d'abril a fins de junho virão diariamente reforçar o caudal ordinario do Nilo.

A fig.^a LXXX é um detalhe da construção como a vi em 1900 tendo abertos os dois registos de adufas superiores.

Faziam-se então os modelos do coroamento geral e d'uma cimalha que se pretendia dar ás vergas das aberturas das adufas. O sr. Fitzmaurice fez-me o favor de os mostrar e de pedir-me a minha opinião.

Quanto á cimalha da verga superior das adufas fui contra ella, não porque a água lá chegasse, mas porque qualquer pedra caída do parapeito superior do dique quebraria ou abria brecha na parte saliente, o que seria d'um detestavel effeito: sobre a fórma do coroamento, uns são d'opinião que deveria ser de garganta invertida como a grande moldura egypcia outros com uma cimalha simples; havia quem opinasse pela situação sul ou a montante, o que daria uma grande eco-

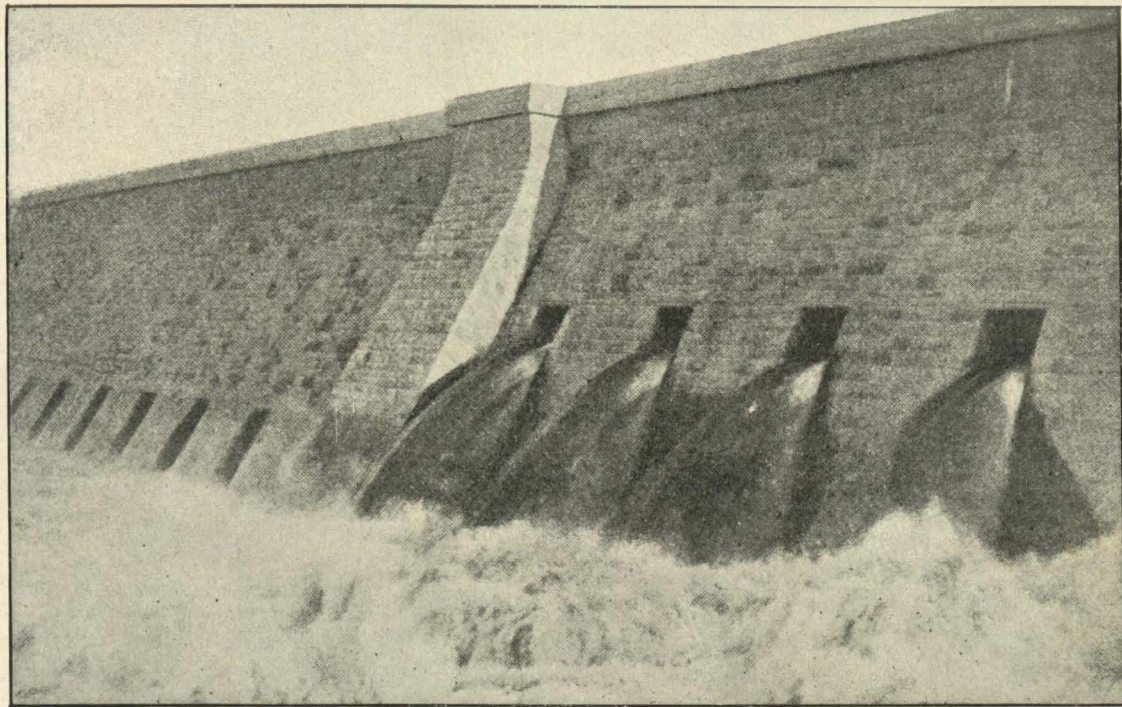


Fig. LXXX—Detalhe de construção do dique com os contrafortes d'espaco a espaco.
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 9—PAG. 536

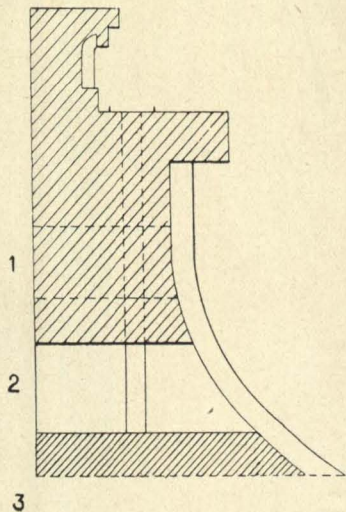


Fig.ª LXXXI—Corte transversal do dique.
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI,
N.º 9—PAG. 537



Fig.^a LXXXII—Photogravura do desenho em perspectiva da barragem completa, com as dahabijés a velejarem sobre as antigas ilhas. (Vide Fig.^a LXXIX).
ROL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.^o 9—PAG. 537

nomia d'alvenaria, outros pretendiam que viesse á frente. Pareceu-me que seria melhor a fórma egypcia á frente.

Pela figura LXXXI vê-se que se optou pela moldura egypcia posta a montante com uma espessura sufficiente para supportar os 3^m,5 de agua supplementares.

Esta figura que é um corte transversal do dique, na parte superior indica os niveis das adufas 1, 2 e 3, faltando a 4.^a que é a mais baixa.

Os contrafortes cortam a monotonia em tão longo comprimento, e não são empregados nos açudes menores.

No corte vê-se a situação da linha ferrea para girarem os guindastes de vapor, que hão de mover adufas de 7 metros d'alto por 3^m,5 de largo.

Além desse caminho de ferro ha outro ao lado para transporte de passageiros de um extremo ao outro da barragem.

Quando ella estiver prompta, apresentará o effeito representado na fig.^a LXXXII.

Os srs. Willcocks e Wilson diziam que seria desnecessario fazer o coroamento do dique, mas os ultimos annos de grande secca demonstraram que era necessario e poz-se mãos á obra pelo mesmo empreiteiro sr. Aird sob a direcção do sr. Webb.

O custo total excederá dois milhões de libras ou mais de 9.000 contos de réis, ou o que se tinha avaliado que custaria o porto de Lisboa completo.

É um trabalho verdadeiramente pharaónico pela quantidade de materiaes empregados e pelas difficuldades da construcção, mas que em nome da utilidade geral destruiu um dos sitios mais bellos da natureza, que a arte tinha, de mãos dadas com ella, tornado dos mais interessantes para a historia da humanidade.

A existencia da stella, engastada no templo da natividade de Isis e de Horus, com a copia da inscripção de Rozeta seria bastante para tornar a ilha de Philea intangivel, e ainda mais, insubmersivel.

Mas o *salus populi, suprema ratio* dos romanos tornou-se na actualidade o *strugle for life* dos inglezes, e estes em nome desses principios levantaram as aguas e submergiram tudo! Sobre os templos, em que se adoraram os deuses, tripudiam os novos viajantes nas embarcações, nas *dahabijés*, nessas faluas egypcias tão luxuosamente adornadas, que durante mezes servem de confortavel habitação a ricas familias, que no seu paiz se aborreceriam de morte, ou morreriam de frio!

Descuidosas aquecem-se a esse sol, que desde milhares de annos vinha dourar esses colossaes monumentos, que hoje do fundo d'agua clamam contra a tyrannia das cousas. *Sunt fata rerum!*

Para muitos archeologos que os viram soberbos, cheios d'inscrições, d'arte e de poesia farão lembrar a phrase do nosso grande prosador:

Solo sagrado a Deus, fôra um dos teus e não voltára ao mundo.
Quanto a mim, dou-me por muito feliz por os ter visto e ter-lhes falado destes monumentos, com que ainda sonho, quando acordado, e vejo em sonhos quando durmo: não me podendo convencer que se possa vir a dizer:

Adeus, Philéa; adeus, templos marginaes do Nilo até Kallabeché; adeus para sempre.

JOÃO VERISSIMO MENDES GUERREIRO.



ERRATAS

Noticia sobre a conservação dos monumentos egypciãos, publicada nos
n.^{os} 3, 4, 5, 6, 7 e 8 da quarta série deste Boletim (Tomo XI)

- Pagina 201, linha 33, onde se lê: mostrar a migração do homem sobre a terra,
e da sua marcha e as differentes, deve lêr-se:—mostrar a marcha da mi-
gração do homem sobre a terra e das differentes.
- Pagina 202, linha 12, onde se lê: Iussuf, deve lêr-se:—Yussuf.
- Pagina 203, linha 35, onde se lê: Vingate, deve lêr-se:—Wingate.
- Pagina 204, linha 3, onde se lê: acassias, deve lêr-se:—acacias.
- Pagina 225, linha 36, onde se lê: Thebas a, deve lêr-se:—Thebas e.
- Pagina 226, linha 14, onde se lê: de libertar, deve lêr-se:—para libertar.
- Pagina 289, linha penultima, onde se lê: Bisantinos, Mamelucos, deve lêr-se:
—Byzantinos, Mamelukos.
- Pagina 293, linha 31, onde se lê: *Tis*, deve lêr-se:—*Tih*.
- Pagina 296, linha 17, onde se lê: *dabieh*, deve lêr-se:—*dahabiyé*.
- Pagina 298, linha 21, onde se lê: inferiores a, deve lêr-se:—precedentes.
- Pagina 298, linha 26, onde se lê: oeste, deve lêr-se:—a oeste.
- Pagina 299, linha 24, onde se lê: De Morgam, deve lêr-se:—de Morgan.
- Pagina 300, linha 16, onde se lê: Ramessem, deve lêr-se:—Ramesseum.
- Pagina 300, linha 29, onde se lê: hoje muito, deve lêr-se:—hoje estão muito.
- Pagina 304, linha 6, onde se lê: deusa, especial, deve lêr-se—deusa especial.
- Pagina 304, linha 8, onde se lê: Hithyia, deve lêr-se:—Ilithia.
- Pagina 380, linha 21, onde se lê: por tijolos, deve lêr-se:—com tijolos.
- Pagina 453, linha 36, onde se lê: Pinheiro Chagas, deve lêr-se:—Oliveira Mar-
tins.
- Pagina 455, linha 1, onde se lê: vida destes animaes, descripta nos sarcopha-
gos de cada um são d'um, deve lêr-se—vida destes animaes, descripta
nos sarcophagos de cada um com factos d'outro modo averiguados e a
chronologia respectiva são d'um.
- Pagina 456, linha 2, onde se lê: Canopo, Rozette, deve lêr-se:—Canope, Ro-
setta.

Pagina 459, linha 24, onde se lê: competentes modernos criticos, deve lêr-se:
— competentes criticos modernos.

Pagina 460, linha 11, onde se lê: vêr, deve lêr-se:— seguir.

Pagina 461, linha 12, onde se lê: *Ti* deve lêr-se:— *Tih*.

Pagina 463, linha 22, onde se lê: E, deve lêr-se:— É,

Pagina 467, linha 9, onde se lê: compram, deve lêr-se:— vendem.

Pagina 469, linha 7, onde se lê: logo se, deve lêr-se:— logo que se.

Pagina 469, linha 14, onde se lê: Bibanllel-Muluk, deve lêr-se:— Biban-el-Muluk.

Pagina 528, linha 35, onde se lê: com grande gosto, deve lêr-se:— com muito gosto.

Pagina 529, linha 17, onde se lê: marmore e porphiros, deve lêr-se:— marmore e de porphiros.

Pagina 531, linha 34, onde se lê: chamadas, deve lêr-se:— chamados.

Pagina 535, linha 35, onde se lê: dahabijé, deve lêr-se:— *dahabiyé*.

Pagina 537, linha 36, onde se lê: *dahabijés*, deve lêr-se:— *dahabiyés*.



O THEATRO DO BAIRRO ALTO (1)

(Pateo do Conde de Soure)

I

Difficil tarefa é buscar noticias das artes em Portugal. A falta de documentos, de memorias e de livros, que se occupem de assumptos artisticos, não só faz com que o investigador muitas vezes perca o seu tempo em infructiferas buscas, senão que produz no seu espirito um desconsolo, e um desanimo como o que sente aquelle, que sabe da existencia de uma preciosa mina, e debalde cava a terra em procura della.

Nossos paes, desde o seculo XVII, ou antes desde o meiado do seculo XVI, não tiveram em muita conta as artes. Se floresceram no reinado de D. Manuel, e ainda nos primeiros annos de D. João III, depois caíram em grande abatimento. E ainda quando sentissem algum amor pelo bello artistico, era um sentimento puramente pessoal; não era o culto por uma coisa grande e sublime, que honra o homem, e ilustra a patria, e que deve ser transmittida á posteridade. Assim é, que se pôde dizer, que os nossos escriptores desdenhavam occupar-se de assumptos artisticos: só os milagres os entretinham, só as africanas do valor portuguez, sempre requintadas, os preoccupavam. Fundações de conventos, historias piedosas, gentes que morriam em odor de santidade, victorias na India, as pompas dos festejos reaes, e particularmente milagres, eram os assumptos favoritos de escriptores, que tinham sempre diante de si o espectro medonho da inquisição, e o espantallo da censura.

Em um ou outro escriptor se encontram allusões a coisas relati-

(1) Transcripto do *Jornal do Commercio* de Lisboa, n.ºs 5752 e seguintes, do anno de 1873. Crêmos que estes estudos foram feitos pelo distincto redactor daquella folha, o fallecido José Ribeiro Guimarães, auctor do *Summario de Varia Historia*, referindo-se á *Archeologia do Theatro portuguez*, tambem publicada no *Jornal do Commercio*, e que reproduzimos nos n.ºs 8 e 10, tomo x, deste *Boletim*.

vas ás artes; mas tão superficiaes, tão de passagem, que não podem aproveitar aos investigadores da archeologia artistica nacional, para bem fundados juizos.

Pretendendo nós agora escrever a historia do theatro, ou casa da opera do pateo do conde de Soure, vulgarmente chamado theatro do Bairro Alto, temo-nos visto muito embaraçados, por não encontrarmos indicações que nos encaminhem na deducção dos factos. Temos averiguado se naquelle mesmo local existiu sempre o theatro do Bairro Alto desde o seu principio, antes do terramoto de 1755; temos por todos os meios procurado saber, se foi naquelle mesmo lugar, que se representaram as operas do *doutor judeu* Antonio José da Silva: as nossas diligencias têm sido todas baldadas. Nem em muitos manuscritos que temos consultado, nem em todos os escriptores do tempo, que temos egualmente compulsado, pudemos obter sequer um fio conductor das nossas averiguações. Egualmente temos ouvido os homens que mais, e com maior diligencia se occupam de cousas velhas, e da archeologia do theatro nacional, e nenhum nos pôde elucidar.

Em que anno foi fundado o theatro do Bairro Alto, anterior ao terramoto de 1755? Em que local existiu? Durou até ao 1.º de novembro daquelle anno? São interrogações estas a que, nos parece, não ha quem possa dar uma resposta decisiva, ou ao menos plausivel. Temos visto indicar o pateo do conde de Soure como o local onde existira esse theatro; mas é uma affirmação gratuita, porque não pôde fundamentar-se.

O nosso amigo e erudito escriptor o sr. José Maria Antonio Nogueira, nos artigos que publicou no *Jornal do Commercio* sob o titulo de *Archeologia do theatro portuguez* diz o seguinte:

«Estava o theatro do Bairro Alto no pateo do Conde de Soure, no fim da rua da Rosa, e foi muito frequentado, adquirindo grande fama, depois de engrandecido com o titulo de theatro daquelle bairro.»

Como se vê, o sr. Nogueira affirma que o theatro do Bairro Alto, anterior a 1755, existiu no pateo do Conde de Soure; mas, a nós mesmos disse o sr. Nogueira, que não tinha nenhum fundamento plausivel para sustentar a sua affirmação; funda-se na tradição apenas.

José Maria da Costa e Silva, que pôde obter noticias mais di-

rectas das tradições historicas do theatro nacional, pelos actores que conheceu, e tinham pertencido ao theatro do Bairro Alto, posterior a 1755, tambem não nos fornece nenhuma indicação a esse respeito.

O sr. Nogueira escreveu a sua *Archeologia* em face dos documentos authenticos existentes no cartorio do hospital de S. José, e auxiliado pelos seus estudos; mas aquelles documentos são notoriamente deficientes, no que respeita ao theatro do Bairro Alto, poisque o mais antigo documento que o erudito escriptor encontrou, relativo a esse theatro, não vae além de 1742, e é um recibo passado pela administração do hospital a um Francisco Luiz, por conta do que elle devia ao mesmo hospital do imposto dos espectaculos theatraes, por *uma de bonecos do Bairro Alto*, e outra do *presepio*, o que póde bem não ser relativo ao theatro. Admittindo, porém, que esse documento se refira ao theatro, é evidente que faltam os relativos aos annos anteriores, em que o theatro devera egualmente pagar o imposto ao hospital de Todos os Santos, sendo certo que já em 1733 alli se representavam as operas de Antonio José da Silva, o *Judeu*.

Para nós, o theatro do Bairro Alto, anterior ao terramoto, não esteve no pateo do Conde de Soure; porque nem uma só vez apparece com essa designação, quando todos os demais precisavam nas suas denominações o local onde existiam, como—pateo da rua das Arcas—pateo da Bitesga, e depois da Mercearia—pateo das Fangas da Farinha—casa da opera da Trindade, defronte do convento;—nunca, porém, áquelle theatro se dá a denominação de pateo do Conde de Soure, senão depois do terramoto.

Além disso, por um manuscripto relativo ao theatro, posterior ao terramoto, de que nos occuparemos largamente, vemos que não se allude por modo algum ao anterior theatro do mesmo nome: dá-se noticia completa da sua fundação, sem se alludir a outro theatro que tivesse existido no mesmo local, e de que porventura houvessem ficado algumas ruinas. Este novo theatro foi construido nas ruinas do palacio do Conde de Soure, para esse fim arrendado, como depois contaremos.

O sr. dr. Theophilo Braga, sem embargo das suas incançaveis investigações para a historia do theatro no seculo XVIII, tambem nada apurou a similhante respeito: refere-se a Costa e Silva.

Na falta pois da minima indicação, persistimos na opinião, que temos emittido por varias vezes, na presença de pessoas entendidas

nestes assumptos, sendo uma dellas o erudito academico, o sr. Felner, de que o theatro do Bairro Alto, onde se representavam as operas do *Judeu*, não existia no pateo do Conde de Soure.

Assim como não é possível precisar o local onde foi esse theatro, do mesmo modo não se póde indicar o anno em que principiou a funcionar. Pelo *Theatro Comico*, publicado por Simão Thadeu Ferreira, em 1747, sabe-se que em 1733 se representou ali a primeira opera de Antonio José, a *Vida do grande D. Quixote de la Mancha*. Parece-nos que é esta a data mais antiga que consta deste theatro.

A allusão do cavalheiro d'Oliveira, nos seus *Amusements périodiques*, ao actor hespanhol Antonio Rodriguez, é vaga com referencia a qualquer theatro. No anno de 1734, em que o cavalheiro d'Oliveira saiu de Portugal, representava-se no theatro do Bairro Alto a opera *Esopaida, ou vida de Esopo*, de Antonio José, assim como no anno anterior se representára o *D. Quixote*.

Da *Archeologia do theatro portuguez*, do sr. Nogueira, não é possível inferir-se o anno em que principiou este theatro: ha bastantes referencias ao da Rua dos Condes, e á casa da opera da Trindade, mas ao do Bairro Alto apenas uma, a que já alludimos acima.

Tambem não se póde dizer-se este theatro durou até ao 1.º de novembro de 1755. Em 1741 ainda funcionava: representaram-se ahi as operas a *Nympha Seringa* e a *Semiramis em Babylonia*, que veem mencionadas no *Theatro Comico*. Desse anno para cá, ha a referencia do recibo passado pelo hospital a Francisco Luiz pelo imposto dos bonecos e do presepio, em 1742, e que é duvidoso se seria relativo ao mesmo theatro. Perde-se desde então a memoria do theatro do Bairro Alto. É certo que se encontra o libretto da opera *Achille in Scyro*, de Scolari, que se diz cantada no theatro do Bairro Alto, e tem a data de 1755; sem podermos recusar este testemunho, podemos todavia dizer que naturalmente o theatro levou uma vida mesquinha, até que ficou subvertido nas ruinas do terramoto, desde os annos de 1741 e 1742, vencido pelo da rua das Arcas, e pelo da rua dos Condes. E a proposito, cumpre dizer que tambem este ultimo tomou a sua denominação do local onde existia, que foi num terreno que ficava entre os terrenos pertencentes aos condes da Ericeira do lado do norte, e de Castello Melhor, do lado do sul, chegando a ser chamado theatro das *Hortas dos Condes*; depois é que naturalmente foi aberta a rua, que pelo mesmo motivo se ficou chamando *dos Condes*. Este theatro já

existia em 1737, mas é impossível saber se foi fundado antes do do Bairro Alto.

Passaremos agora á historia da *Casa da Opera do pátio do Conde de Souré*.

(Continúa.)

OS MONUMENTOS (*)

A antiguidade da origem e os feitos gloriosos dos antepassados são titulos de nobreza, tanto para as familias como para os povos. Por esta razão as nações, que se prezam do honroso epitheto de cultas, estimam e acatam os monumentos da sua historia, velando cuidadosamente pela conservação delles, ainda que se não recommendem por merecimento artistico.

Os portuguezes teem muito de que se ufanar, não só nos seus fastos desde mui remotos tempos, mas até na historia geral dos progressos humanitarios, dos quaes teem sido em differentes epochas obreiros activos e afortunados. E dessas lides honradas ficaram-lhes numerosos padrões, que são documentos nobiliarios, e que devem servir de estimulo para acções grandes e generosas. Entretanto, como esses fidalgos; que se vangloriam da nobreza da sua stirpe e dão lustre do seu nome, em quanto deixam cahir em ruinas o solar da sua familia e quantos padrões commemoram as proezas de seus maiores, assim temos procedido nós os portuguezes, jactando-nos de todas as façanhas e commettimentos, que deram nome illustre e invejada grandeza a Portugal, ao passo que destruimos ou abandonamos á acção corrosiva do tempo

(*) Folhetins publicados no *Commercio do Porto* em 1873.

muitos dos monumentos, que recordam e attestam as glorias e passadas grandezas do nosso paiz. E dizemos muitos dos monumentos, e não todos, porque os poderes publicos começaram, ainda não ha muitos annos, a cuidar da reparação e conservação de alguns. E' certo que os que mereceram preferencia na solicitude governativa são os dous, que reúnem em si, a par de grandes bellezas e de sabidos primores de arte, memorias gloriosissimas. Claro é que alludimos aos templos monumentaes da Batalha e de Belem. Mas se este esforço é louvavel; se por meio d'elle nos livramos de uma grande vergonha; não basta, certamente, para arrancar da nossa frente o labéu de barbaros, com que a Europa moderna designa os povos, que votam ao desprezo os monumentos da historia e da arte.

Apezar das convulsões do solo, do embate das tempestades no correr dos seculos, de tantas invasões estrangeiras que deixaram assignalada a sua passagem em o nosso paiz com rastos de sangue e de ruinas; não obstante ter campeado o alvião sacrilego, em tão longa serie de annos até aos nossos dias, arremettendo e prostrando templos, castellos, palacios e outras fabricas de veneranda antiguidade; mau grado da acção violenta de tantos elementos destruidores, ainda existem por todo o reino muitos monumentos que nos fallam das differentes epochas gloriosas da historia patria, desde a lucta heroica dos luzitanos contra a dominação romana.

Póde a benevolencia do historiador achar algum lado, por onde desculpe ou atenué a barbaria das gerações passadas para com os monumentos do seu proprio paiz, attribuindo-a já a ignorancia do povo e á rudeza dos seus costumes; já ao continuo desassocego proveniente das emprezas atrevidas de além mar, em que a nação se engolfou; ora ao desleixo, arrefecimento dos brios nacionaes, e abatimento do espirito publico, triste apanagio da decadencia dos imperios; ora finalmente, ao egoismo e fria indifferença que nas longas discordias civis se apoderam do animo do povo, actuando tambem maleficamente nas estancias do governo.

Mas o que se ha de dizer para desculpar a geração actual dos attentados, que ainda commette contra os monumentos e do desprezo com que os poderes publicos abandonam ás injurias do tempo e á sanna brutal dos demolidores muitos padrões venerandos da historia e da arte?

Como se podem combinar com este desprezo e com aquelles at-

tentados os generosos esforços com que procuramos seguir as pizadas das nações que marcham á frente da humanidade no caminho do progresso? Pois um povo que está offerecendo ao mundo tantos exemplos de cordura no seu regimen constitucional, tantos documentos de illustração na reforma da sua legislação, tantas provas de actividade e de verdadeiro amor dos progressos do seculo no desenvolvimento que tem dado e que está dando com incansavel perseverança a todo o genero de melhoramentos materiaes do paiz, não sabe apreciar, nem quer velar pela conservação dos monumentos que attestam o seu valor e patriotismo, ou as suas lides gloriosas para se illustrar e engrandecer nas diferentes eras da sua vida social!

Um povo que exerce com exemplar moderação, em toda a plenitude da liberdade, o direito de eleger os seus representantes, o de expressar pela imprensa todas as suas opiniões e pensamentos, o de se reunir e representar aos poderes publicos sobre quaesquer necessidades ou agravos; um povo que para desobstruir e esclarecer o caminho do seu desenvolvimento moral e physico, e para harmonisar as suas leis e costumes com as novas ideias e necessidades que o curso da civilisação vai creando, levou a effeito, sem mais luctas que as do raciocinio, reformas radicaes, como as da extincção dos morgados, do monopolio do tabaco e da pena de morte, e a promulgação do codigo civil, reformas que feriram tantos interesses legalmente creados, e que contrariaram ideias e preconceitos profundamente arraigados; um povo que, achando-se ainda a braços com bastantes difficuldades, que lhe legaram as invasões estrangeiras do principio deste seculo, as guerras da implantação da liberdade, e as passadas discordias entre o partido liberal, sujeitou-se a novos e pesados tributos, que a carestia de todos os generos torna ainda mais onerosos, sujeitou-se a tão vexatorios encargos para satisfazer os seus compromissos, e para progredir diligentemente na obra grandiosa da sua regeneração; um povo, finalmente que assim mostra comprehender e desempenhar-se dos arduos deveres, que a civilisação impõe ás nações modernas, não pôde descurar, sem grande desdouro, a conservação dos seus monumentos.

Abstrahindo de todas as razões de importancia moral, e considerando os monumentos como questão simplesmente economica, a sua conservação e reparação constituem um dever de todo o governo, que saiba zelar e promover os interesses publicos. Cumpre-lhe cuidar em conserva-los em bom estado, não só para que não se destrua e perca

o capital, que elles representam, mas tambem para que se tornem em capital productivo para o paiz, e um verdadeiro elemento de prosperidade e civilisação para as terras, que os possuem, pois que em toda a parte são um poderoso estimulo á curiosidade dos viajantes.

Quantos exemplos nos offerecem a França, a Belgica e a Allemanha, de povoações do interior, afastadas de todas as grandes arterias de communicação, e ainda não ha muitos annos pequenas e pobres, e que se apresentam agora populosas, florescentes e louças pelo simples influxo de algum monumento ou curiosidade natural, que encerrem dentro dos seus muros, ou possuam nas visinhanças? E não se diga que nos faltam monumentos e curiosidades naturaes, como essas que naquelles paizes attrahem a concorrência dos viajantes. A diffusão dos conhecimentos em todos os paizes cultos faz com que haja nelles numerosos apreciadores, não só dos edificios que ostentam as galas da architectura, da esculptura e da pintura, mas tambem dos simples padrões da historia, apenas ricos de memorias de eras remotas.

O desenvolvimento que tem tido a sciencia da archeologia nestes ultimos annos, sobretudo em relação ao estudo das idades primitivas do homem, attrahiu as attenções para uma classe de monumentos, até ha pouco quasi desprezados. Referimo-nos aos monumentos pre-historicos, chamados *dolmens*, menhirs etc., e entre nós denominados *antas*, *aras celticas* e *mamunhas*. Destes monumentos, que os escriptores antigos, e muitos dos da primeira metade do seculo actual attribuiam erradamente aos celtas, encontram-se bastantes em Portugal, apezar da destruição que nelles tem feito os povos, desde longa data, com o fim de os converterem em materiaes de construcção. Possuem bastantes as provincias do Alemtejo, Beira e Extremadura, e alguns se encontram no Minho e Traz-os-Montes. Dos nacionaes rarissimas pessoas tem visitado alguns desses monumentos. A maior parte ignora que existam, e o que valem. Pois se até o *dolmen de Adrenunes*, na serra de Cintra, proximo de lugares tão concorridos da sociedade mais culta da capital, é desconhecido para quasi toda a gente! Dos estrangeiros apenas, sem duvida, alguns homens da sciencia terão conhecimento dos monumentos pre-historicos de Portugal, uns poucos pelo testemunho dos seus proprios olhos, outros pelas noticias contidas nas memorias escriptas por Martinho de Mendonça de Pina, no seculo passado, e pelo snr. dr. F. A. Pereira da Costa em 1868. Indicassem-se, porém, aos curiosos esses monumentos; facilitassem-lhes algumas com-

modidades, principalmente caminhos accessiveis atravez dos mattos e fragas, que os cercam, e ás vezes escondem; e veriam taes ermos tornarem-se em breve lugares de concorrencia, como succede noutros paizes. Dadas estas circumstancias, os estrangeiros nos ensinariam a apreciar aquellas antiguidades.

Dos antigos lusitanos resta-nos, apenas, um monumento, mas que é interessantissimo para a historia dos costumes guerreiros desse povo valoroso, e que além disso, nos falla do heroismo e tenacidade com que defendeu a independencia da patria contra os poderosos exercitos de Roma. A *cava de Viriato* junto a Vizeu, onde o intrepido capitão dos lusitanos venceu e desbaratou o pretor Caio Negidio, e onde depois se defendeu triumphantemente contra outro exercito romano, poderoso pelo numero, e poderosissimo pela bravura e pela disciplina, é uma das mais curiosas antiguidades do nosso paiz.

Quando el-rei D. João I empunhou o sceptro, conservava ainda a *cava de Viriato* a sua fôrma primitiva e pouca ruina se via nos muros, que a cercavam. Aquelle soberano edificou dentro della uma ermida, que dedicou a S. Jorge, e vedou-lhe a entrada com uma porta. No reinado de D. João V, apezar da destruição feita nos muros pelo tempo e pelos homens, ainda se reconhecia que esse campo entrincheirado tivera a fôrma oitavada, com quatro portas, ou aberturas, duas ao norte, e duas ao sul. Desde esta epocha até aos nossos dias tem continuado a devastação; de sorte que pouco resta dessa obra dos antigos lusitanos. Não reclamarão a honra e os interesses da cidade de Vizeu, e de todo o reino, que se resguardem e conservem, como uma preciosidade, esses restos de um monumento, que conta mais de 20 seculos?

O castello e convento de Christo em Thomar constituem, por assim dizer, um só monumento, porque, além de estarem unidos materialmente, presidiu á fundação de ambos o mesmo pensamento, deulhes vida e animação o mesmo espirito religioso e guerreiro; para ambos foram communs os perigos e a gloria.

Esse duplo monumento é uma chronica de pedra, onde estão escriptos longos e interessantes capitulos da historia do nosso paiz no decurso de mais de quatro seculos; e por uma coincidencia não vulgar, é tambem um livro precioso da historia da arte em Portugal, durante igual curso de tempo. No castello, que resistiu impavido ao cerco e assaltos de um dos mais poderosos exercitos, que vieram dos rei-

nos de Fez e Marrocos á península para amparar o edificio da dominação musulmana, que se abalava e desmoronava ao rijo embate das armas christãs; e no primitivo templo do convento, feito, ao diante, capella mór da igreja manuelina, está representada essa lucta homérica da fundação da monarchia portugueza, entre os campeões da Cruz e os sectarios do alcorão, e tambem alli estão resumidos os fastos illustres dos templarios, dessa ordem cavalleirosa e opulenta, que entre nós adquiriu justos titulos á estima publica associando-se com todo o esforço do seu braço, e com todo o poder da sua influencia e riquezas á expulsão dos mouros e libertação da terra portugueza; e que depois de ter enchido o mundo com a fama das suas emprezas militares, cahiu fulminada pelo summo pontifice, e acabou em França ignominiosamente, com morte affrontosa e cruel do seu gran-mestre.

As ruinas do paço do infante D. Henrique, e o claustro por elle fundado, fallam-nos dessas atrevidas viagens e maravilhosos descobrimentos, que deram nome immortal a este principe, e á ordem de Christo de que foi mestre, successora dos templarios, e que constituem a maior e mais invejada gloria de Portugal.

Na architectura manuelina, profusa e phantasiosamente ornamentada, do corpo da igreja e da casa do capitulo, estão retratadas as victorias e conquistas, as grandezas e prosperidades do rei *afortunado*.

E para que neste quadro não faltem as sombras, com que mais realçam os esplendores da luz, lá estão as tres salas em que se reuniram os tres estados do reino, que sancionaram a usurpação da corôa de Portugal por D. Filippe II de Castella. Lá se vêem tambem o soberbo aqueducto e o sumptuoso claustro, obras dos tres Filipes de Castella, que converteram em escrava a nação, que dominou como senhora em vastas regiões da America, e em uma grande parte da Africa e da Asia.

Como monumento de arte nenhum outro encerra, em o nosso paiz, tão variados specimens de architectura. Alli se acham muito bem representados os estylos architectonicos, que se introduziram e predominaram em Portugal desde o principio da monarchia até quasi ao fim da dominação castelhana, isto é, durante os quatro seculos e meio em que a architectura variou mais de formas e de ornamentação. O castello de D. Gualdim Paes é o typo da architectura militar na monarchia de D. Affonso Henriques; assim como a igreja dos templarios, hoje servindo de capella-mór, é um bello modelo da architectura ro-

mano-byzantina, que florescia nessa epocha; e do mesmo tempo é o pequeno claustro, que lhe fica proximo.

O estylo gothico puro está representado no claustro chamado do *Cemiterio*, construido pelo infante D. Henrique, duque de Vizeu. O estylo a que damos geralmente o nome de *manuelino*, ou *gothico-florido*, e que representa em toda a Europa a transição da arte gothica para a do renascimento, esse estylo brincado e imaginoso, que creou o magnifico mosteiro de Santa Maria de Belem, lá está esplendidamente manifestado nas rendas delicadas, nos festões de flores vasados, nas estatuas com suas peanhas e baldaquinos lavrados com muita belleza e primor, nos arabescos, silvas e cordões, e mais diversidade de lavores; que adornam as frontarias do templo e da casa do capitulo.

O *claustro dos Corvos*, obra de el-rei D. João III, mostra o estylo do renascimento, não como o creou a Italia, esbelto e opulentamente ornamentado, mas sim como se introduziu em o nosso paiz, pesado e desataviado pela influencia da austeridade e tristeza da côrte do soberano, que admittiu a inquisição em seus Estados. E finalmente, o *claustro dos Filippes* é o mais esplendido e grandioso specimen da arçitectura do renascimento, que existe em Portugal. Podemos acrescentar que é a unica manifestação sumptuosa e bella que possuímos desse estylo, tal como predominava na Europa nos fins do seculo XVI.

Pois apesar de tantas considerações, que recommendam o monumento de Thomar aos attentos cuidados dos poderes publicos; depois da extinção das ordens religiosas, e durante nove annos, padeceu uma devastação mais barbara, que a que os francezes lhe fizeram na invasão de 1810. Poz termo o snr. conde de Thomar a tão escandalosas assoliações, mandando em 1843, vedar a entrada no templo, e procedendo a certas reparações mais urgentes. Posteriormente fizeram-se-lhe mais algumas. Porém, o monumento rico de arte, e opulentissimo de memorias historicas, ainda hoje não pôde ser mostrado aos estrangeiros pelos nacionaes, sem que estes córem de vergonha diante de tantos vestigios de barbaridade, e de tantos estragos do tempo, que estão accusando o desleixo governativo.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARBOZA.

Relatorio do Movimento da Bibliotheca da Associação em 1907

Senhores.—Determinou a Assembléa em sessão de 20 de Março passado, que fosse publicada na capa de cada numero do Boletim desta Associação uma relação das obras que dessem entrada na sua Bibliotheca desde Janeiro de 1907.

Cumprindo essa resolução temos pontualmente dado conta das publicações recebidas desde aquella data, designando a sua proveniencia e dando para mais esclarecimento a fórma de catalogo alphabetico a essa relação.

É pois do conhecimento da Associação o numero das obras recebidas durante o anno findo, materias que as constituem e idiomas em que são tratadas bem como o titulo dos jornaes que devemos ao favor das suas respectivas administrações ou adquiridos por assignatura.

Seria redundancia inutil e quiçá enfadonha repetir aqui o que está dito e sabido; nem nos parece que depois de dado conhecimento das obras recebidas tenha ensejo o relatorio annual que o nosso estatuto determina presente o Conservador da Bibliotheca, visto ficar privado dos elementos essenciaes que o constituem, por serem já conhecidos e a sua repetição inopportuna.

Sendo porém forçoso acatar o que preceitua o estatuto em vigor, vimos satisfazer quanto possivel esse dever, esperando que a Assembléa nos releve a simplicidade desta exposição attendendo á restricção a que nos obrigam os motivos expostos e se digne fazer-nos a honra de approvar os actos praticados no desempenho das nossas funcções, sempre inspirados no desejo de corresponder com lealdade á confiança em nós depositada por esta illustre Corporação.

Além das publicações constantes das relações mencionadas, foi offerecido para a nossa Bibliotheca o seguinte:

Pelo nosso consocio o sr. Sebastião da Silva Leal, um mappa emoldurada de Londres e Westminster, datado de 1563, muito curioso e interessante para comparação daquella capital nessa epocha com o estado actual da moderna Babilonia.

Do socio benemerito o sr. Félix da Costa, uma photographia duma

capella fundada em 1634, existente na quinta de Cantomil nos arrabaldes do Porto, pertencente ao sr. Anthero de Araujo.

Do socio correspondente o sr. José Pinto da Silva Ventura, uma photographia do claustro do mosteiro da Serra do Pilar.

Do digno Conservador do nosso museu o sr. Gabriel Pereira treze photographias: tres da igreja da Madre de Deus; cinco de Beja, torre de menagem, vista externa da igreja de Nossa Senhora da Conceição, portas, principal e lateral da mesma igreja e do seu altar mór; quatro de Elvas; vista geral, aqueducto, sé, vista externa e interna, e uma dum carro alemtejano.

Comprámos os dois primeiros volumes do «Archivo Historico Portuguez» que pela sua importancia historica se torna indispensavel numa Bibliotheca.

Uma rapida leitura desses primeiros volumes determinou-nos a adquirir sem demora o que se achasse publicado de tão util obra; porém sendo nosso dever e desejo zelar os interesses da Associação, achámos conveniente dirigir ao illustre director daquella publicação, o sr. Anselmo Braamcamp Freire, um officio rogando-lhe a fineza de nos informar se o preço daquella obra teria abatimento sendo a sua compra feita directamente sem intervenção de livreiro.

Respondeu promptamente S. Ex.^a tendo a gentileza de offerer a esta Associação o 3.^o e 4.^o volumes do Archivo que se achavam completos, e declarando que mandava inscrever esta Sociedade na lista das corporações a quem deve ser distribuida aquella obra para lhe serem remittidos os numeros a seguir; acrescentando que, se a Associação se tivesse lembrado de propor a troca pelo seu Boletim, teria evitado a despeza feita com a compra dos dois primeiros volumes.

Agradecemos em nome desta Collectividade tão apreciavel donativo e enviámos-lhe, com a competente auctorisação, o nono e decimo volumes do nosso Boletim, continuando a serem-lhe remittidos os numeros que se vão publicando.

São conhecidas e apreciadas com competencia pelos nossos socios a maior parte das obras recebidas; porém seja-nos permitido indicar-lhes e chamar a sua attenção para algumas que por serem novas na nossa Bibliotheca podem não ser de todos conhecidas; são as seguintes:

«Inscripções Indianas em Cintra» pelo nosso fallecido consocio o sr. João Herculano Rodrigues de Moura, onde se encontra a pagina

176 e seguintes a traducção mais perfeita que existe dessas inscripções, segundo opinião auctorisada.

«Portos Maritimos de Portugal e ilhas adjacentes», pelo nosso consocio e distinctissimo engenheiro o sr. general Adolpho Loureiro, e o «Elogio Historico de Bento Fortunato de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça», pelo mesmo auctor.

«Medicos Poetas—Dr. Braz Nunes Manhans» primeira parte, pelo nosso consocio o sr. Dr. Sousa Viterbo, consciencioso e infatigavel investigador.

«Medalha de D. Carlos primeiro», pelo nosso socio e illustrado numismata o sr. Dr. Arthur Lamas, e «Medalha commemorativa da instituição da Academia Real de Historia Portugueza», pelo mesmo senhor.

«Algumas Noticias documentadas de arte e archeologia relativas á Misericordia de Lisboa e sua egreja», pelo nosso socio e Academico o sr. Victor Ribeiro.

«Ceramica Portugueza», importante e curioso estudo do nosso socio o sr. José Queiroz.

«Plateau Central Nigérien—Une mission archéologique et ethnographique au Soudan français», offerecida á nossa Sociedade pelo governo geral da Africa occidental franceza. É um trabalho scientifico de subido merito e digno de estudo.

«Compte-rendus de la deuxième session du Congrès Préhistorique de France» realisado em Vannes, capital do Morbihan, em 1906 sob a auctorisada presidencia de monsieur Adrien de Mortillet; congresso para que a nossa Associação subscreveu e nelle figurou como membro titular.

Bem escolhida foi aquella localidade para um congresso de archeologia, por isso que é notorio que no Morbihan e em toda a Bretanha existem notaveis monumentos prehistoricos.

Dolmens, Cromlechs, Menhirs e os celebres alinhamentos de Carnac tornam aquella região dum interesse capital para o archeologo pela riqueza dos seus vestigios, principalmente da epocha neolithica, Só no departamento do Morbihan se encontram 3:450 Menhirs de 4:747 existentes na Bretanha!

Estes monumentos estão actualmente sob a protecção do governo e ao abrigo da destruicção que, infelizmente, muitos soffreram dum vandalismo ignarq!

É sabido, está provado e unanimemente reconhecido que os Dolmens eram destinados a sepulturas; porém com referencia aos Menhirs e Cromlechs nada se sabe de positivo quanto ao seu destino.

Qual será a sua significação?! Que idéa determinou a sua fundação?!

É uma questão que se debate ha muito e que ainda aguarda uma solução que talvez se faça esperar por muito tempo, se não for insolúvel!

Henri Martin, na sua Historia de França, referindo-se a esses monumentos attribue a sua origem a um sentimento religioso.

Effectivamente parece que só a força da crença religiosa e o fervor pelo culto podiam dar áquelles povos remotos alento para emprenderem e executarem tão assombroso trabalho como o de deslocar, transportar e erigir, com auxilios por certo muito rudimentares, tão grande numero de monolithos, e alguns de tal magnitude como o de Locmariquer, imponente agulha de granito de vinte metros de altura e dum peso calculado em trezentos e cincoenta mil kilogrammas!

Este colosso acha-se derrubado e partido por uma faisca electrica.

Supponmos que a opinião de Henri Martin não é destituida de fundamento pelo seguinte:

Entre as mais poderosas manifestações da natureza, nenhuma se póde comparar pela grandeza e importancia á do sol!

Nenhum outro phenomeno natural podia exercer influencia mais profunda e duradoira na imaginação impressionavel do homem primitivo.

O mysterio e o encanto maravilhoso do nascer e pôr do sol, tudo que este grandioso espectaculo nos apresenta de sublime, nos leva a comprehender facilmente que os primitivos povos vissem no astro rei a razão suprema das coisas, a causa omnipotente da vida universal e dedicassem ao sol e á lua em geral um culto religioso.

Nos sacrificios do culto solar obtinha-se o fogo por meio dum instrumento rudimentar chamado *arani*.

Era uma cruz de madeira tendo no seu ponto de junção uma cavidade em que se introduzia uma haste de pau em fórma de lança a que se imprimia um movimento de rotação, que pelo attrito fazia saltar a faisca sagrada que ateava o fogo do sacrificio.

Encontra-se este instrumento, symbolo venerado pelos adoradores

do sol, representado nos tempos prehistoricos desde o primeiro periodo que precedeu a idade do ferro e seguidamente o mesmo signal aperfeiçoado formando angulo recto nas suas extremidades para se poder fixar.

Com esta nova fórma apparece-nos com a denominação de *swastika* que, segundo refere Burnouf na «Sciencia das Religiões» quer dizer signal de salvação.

Este symbolo tambem se encontra em grande numero nas palafitas de Burget, como menciona a Revista de Anthropologia de 1891, a paginas 184.

Este mesmo instrumento foi mais tarde personificado, na antiga religião dos Gregos, sob a figura de Prometheu, portador do fogo.

O Deus immortal está ligado á cruz sobre o Caucaso, onde vem a ave celeste, que é o Cyena dos hymnos, devora-lo todos os dias.

Acha-se representado este emblema em vasos e outros objectos antigos de Troia, de Rhodes, de Chypre, da Italia e, como acabamos de referir, em monumentos caracteristicos do periodo prehistorico, como tambem menciona Burnouf na obra já citada.

Malvert na sua obra «Sciencia e Religião» allude a um monumento Celtico, descoberto em Newgrange na Irlanda, cujos grandes blocos brutos desenham nitidamente uma cruz. Será uma representação do *arani*? Como symbolo christão não se póde interpretar.

Os srs. Drs. Leite de Vasconcellos e Santos Rocha notaram que a maioria dos Dolmens que têm observado em Portugal têm a entrada orientada para o nascente; a mesma orientação se encontra em Dolmens de outros países.

Max Muller, que fez um profundo estudo sobre religiões, disse: «Quanto mais penetramos na natureza íntima dos mythos primitivos, mais nos havemos de convencer de que elles se referem, na sua maior parte, ao sol.» Tudo leva a presumir que o homem da epocha neolithica prestava culto ao sol e ao fogo deificado como seu filho, e que não será inverosimil que os Menhirs e Cromlechs representem symbolos desse antigo culto, que Dupuis, com rara e notavel erudição, pretendeu demonstrar déra origem a todos os outros.

É com todas as reservas que a prudencia exige que aventuramos este parecer.

No mencionado congresso foi apresentada uma communicação do nosso consocio o sr. Tavares Proença, «Essai de Classification des

Dolmens Portugais» e outra tambem do nosso socio correspondente o sr. José Fortes «Á propos des Sculptures sur les Mégalithes du Portugal».

A idade da pedra polida marca uma phase importante na historia do passado do homem.

Os aperfeiçoamentos tão lentos das epochas anteriores tornam-se mais rapidos durante este periodo, desenvolvendo-se successivamente depois da descoberta dos metaes e da arte de os utilizar, o que transformou e deu notavel impulso á civilisação.

Empregámos a dotação da Bibliotheca em compra de livros, assignaturas de publicações já conhecidas dos nossos consocios, e encadernações indispensaveis para conservação das obras e facilitar a sua catalogação.

Pelos recibos respectivos a essas despezas e que o nosso meritissimo Thesoureiro apresentará ao prestar as suas contas, terá a Assembléa conhecimento das differentes verbas applicadas a cada um dos tres grupos.

Como foi resolvido em Assembléa, ordenou o Conselho a execução da catalogação das obras existentes na Bibliotheca da nossa Sociedade, achando-se em 31 de Dezembro do anno findo inscriptas mil e sessenta e nove obras, custando apenas esse trabalho o modico preço de 5\$475 réis.

O encarregado dessa tarefa prestou-se da melhor vontade a outros trabalhos preparatorios para a catalogação, como remoção e nova disposição de obras, verificação de faltas e outras miudezas que lhe roubam tempo; por isso seja-nos permittido chamar a attenção do Conselho para este facto, e solicitar para aquelle empregado uma gratificação, quando termine o trabalho que lhe foi commettido, como justa e merecida.

Foi o anno findo um em que mais consultada foi a nossa Bibliotheca que, embora por emquanto resumida, encontram-se todavia nella importantes subsidios de estudo para a especialidade desta Associação.

Não desanimamos da sua prosperidade e que num futuro não remoto attinja importancia digna da Associação scientifica a que pertence.

A Bibliotheca Real de Paris, fundada por João 2.º, o Bom, num dos torreões do antigo Louvre, continha apenas vinte volumes que mais tarde foram elevados a novecentos pelo seu successor Carlos 5.º, o Sabio.

Apezar da grande differença das epochas, subsiste a prova que, com vontade, perseverança e tempo, muito se pôde conseguir!

Não raro deixamos de receber um ou outro numero de obras que se acham em publicação e nos são enviadas em troca do nosso Bole-
tim. Temos tido o cuidado de as reclamar; porém nem sempre com resultado; por isso que d'algumas corporações não temos obtido res-
posta apezar das nossas repetidas instancias e da promptidão com que costumamos satisfazer ás reclamações que nos são feitas.

Não é nosso fim fazer censuras, mas apenas dar conhecimento deste facto á Associação para no futuro não nos accusarem de negli-
gencia no cumprimento dos deveres do encargo que nos fez a honra de confiar e que diligenciamos satisfazer com pontualidade e solícitude compatível com as nossas forças.

Á maravilhosa descoberta da imprensa se deve o progresso in-
tellectual que por toda a parte lavra e se expande, graças á diffusão do livro por toda a superficie do nosso planeta, salvo da extincção pela multiplicidade; o augmento dos convivas nos festins da intelligencia e a multiplicação do pão do espirito que tende a elevar o homem ao nivel da mais alta concepção da humanidade!

Como facho da historia a imprensa transmitta aos vindouros as fulgurações do genio moderno sem risco de se apagarem no futuro como se apagaram em grande parte as do genio antigo, sepultadas para sempre nas cinzas das Bibliothecas de Persepolis e da Alexandria!

Felizmente nem toda a luz do genio dessas sociedades remotas se extinguiu e até nos chegaram irradiações deslumbrantes da sua civili-
sacão que por certo não teve representantes mais distinctos, intelli-
gencias mais elevadas, espiritos superiores a Platão ou a Aristoteles; sabios mais profundos, do que Plinio ou Euclides; oradores mais elo-
quentes, do que Demosthenes ou Cicero; historiadores mais illustres, do que Thucydides ou Tacito; poetas mais inspirados, do que Ho-
mero ou Virgilio; dramaturgos mais notaveis, do que Eschylo ou So-
phocles que transmittissem á posteridade tradições mais brilhantes da sua civilisação!

Civilisação que de geração em geração, de conquista em conquista, de progresso em progresso attingiu o elevado grau de desenvolvimento da actualidade! Desenvolvimento que cumpre aperfeçoar nos cos-
tumes, nas leis e sobretudo na moral, fecundando os germens das vir-
tudes e fazer destas e da cultura intellectual o mais nobre predi-

cado do homem para garantir, em solidas bases, ás sociedades futuras prosperidade, paz e felicidade.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1908.

VISCONDE DA TORRE DA MURTA

Conservador da Bibliotheca

Descripções ou simples referencias a objectos expostos
no Museu do Carmo.

No *Archivo de Architectura Civil*—jornal dos architectos portuguezes e archeologos:

N.º 1—Portal em estylo arabe. Pedras que serviam de cabeceira ás sepulturas dos templarios em Thomar.

N.º 2—Amostras de materiaes de construcção.

N.º 3—Tanque em estylo arabe.

N.º 4—Campa com escudo d'armas pertencente á familia dos Montaroyos.

N.º 6—Tumulo do Condestavel (Lithographia).

N.º 7—Pia d'Azamor, offerecida por Simão Corrêa ao mosteiro de Sines.

Marco milliarío do tempo de Marco Aurelio.

Cabeça com thiara (Pontifice João xxii).

Tumulo de D. Frei Gonçalo de Sousa.

Retabulo da capella sepulchral de D. Ruy de Menezes.

Gargula.

Modelos da acropolis de Athenas e Parthenon.

Tumulo de D. Constança.

Esculpturas do mausoleu de D. Maria Anna Victoria.

Sarcophago de D. Fernão Sanches, filho natural d'el-rei D. Diniz.

Esculptura emblematica: uns ramos de oliveira seguros por duas mãos e em cima uma fita com o mote *Semper bene*.

Medalhão em alabastro com o retrato de S. Francisco de Salles.
Busto de madeira e cabeça de Genio, pertencentes á tribuna real do theatro de S. Carlos.

Busto de D. Affonso Henriques.

N.º 8—Pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra (Lithographia).

N.º 9—Monumento a S. M. a Rainha D. Maria I (Photographia).

Machado de bronze (Gravura).

Amostras de materiaes de construcção.

No «*Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archologos Portuguezes*»:

Tomo I (1874 a 1876)

Offertas de collecções—pag. 3 e 4.

Sarcophago romano descoberto na Estremadura (Photographia)—pag. 8.

Photographias de uma collecção pertencente a El-Rei D. Fernando II—pag. 16.

Mosaico romano descoberto em Leiria (Lithographia a côres)—pag. 18.

Acicate achado na sepultura do almirante mór Nuno Vaz de Castello Branco, em Alemquer—pag. 18.

Um cippo e duas sepulturas romanas encontradas em Alemquer—pag. 18.

Uma pedra de lavor antigo, encontrada em Cuba, proximo de Beja—pag. 18.

Fosseis de mariscos achados numas collinas da freguezia do Milharado (Mafra)—pag. 18.

Duas pedras, achadas em Lagos, com caracteres desconhecidos—pag. 18.

Um sello de El-Rei D. Affonso IV.—pag. 30.

Fragmento romano de cornija corinthia—pag. 31.

Amostras de materiaes de construcção—pag. 56.

Busto de Boitaca, architecto do mosteiro dos Jeronymos (Lithographia)—pag. 58.

Lapida de granito, com uma inscripção em hebraico, que estava no convento das freiras de Monchique—pag. 77.

- Collecção de instrumentos de musica, chinezes—pag. 96.
- Tumulo d'El-Rei D. Fernando I (Photographias)—pag. 96, 121 e 153.
- Amostras de materiaes de construcção—pag. 103.
- Lapida com uma inscripção do anno de 1091—pag. 111.
- Fragmentos de azulejos do mostrador de um relógio que havia numa janella da egreja dos Jeronymos—pag. 111.
- Modelos de medalhas—pag. 112.
- Prova de uma moeda de prata do peso de 4,30 grammas, cunhada em Góa—pag. 128.
- Restos encontrados em uma sepultura romana no sitio da Piedade, proximo de Cacilhas—pag. 143.
- Medalha da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes—pag. 144.
- Amostras de materiaes de construcção—pag. 154.
- Telha de barro, com o comprimento de 0,^m42, descoberta em Ferreira do Zezere—pag. 159.
- Escrevaninha da epocha da Renascença—pag. 159.
- Busto de El-Rei D. Fernando—pag. 175.
- Janella em estylo Renascença—pag. 176.

Tomo II (1877 a 1879)

- O Calvario (baixo relevo—Photographia)—pag. 3.
- Azulejos da Sé Velha de Coimbra—pag. 15.
- Photographias de varias antigualhas encontradas nas excavações de Citania e de Sabroso—pag. 31 e 61.
- Balas de pedra achadas no campo de batalha do Salado e dois turbantes de marmore branco, procedentes de uns tumulos musulmanos—pag. 47.
- Menção de offertas para o Museu—pag. 60.
- Machados de bronze da epocha prehistorica, descobertos na Beira Alta—pag. 61.
- Medalha commemorativa da inauguração do monumento a Camões, em Lisboa—pag. 61.
- Distinctivo de socio da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes—pag. 66.
- Janella em estylo Renascimento (Photographia)—pag. 71.

- Vistas de construcções e objectos descobertos em cinco terra-
mares de Italia (habitações lacustres)—pag. 75 e 80.
- Collecção de moedas medalhas brasileiras—pag. 112.
- Objectos romanos descobertos em Tavira—pag. 112.
- Urna cineraria, de barro, descoberta no Cartaxo—pag. 112.
- Sarcophago de D. Gonçalo de Sousa (Photographia)—pag. 124.
- Cabeça e meio corpo de um leão—pag. 143.
- Um *celt* em diorito, de pequenas dimensões (amuleto)—pag. 143.
- Machados de bronze—pag. 143.
- Lapida com uma inscripção do seculo xvii—pag. 143.
- Figura, em meio corpo, de El-Rei D. Affonso Henriques—pag. 162.
- Ceramica franceza—desde o seculo de Luis xiv até ao final do
seculo xviii—pag. 162.
- Photographias das ruinas de Khamer—pag. 163.
- Azulejos pertencentes á antiga habitação real do palacio do Cal-
vario—pag. 180.
- Modelos dos baixos relevos de dois templos do Alto Egypto—
pag. 180.
- Collecção de specimens de diferentes estações prehistoricas—pag.
180.
- Cabeça, em gesso, de Damião de Góes—pag. 195.

Tomo III (1880 a 1882)

- Copia de um dos craneos provenientes das Novas Hébrides—
pag. 12.
- Collecção de antiguidades do Mexico e do Perú—pag. 13.
- Collecção de medalhas brasileiras—pag. 13.
- Museu do Carmo—artigo descriptivo (Photographia)—pag. 25.
- Machados de bronze descobertos em Portugal (Lithographia)—
pag. 45.
- Christo preso á columna—Esculptura do seculo xiv (Photographia)
—pag. 75.
- Altar de marmores com embutidos de côres, pertencente á igreja
do extincto convento dos Loyos—pag. 78.
- Azulejo com lavor em relevo de côr verde, achado no interior de
uma parede do monumento de Thomar—pag. 78.

Fragmento de mosaico, com duas côres, achado nas ruínas de Troia, em Setubal—pag. 79.

Machado da epocha neolithica encontrado na America do Sul—pag. 93.

Desenhos de cabeças antigas de bronze descobertas em Croix-St.-Ouen (Oise)—pag. 93.

Machados de bronze, com duas azas, descobertos na Covilhã—pag. 112.

Prensas de bronze para cunhar moeda—pag. 112.

Museu archeologico do Carmo (Capitulo extrahido do Boletim da Sociedade Franceza de Archeologia—n.º 47, 5.ª serie, t. IX)—pag. 123.

Janella do antigo edificio monumental do convento dos Jeronymos em Belem (Photographia)—pag. 144.

Mosaico dos banhos romanos em Vizella (Photographia)—pag. 145.

Machado de bronze do typo da Abrigada—pag. 159.

Esculptura em granito—final do seculo XII—Imagem de Christo sobre o pescoço do Cordeiro—pag. 159.

Fragmentos de materiaes de construcções romanas—pag. 159.

Fragmentos encontrados em dolmens do districto d'Evora—pag. 159.

Sarcophago de um filho natural d'El-Rei D. Diniz (Photographia)—pag. 169.

Descripção de alguns objectos das ruínas da igreja do Carmo (Lithographia feita em 1882)—pag. 187.

Padrão de azulejos de fabrica hollandeza, pertencentes ao palacio do Côrte Real—pag. 189.

Quatro chaves com as guardas historiadas—pag. 189.

Tijolo romano encontrado nas thermas de Nabancia—pag. 189.

Tomu IV (1883 a 1885)

Menção de offertas feitas ao Museu—pag. 1 e 18.

As armas de fogo desde a sua remota origem até aos tempos modernos (Estampas)—pag. 14.

Estampas sobre assumptos religiosos—pag. 14.

Grimpa do principio do seculo XVI e azulejos—pag. 14.

Moeda de ouro do tempo dos godos—pag. 14.

Menção de objectos entrados no Museu—pag. 18 e 19.

Fragmento da parte superior de uma amphora apanhada pelos pescadores no rio Sado—pag. 32.

Cópia da inscrição romana descoberta em Argel no anno de 1870—pag. 40. (Photographia).

Fragmento de argamassa romana, em que se vêem incrustados vestígios calcareos crystalisados—pag. 47.

Esculptura de alto relevo, representando um corvo, com duas iniciais: S. V.—pag. 47.

Lapida com um emblema.

Capitel encontrado num pateo pertencente ao extincto convento dos Caetanos em Lisboa—pag. 48.

Estampa da grande argola de ouro achada em Penella no anno de 1883—pag. 62.

Uma arma celtica—clavay—pag. 64.

Brazão e medalhão com um busto em marmore, do extincto convento dos Caetanos—pag. 64.

Decalco de uma inscrição romana de um cippo e fragmentos de telhas romanas com a marca de oleiro—pag. 64.

Frechas e arcos das tribus habitantes do Amazonas—pag. 64 e 95.

Figuras e ornatos do extincto convento de Santa Iria em Thomar—pag. 64.

Tijolo, em que se veem caracteres desconhecidos—pag. 64.

Brazão de marmore branco, com o emblema de um leão sobre o capacete—pag. 64.

Tampa concava de barro da epocha romana—pag. 78.

Objectos muito curiosos achados no fundo do mar—pag. 95.

Fragmento de mosaico romano encontrado no logar de Colombeiros—pag. 95.

Marco milliaro da epocha de Augusto—pag. 110.

Mumias do Perú—pag. 126, 142, 143 e 190 (Photographia).

Lapida com inscrição romana—pag. 127.

Craneos de habitantes do Perú—pag. 143.

Machado de pedra e ponta de seta de cobre—pag. 143.

Estatueta d'ElRei D. Affonso VI—pag. 144.

Restos da capella portatil onde se celebrou a missa a que assistiram na ilha de S. Miguel 7500 liberaes—pag. 31.

Primeiro plano de construcção do real palacio da Ajuda—pag. 32.

Machados de pedra, machados votivos, cachimbos de barro e uma espada de madeira tendo nos dois lados dentes de peixe—pag. 32.

O primeiro farol que se estabeleceu em Portugal, no anno de 1535 figura de granito e uma lapide com inscripção, que o bispo de Viseu D. Miguel da Silva mandou collocar sobre um rochedo na foz do Douro—pag. 47 e 80.

Instrumentos prehistoricos da pedra polida e um fragmento de ceramica encontrado em um dolmen no Alemtejo—pag. 48.

Objectos prehistoricos vindos da America do Norte—pag. 95.

Inscripção junto ao portal do Museu—pag. 96.

Brazão de marmore que estava na antiga muralha da cidade, á Ribeira Velha—pag. 143.

Outro, pertencente á Universidade de Lisboa (edificio das Escolas Geraes) em 1431—pag. 143.

Instrumentos de cobre descobertos nas proximidades de Leiria—pag. 159.

Brazão da familia dos Coutinhos—pag. 175.

Arco e flechas tomados a uma tribu de Indios ao norte de Minas (Bahia)—pag. 175.

Um exemplar de ceramica dos Indios, polychromo—pag. 190.

Tomo VI (1888 a 1890)

Sepultura do Cardeal da Motta—pag. 32.

Imagem de pedra, de S. João Nepomuceno—pag. 32.

Placas de schisto da Serra d'Ossa (Lithographia)—pag. 46.

Instrumentos prehistoricos da Dinamarca e da França—pag. 80.

Vistas photographicas de Paris—pag. 80.

Moedas de prata arabes—pag. 111.

Medalha de prata commemorativa do monumento erigido no Busaco—pag. 127.

Referencias ao Museu do Carmo—pag. 135.

Esculptura do seculo XII: Um facto da Paixão de Christo—pag. 191.

Tomo VII (1894 a 1897)

Lapida com inscripção—pag. 13 e 16.

Machados e lança de pedra vindos da Bahia—pag. 63.

Photographias de moveis classificados como trabalho indo-portuguez—pag. 180.

Tomo VIII (1898 a 1900)

Photographias do castello e convento da villa da Feira—pag. 6 e 39.

Photographias publicadas pelo «Portugal artistico e monumental» de Sartoris—pag. 6, 9 e 10.

Capiteis, base e telhas da egreja de S. Miguel de Cintra—pag. 8.

Azulejos do convento de Chellas—pag. 36 e 39.

Estatuas que pertenciam ao monumento a D. Maria I—pag. 38. e 40.

Lanternas dos corredores do mosteiro de S. Bento em Lisboa—pag. 41 e 97.

— Imagem de S. Roque—pag. 41, 70, 97 e 98.

Objectos vindos das dependencias do convento de Chellas—pag. 42 e 65.

Quadros de azulejos, almofadas de talha de pinho, pedras de mosaico de marmore—pag. 66.

Baixos relevos em gesso—pag. 99.

Photographia de uma fonte da quinta do Arcediago, em Evora—pag. 131.

Photographias da casa do Arco em Villa Real de Traz-os-Montes—pag. 132.

Descripção do Museu do Carmo—pag. 138.

Medalha commemorativa do 4.º centenario do descobrimento do Brasil—pag. 162.

Photographia do convento de Arouca—pag. 163.

Photographias de um monumento de Thomar—pag. 163.

Estampas da baixella Barahona—pag. 165.

Tomo IX (1901 a 1903)

N.º 1—Escudos de pedra com brazões d'armas e uma imagem de pedra—pag. 21.

Capitel encontrado nas obras do ascensor do Carmo—pag. 21.

Medalha commemorativa do 4.º centenario do descobrimento do Brasil—pag. 21.

- Medalha pernambucana — pag. 21.
- Cruzes de diferentes epochas e typos — pag. 21.
- N.º 3 — Azulejos e candeia mourisca encontrados no largo da Saude, em Lisboa — pag. 9.
- Modelo do Viaducto de S. Sebastião da Pedreira — pag. 31.
- Photographias reproduzindo retratos de portuguezes illustres, conservados na Real Galeria dos Uffizi, em Florença — pag. 32.
- N.º 5 — Brazão d'armas que estava na porta do palacio da Travessa da Queimada, n.º 35. — pag. 24.
- Photographias da fachada, naves e salas do Museu do Carmo — pag. 24.
- N.º 7 — Brazão do Marquez de Cascaes — pag. 6.
- N.º 8 — Brazão d'armas do antigo forte de S. Paulo — pag. 19.
- Lapida com inscripção em hebraico — pag. 19.
- Pelouro de pedra, do castello de Grandola — pag. 20.
- Decalco em gesso da inscripção indiana existente na quinta de D. João de Castro em Cintra — pag. 20.
- Decalco duma divisa, empresa ou brazão de D. Alvaro de Castro — pag. 20.
- Brazão d'armas de Lisboa — pag. 20.
- N.º 9 — Photographias tiradas no Museu do Carmo: 2 do monumento a D. Maria I e uma do tumulo de D. Fernando I — pag. 10.
- N.º 11 — Medalha de cobre do XI anno do Pontificado de S. Santidade Pio IX, commemorativa do dogma da Immaculada Conceição — pag. 7.
- N.º 12 — Capitel de marmore — pag. 17.
- Curioso brazão d'armas — pag. 17.
- Brazão d'armas do palacio denominado do Cova — pag. 17.
- Lapidas que estavam junto da porta da egreja do extincto convento de Santa Martha — pag. 17.

Tomo X (1904 a 1906)

- Decalco em gesso de uma inscripção existente no cruzeiro da Quinta das Laranjeiras — pag. 201.
- Reprodução em gesso de um baixo relevo *A Adoração dos Reis Magos* — pag. 203.
- Medalhas em homenagem ao Conselheiro Augusto José da Cunha e ao doutor José Thomaz de Sousa Martins — pag. 232.

Pedras de um cruzeiro com a data de 1736 e um versiculo do Ecclesiastes—pag. 232.

Moedas brazileiras—pag. 232 e 233.

— Vaso italo-grego—pag. 232.

Medalhas commemorativas do 4.º centenario da descoberta do caminho maritimo para a India e uma caixa de rapé com o retrato da Rainha D. Maria II—pag. 233.

Moeda romana—pag. 233.

Photographias dos cruzeiros de Grijó e Albergaria—pag. 293.

Pedras tumulares existentes no edificio do extincto convento de Chellas—pag. 323 e 429.

Gargalo da cisterna do Convento do Carmo—pag. 429.

Varios fragmentos de marmores, restos do antigo portal de entrada do mesmo convento e do catavento que pertenceu á torre da respectiva egreja—pag. 429.

Pilares e lapida sepulchral, pertencentes ao convento de Santa Clara—pag. 429.

Columnas de marmore, duas bases, dois capiteis, e duas talhas de barro vidrado muito antigas—pag. 430.

Medalhas portuguezas de diferentes reinados—pag. 430.

Photographia da Casa onde nasceu Dr. Frei Caetano Brandão—pag. 430.

Campa de Fernão Lopes Corrêa, com inscripção e brazão d'armas—pag. 430.

Photographias do antigo Museu Municipal do Porto—pag. 430.

Azulejos representativos da vida de S. Francisco de Paula—pag. 494.

Objectos encontrados nas excavações para construcção da linha electrica nò Rocio (Maio de 1901)—pag. 495.

Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro—pag. 499.

Objectos enviados para o Museu por ordem do Director da Escola Polytechnica de Lisboa—pag. 689.

Quadro com 6 azulejos arabes—pag. 690.

REAL ASSOCIAÇÃO
DOS
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ACTA N.º 34

Sessão da Assembléa geral em 22 de Junho de 1908.

Presidente—Rosendo Carvalheira.

Secretario—Gustavo de Matos Sequeira.

Vice-Secretario—Victor Ribeiro.

Foi aberta a sessão ás 9 horas e dez minutos da noite estando presentes, alem da mêsã, os dignos socios srs. Dr. Arthur Lamas, Eduardo Augusto da Rocha Dias, Julio Augusto Ferreira, Mons. Elviro dos Santos, D. José Pessanha, Antonio Cesar Mena Junior, José Queiroz, Ernesto da Silva, Jesuino Arthur Ganhado e Francisco Soares O'Sullivan e depois de lida a acta da sessão anterior pediu a palavra sobre ella Mons. Elviro dos Santos que perguntou á mesa se as suas propostas ficavam transcriptas nesse documento, ao que o sr. Presidente respondeu afirmativamente, tanto mais que já isso ficára resolvido na sessão anterior.

O mesmo orador, aproveitando ter a palavra concedida, refere-se á aceitação que teve a sua proposta na ultima assembleia geral, citando, em refôrço e abono da sua opinião, os nomes autorizados de Garrett, Silva Tulio, Vilhena Barbosa, Gómes de Brito e Visconde de Castilho, permittindo a assembleia a leitura de um trêcho do primeiro destes escriptores, transcrito na obra que o sr. Filipe Nery de Faria e Silva escreveu sobre a Conceição Velha. Mons. Elviro dos Santos crê que a assembleia parte de um ponto errado para a apreciação da sua proposta. A ruina da Conceição Velha não é uma ruina morta, como foi classificada pelo sr. José Alexandre Soares. Poderá chamar-se assim ao templo de Diana, em Evora; a esta não. Sua Ex.^a termina dizendo desejar que fique bem expresso na acta não concordar com semelhante opinião e que se o desenho e a planta se fizeram foi a instancias suas e não por diligencia colectiva.

Pede tambem a palavra, sobre a acta, o sr. Victor Ribeiro que inquire das diligencias feitas com referencia á visita do Dr. Feilchenfeld e com respeito á collocação dos retratos, sendo-lhe pelo signatario desta comunicado que procurára, como fôra decidido, o nosso digno consocio Gabriel Pereira a fim deste senhor se encarregar pessoalmente do convite e que elle, amavelmente, se prestára a essa incumbencia; e que não estando presente o sr. Visconde da Torre da Murta nada de positivo podia dizer quanto aos retratos.

Em seguida o sr. Presidente põe a acta á votação com as interpeleções feitas, a qual é aprovada.

Passa-se depois á leitura do expediente, que consta dos seguintes documentos:

1.º Officio do presidente demissionario da delegação em Braga, acusando a recepção de um officio desta associação em que se pediam providencias e se solicitava a devida atenção para o estado deploravel do tumulto de Egas Moniz, na igreja do Paço de Sousa, comunicando fazer sciente de tal assumpto o presidente que fosse eleito em seu logar, indiciando tambem, para o desempenho desse cargo o Dr. João Teixeira da Silva.

Ficou decidido officiar-se, confiando á delegação, como deve ser, o encargo de eleger o seu presidente, fazendo para a séde, posteriormente, a devida communicação.

Nesta altura foi apresentada á mēsa, pelo digno socio, Mons. Elviro dos Santos, uma carta do presidente dessa delegação, Padre Manuel José Martins Capella, em resposta á que este sr. lhe dirigira instando, em nome da associação, pela desistencia do seu pedido de demissão, a qual carta manifestava o proposito firme de deixar o seu logar;

2.º Carta do digno socio, sr. Visconde da Torre da Murta, pedindo desculpa á assembleia de não poder comparecer, em razão do seu estado de saude;

3.º Carta do digno socio, sr. Bernardino José de Carvalho, fazendo identico pedido e declarando associar-se a todas as decisões tomadas pela assembleia;

O sr. vice-secretario, Victor Ribeiro, declarou nesta altura ter recebido verbalmente igual solicitação do digno socio, sr. João Rodrigues Fernandes.

Esgotado o expediente, declarou o sr. Presidente ir passar-se á

ordem da noite e, tomando a palavra, declara ir tratar-se de um assumpto magno, o qual é resolver a forma como impetrar do governo um auxilio ou um subsidio em favor da nossa associação que não é menos prestavel do que outras que tem recebido do governo achêgas dessa natureza. Já se resolveu solicitar o subsidio, resolvamos agora a fórma como tal solicitação se ha de fazer.

É inadiavel tal pretensão. Temos tido ofertas que não podemos aceitar por essa aceitação nos trazer uma despeza com que o nosso cofre não pode arcar.

Como força colectiva, continua o mesmo orador, devemos remover os obstaculos serios que isso acarreta fatalmente. Quando tudo progride, não pôde esta associação quedar-se estacionaria e para progredir precisa de socios. Sua Ex.^a apresenta em seguida o esboço de uma proposta, apenas para servir de base á elaboração do pedido; proposta que é a seguinte.

Attendendo aos comprovados serviços que ha mais de 40 annos tem prestado ao paiz, promovendo e propagando o culto das tradições nacionaes, a Associação dos Archeologos e Architectos Civis Portuguezes e ponderando que durante este largo periodo, à sua iniciativa e propaganda tem sido exclusivamente feita á custa dos proprios recursos associativos e da benemerencia de muitas dedicações pessoas;—considerando ainda, que foi esta benemerita associação quem durante muitos annos manteve o primeiro museu regular d'archeologia do paiz pugnando ardentemente pela conservação e guarda dos monumentos de tradição nacionaes:—considerando mais, que, para successivas acquisições e sustentação do seu museu esta associação tem despendido a quasi totalidade das suas limitadas receitas, tendo por vezes difficuldades em manter o seu benemerito programma e cumprir todos os encargos que elle comporta, proponho que seja nomeada uma commissão de 5 membros que elabore uma petição ponderada e refletida em que solicite do governo um subsidio que auxilie a associação a cumprir o mais amplamente possivel o seu programma benemerito.

O Socio—Rosendo Carvalheira.

Em seguida o sr. Presidente continua no uso da palavra dizendo que pedia a cada um dos socios a sua opinião despreocupada e sincera,

e embora entenda que devemos pedir sem pejo, escutará com agrado a assembleia sobre o seu modo de pensar. Com a falta de socios que nos dificulta a vida associativa, somos forçados a deixar estacionarias as nossas coleções e a não poder augmenta-las. A sua proposta, que traduz sem duvida um assumpto importante, está em discussão.

Pede a palavra Mons. Elviro dos Santos, que pede á mesa o elucide se já estava ou não resolvido pedir-se o subsidio, respondendo afirmativamente o sr. Presidente, ao que o orador precedente redargue não estar de acordo com tal decisão, argumentando com os auxilios que recebemos já, da impressão gratuita do Boletim e da cedencia da séde da Associação; no seu entender, solicitar tal coisa póde redundar em vexame ou tornar-nos dependentes do Ministerio das Obras Publicas.

O sr. Presidente responde, que, respeitando a forma como o orador exprime o seu modo de ver, é de opinião diversa. Desde o momento em que a associação não póde preencher o seu fim, devemos tentar fazel-o e se para o conseguir é necessario o subsidio, pedi-lo não lhe parece senão um passo acertado.

Como mais ninguem pedisse a palavra, foi posta á apreciação a proposta acima transcrita, decidindo a assembleia envia-la a informar ao Conselho Facultativo.

Em seguida o sr. Presidente elucida a assembleia com referencia á aposição da lapide do passo da Moiraria, comunicando que já fôra resolvido pela Camara Municipal, mandar colocar a inscrição e o gráfico a que já se referira na sessão anterior.

Pede depois a palavra o sr. Silva Leal para mandar para a mesa uma vista panoramica de Lisboa, oferta do sr. João Romano Torres, editor do Diccionario «*Portugal*», ao qual é proposto, na acta, pelo sr. Presidente, um voto de louvor.

Em seguida o sr. Mena Junior` comunica á Assembleia as diligencias empregadas para esclarecimento da pintura das inscrições romanas da rua da Magdalena, a que se refere uma proposta do digno socio Mons. Elviro dos Santos. Procurou o proprietario do predio, sr. Vicente de Castro Guimarães, conseguindo apenas avistar-se e tratar com o seu guarda livros que ficou de falar ao proprietario. Quem mandou pintar a fachada, não foi porém o sr. Guimarães, mas sim um tipógrafo que é locatario do predio. O sr. Mena termina declarando ten-

cionar procurar segunda vez aquelles cavalheiros, para ver se o incidente se liquidava como é para desejar.

O sr. Presidente declara que a assembleia toma na devida conta as diligencias do sr. Mena e presta homenagem ao zelo de que, mais uma vez, deu provas.

Pede a palavra seguidamente, o sr. Rocha Dias, que comunica á assembleia uma noticia inserta no jornal «*Leiria Illustrada*» de 18-6-908, a respeito do abandono a que está votado o monumento da Batalha, por parte dos poderes publicos.

O sr. dr. Arthur Lamas, propõe que se officie á Commissão dos monumentos nacionaes, e o sr. Presidente, sem prejuizo desta proposta entende que devemos officiar á delegação em Leiria, o que foi aprovado por aclamação.

Pede a palavra o sr. Victor Ribeiro, que lembra á assembleia o valioso artigo do digno socio sr. José Queiroz a respeito dos destroços que no claustro dos Jeronimos teem sido e estão sendo feitos pelos alunos da Casa Pia, declarando que se sentiu que taes destroços se fizessem, não menos sentiu que fosse contestada a sua existencia.

Fizeram-se desaparecer os vestigios, sem duvida; chama sobre o assumpto a atenção da assembleia que decidirá se deve ou não intervir no incidente.

Pede a palavra o sr. José Queiroz que, agradecendo em primeiro logar as palavras do sr. Ribeiro, comunica que se não fosse isso não traria á discussão um assumpto em que elle pessoalmente interviera. Fez-lhe dó e magua ver o pouco cuidado com que se vigiam os alunos permitindo que se deteriorem as arcadas do claustro. Escreveu por isso para o «*Seculo*» e foi contestado nas afirmações que fizera. Felizmente, continua o mesmo orador, vieram mais pessoas em meu auxilio e tem, se for preciso, testemunhas que virão provar em publico a sua asserção. O sr. Alipio Leitão ficou vexado de ver como era tratado pelos estudantes aquelle inapreciavel documento e a um redactor da «*Illustração Portuguesa*» foi contado um caso identico; e não só se estraga, insultam-se e desacatam-se os visitantes.

O sr. Presidente, tomando a palavra, aplaude a ideia do sr. Victor Ribeiro e o zêlo, nunca desmentido, do sr. Queiroz e entende que temos o direito de intervir. Os muitos serviços que se devem ao sr. Costa Pinto, não impedem que o seu criterio como artista fique em plano inferior ao sr. José Queiroz, e não só julga que temos o direito

como archeologos. entende tambem que temos, como portuguezes amantes da sua terra, o dever de intervir. E certo que o sr. Provedor da Casa Pia, insiste, ha quatro annos, para que se complete o resto do edificio, ao norte do monumento, com o fim de se remover da parte historica tudo quanto são installações escolares. Apesar dos seus esforços o edificio ainda está por concluir. Por sugestões minhas, continua sua Ex.^a, consegui que nas instancias superiores aceitassem o alvitre de uma rua que separasse e isolasse a parte monumental do edificio. O Pateo tem do lado sul o topo do muro descoberto que seria o limite natural dessa rua. O traçado architectonico da sala do refeitório é tambem interessante e em tempo esteve reservada para um museu.

Quando se concluirão taes obras, não é facil prever.

O sr. José Queiroz, tomando, nesta altura a palavra, diz que creê absolutamente nas boas intenções do sr. Costa Pinto, mas o que é, sem duvida, um facto é que a permanencia dos estudantes dá occasião a perpetração de continuos vandalismos e por isso julga que o melhor seria mandar provisoriamente o recreio para outro local, ao que o sr. Presidente redargue que os alunos teem por ali passagem forçada, visto o claustro ser uma serventia nas installações do internato, e que se oferece para diligenciar conseguir o proseguimento das obras a que já se referiu.

Pede a palavra Mons. Elviro dos Santos que lembra se officie á Commissão dos Monumentos Nacionaes, lembrando tambem o sr. Victor Ribeiro que a Associação se dirija ao sr. Costa Pinto lamentando o sucedido e pedindo providencias para se evitar a continuação desses abusos, visto que é ao pessoal superior daquelle estabelecimento que compete o papel de educadores, fazendo ver aos estudantes o valor artistico e historico do monumento.

O sr. José Queiroz cita a proposito ter visto em Espanha, na cidade de Malaga, um respeito notavel pelos muitos monumentos da cidade, onde a archeologia se não póde queixar da irreverencia impensada da gente nova. Impressionou-o isso e por isso o refere.

Toma a palavra o sr. Presidente, que lamenta a falta de educação de que enferma a mocidade das escolas e lembra ainda á assembleia outra solução, que é a delle, orador, procurar pessoalmente o provedor da Casa Pia, pois, na sua opinião, julga possivel que a linguagem burocratica de um officio vá acirrar a questão que pode assim resolver-se á bôa paz; ideia esta a que o sr. D. José Pessanha declara

associar-se gostosamente, aplaudindo as palavras do sr. Victor Ribeiro, com referencia á elogiosa iniciativa do sr. José Queiroz. No seu entender os esforços por nós empregados podem ter dois objectivos. Conseguir que os rapazes se recreiem fóra do claustro talvez se faça por um officio; mais do que isso não. A resolução de separar o estabelecimento de ensino da parte monumental era a mais judiciosa, e essa só a podemos conseguir solicitando-a do governo, por intermedio da Comissão dos Monumentos Nacionaes. O alvitre do sr. Presidente, acha-o, nesta ocasião, o mais viavel. A outra tentativa de que falou póde e deve ser objecto de uma representação.

O sr. Presidente diz que trará a planta das obras a realizar para melhor elucidação da assembleia que aprova, por aclamação, as diligencias officiosas feitas pelo sr. Presidente.

Ultimado este assumpto pede a palavra o sr. D. José Pessanha e refere-se a um opusculo publicado pelo sr. Manuel Monteiro ácêra do igreja de Rates o qual se divide em duas partes, um estudo sobre a difusão do estilo romanico em Portugal e uma monografia do monumento. Entende que este trabalho, como os do sr. Joaquim de Vasconcellos, merece a nossa atenção.

O sr. Victor Ribeiro declara associar-se ás palavras do seu illustre consocio. O sr. Presidente, em seguida, congratula-se pelo trabalho do sr. Manuel Monteiro, nosso consocio, assim como pelos estudos sobre monumentos nacionaes feitos pelo sr. Joaquim de Vasconcellos. Acrescenta ainda ter sobre a mesa um novo trabalho do sr. Dr. Arthur Lamas sobre a Medalha Comemorativa da Guerra Peninsular que alem de ter uma flagrante oportunidade, é uma obra de investigação interessantissima decerto, como todas as deste nosso prestante consocio.

Em seguida ás palavras de agradecimento dirigidas pelo sr. Dr. Lamas ao sr. Presidente, leem-se duas noticias do «*Seculo*» referentes a uns achados archeologicos feitos em Torres Novas, e em Gaya, e em seguida trocaram-se impressões na assembleia sobre o abandono a que estão votados os caixões de Garrett e de João de Deus, depositados nos Jeronimos, e sobre a utilização deste templo em Pantheon.

Não havendo mais assumptos a tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão ás 11 e 25 minutos da noite.

Socios inscriptos em 1907 (*)

Effectivo

Gustavo de Mattos Sequeira.

Correspondentes

Caetano (Dr.) Xavier d'Almeida da Camara Manuel (Evora).

Conde de Almarjão (Castello de Vide).

Gonçalo (Rev.) Joaquim Fernandes Vaz (Braga).

Joaquim (Rev. conego) Maria Duarte Dias (Santarem).

José Carlos Diogo Lopes da Costa Theriaga (Leiria).

José (Rev.) Ferreira de Lacerda (Vieira-Leiria).

José Martins Peixoto (Braga).

Manuel (Dr.) Monteiro (Braga).

Viriato Antonio Caetano Braz de Albuquerque (Gôa).

Visconde de Fraião (Braga).

1908

Effectivo

Dr. Jordão Apollinario de Freitas.

Correspondente

Canisarro, architecto e engenheiro italiano.

(*) Vej. *Boletim* d'esta Associação, tomo XI n.º 1 pag. 72.



Aldeia Gallega do Riba-Tejo—Egreja do Espirito Santo